

SOMNIUM

Revista do Clube de Leitores de Ficção Científica — Jan/Fev 92 — n° 55



Somnium®

Nº 55 - Jan/Fev 92 - Ano 7

Editor - Lúcio Manfredi

Tiragem - 200

Índice

Editorial	3
Cartas	4
Noticiário	
Nacional	5
Internacional	8
Onde Nenhum Homem	
Jamais Esteve	12
Artigos	
Gene Roddenberry	14
Guerra Nuclear: um tema que a ficção científica perdeu?	18
Um Folhetim Futurista do Século XIX	21
Contos	
Um Dia com Júlia na Necrosfera	25
Vamos Dançar	39
Ponto de Vista	61
Resenhas	
Videoficção	64
O Melhor de Robert Silverberg	67
Está Vendo a Cama?	
Está Vendo o Gato?	71
Crônicas do André	
Sincronicidades ou Coincidências?	72

Somnium® é o fanzine oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica - C. L. F. C. Aceitam-se colaborações, que ficam sujeitas à apreciação da Editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os artigos assinados são creditados a seus autores e não refletem necessariamente a opinião da Editoria. As demais matérias estão sob responsabilidade da Editoria.

O Clube dos Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo aos 14 de Dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob nº 79.416/86.

Sua diretoria para o biênio 92/93 está composta pelos sócios Luiz Marcos da Fonseca (Presidente), Roberto César do Nascimento (Secretário Executivo) e Humberto Fimiani (Tesoureiro).

Toda correspondência relativa à editoria deve ser remetida para Luiz Marcos da Fonseca, Av. Professor Jorge Correia, 1259 - Araraquara - SP - CEP 14800.

Ilustrações

Capa: Schima, baseado no conto *Vamos Dançar*

Causo: pag. 24, baseado no conto *Um Dia com Júlia na Necrosfera*

Schima: pags. 7, 11, 13, 38, 60, 63

Hiro: pag. 66;

KIL: pags. 70, 73

Zeo: pag. 74

Páginas centrais: Schima e Giorgio

Colaboraram neste número:

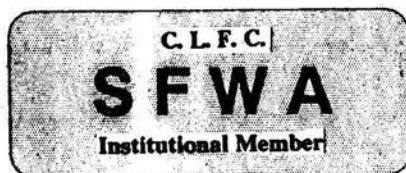
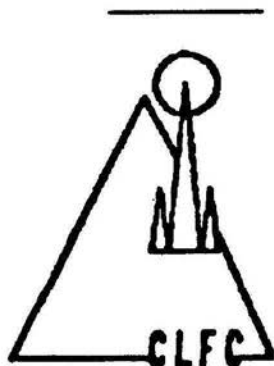
71 Norberto de Paula Lima em editoração eletrônica, e

72 Luiz Marcos da Fonseca na montagem.

Aquiles e a tartaruga: o segundo paradoxo de Zenão exerce uma atração intermitente para a ficção científica. Em *Simulacron-3*, de Daniel F. Galouye, ele é a primeira chave que os personagens descobrem para revelar a condição de simulacros de si mesmos e do mundo em que vivem. Em *Roderick*, de John Sladek, o robô que dá título ao livro é fascinado por todas as versões possíveis e imagináveis das dicotomias de Zenão, que igualmente despertaram a atenção do cyberpunk Lewis Shiner. A tartaruga, nos diz Zenão, não poderia ser alcançada na corrida nem mesmo pelo mais veloz dos corredores devido à infinitude do tempo.

O atraso e o *Somnium*: desde que assumimos a editoria, e isso foi já há seis meses, este é o segundo número que sai da gráfica. O que dá uma média estatística (!) de um número a cada três meses. Não é mau, se considerarmos que se trata de uma publicação bimestral. Claro, na prática não é assim que as coisas funcionam - como, aliás, os economistas sabem melhor do que eu. O primeiro desses dois números saiu no início do semestre e o segundo, em seu término. Nesse meio tempo, muita coisa aconteceu, que ficou de fora das páginas do *Somnium*. A mais importante delas foi, sem dúvida, a morte do Bom Doutor, sobre quem ainda ficamos a dever uma homenagem à altura de seu lugar na FC. Quanto aos motivos do atraso, expô-los no detalhe exigiria mais espaço do que o disponível neste editorial. Mas, em sendo imprescindível uma justificativa, poderia resumir dizendo que montar um semiprozine enquanto se tenta conciliar uma vida profissional atribulada com uma não menos confusa vida universitária, ao mesmo tempo em que se muda de casa e tenta-se instalar uma nova rotina diária minimamente coerente não é, acreditem, tarefa das mais simples. Alcançar a periodicidade regular do *Somnium*, ao contrário do problema de Aquiles, é uma questão que depende da finitude do tempo. Assim, resta-nos uma vez mais lamentar o atraso e assegurar ao leitor que estamos fazendo o possível para saná-lo.

O EDITOR



Cartas

Olá, Manfredi:

Escrevo-lhe um tanto tardiamente para parabenizá-lo pelo *Somnium* 54, que manteve o nível das edições anteriores, e para agradecer a divulgação de meus desenhos.

Espero que consiga ir aguentando o "abacaxi", apesar dos contratempos.

Remeti não faz muito tempo um conto para o Luiz Marcos que fiz em homenagem ao Bradbury e, posteriormente, a respectiva ilustração acrescida de outros desenhos para as páginas centrais. Parece que sairá no *Somnium* 56. Fazia muito tempo que eu não mandava um conto para o boletim e, por sinal, eu ando um tanto parado nos escritos e desenhos, voltando gradualmente.

Bom, sei que deve andar ocupado e, por isso, vou ficando por aqui. Boa sorte com o "abacaxi" e, mais uma vez, grato pela divulgação.

Forte abraço,
Roberto Schima

Schima, obrigado pela força. Como você deve estar percebendo, tocar o *Somnium* não é mole, não. Mas, com a ajuda dos sócios e colaboradores, acho que dá pra ir levando. Por isso, naturalmente, a gente aguarda ansiosamente as suas colaborações.

Lúcio Manfredi,

Sou sócio nº 252. Espero não incomodá-lo em demasia. Estou escrevendo para dar uma força ao novo editor do *Somnium*, você, pelo muito bom nº 54. Atrasado, mas chegado. Mantendo o bom nível dos anteriores e com disposição para ir além. Continue assim. Por sinal, quando sai o 55?

Bem, lhe escrevo para dar sinal de que a Oficina Literária Papirus, um projeto para um fanzine, está parado. Já deve ter recebido material meu, pelo que escreveu-me o Luiz Marcos.

Anexo, vão três desenhos feitos pelo meu irmão mais novo, de 15 anos, Daniel Pereira dos Santos. Dois deles são desenhos simples, com o símbolo do CLFC, e um, o maior, é um desenho sobre a série mais odiada do Brasil, Perry Rhodan.

Sei que não é de praxe receberem desenhos dos de fora, mas meu irmão não se associa, por falta de experiência e prática. Gosta de HQ, só. Não lê muito FC, o que é uma pena.

Atenciosamente
Alexandre Pereira dos Santos

Alexandre, apesar do nome, o CLFC está aberto aos fãs de qualquer manifestação da ficção científica, não apenas literatura. É realmente uma pena que o seu irmão não leia muito FC, mas isso não é impedimento para ele se associar. Muitos outros membros do clube são aficionados por HQ. Quanto aos desenhos, já foram passados ao Luiz Marcos, que é quem se ocupa das ilustrações do *Somnium*. Agora, que Perry Rhodan seja a série mais odiada do Brasil, acho que o Causo não concordaria com você, não.

ISAAC Magazine
ASIMOV

**MENSALMENTE
NAS BANCAS**

* O Clube de Ficção Científica Antares comunica o cancelamento da Caixa Postal 2866 e solicita que toda correspondência seja enviada para Av. Ipiranga 1865 Aptº 3, Porto Alegre RS, 90060.

* O CLFC-Rio, ativo como sempre, acaba de criar sua Oficina Literária. Os interessados em participar queiram escrever para José dos Santos Fernandes (Rua Barão de Itapagipe 200/101, Rio de Janeiro RJ, 20261). Mais uma iniciativa a ser prestigiada, pois oferecerá uma ótima oportunidade aos que desejarem aprimorarem seu trabalho como ficcionistas.

* *Recado* nºs 146 a 157, publicação semanal da Devir, formatinho, ofsete. Os nºs 146/7 e 157 trazem o update periodicamente publicado pela importadora, com as novidades para os aficionados. Além do *Recado*, a Devir tem publicado material informativo para os fãs dos RPG. Caixa Postal 15238, São Paulo SP, 01537.

* *Repórter HQ* nº 43, boletim oficial da CPHQ, formatinho, 20 páginas, xérox. Mantendo a tradição, uma publicação repleta de bom material para os fãs das HQs. Rua Selênio 264 Conj. 201, Belo Horizonte MG, 30480.

* *Megalon* nºs 18 e 19, ofício, 54 e 56 páginas, xérox. Como sempre, edições cheias de material diverso e de boa qualidade assinado por Schoereder, Calife, Carqueija, Fernandes(s) e outros, além das colunas regulares habituais. Um fanzine premiado e que vale a pena receber. Mesmo sabendo dos problemas por que passam os editores amadores, e apesar da qualidade do material, o preço deste zine está ficando um pouco salgado. Av. Clara Mantelli 110, São Paulo SP, 04771.

* *Antares* nº 50, jun/jul-91, duplo ofício, 16 páginas, xérox. Enviado pelas mãos de minha amiga Teca, chega atrasado mas de alguma forma reata o contato desta coluna

com este que é um dos clubzines de FC pioneiros em nosso fandom. Traz o resultado do III Prêmio Nacional de Ficção Científica, cartas, noticiário geral e conto de Miguel Carqueija. Av. Ipiranga 1865 Aptº 3, Porto Alegre RS, 90060

* ... *E No Próximo Episódio* nº 5, jun/jul-91, formatinho, 28 páginas, ofsete, capa cartonada, grampos na lombada. Muito atrasado, vem com material variado sobre seriados e programas de TV e foca *The Twilight Zone (Além da Imaginação)* como tema central. Caixa Postal 15608, São Paulo SP, 03398.

* *JetCom* nºs 4 e 5, nov/dez-91 e jan/fev-92, A-4, 14 páginas ambos. xérox. Zine dedicado a Star Trek, traz material sobre dublagem nas séries e filmes, artigos, notícias e charges. Um dos únicos zines nacionais - o outro é o Diário de Bordo - voltados especificamente a ST. Caixa Postal 873 Ag. Central, Rio de Janeiro RJ, 20001.

* *Diário de Bordo* nº 8, 20 páginas, ofsete, capa em duas cores, grampos na lombada. Este número tem produção profissional de muito bom nível, e traz material variado de interesse dos fãs de ST. Caixa Postal 14592, São Paulo SP, 03698.

* *Informativo Orcade*, duas edições, sem número ou mês de referência, ofício, xérox. Informativo rápido da Orcade, dedicado aos sócios e admiradores de quadrinhos e desenhos animados. Caixa Postal 7919, São Paulo SP, 01051.

* *Jornal do Fã* nº 3, jan/fev.92, A-4, 16 páginas. Publicação da Livraria Francisco Alves para divulgação de suas publicações dedicadas ao universo fantástico. Notícias, cartas, resenhas, artigos, entrevistas e promoções vêm fazendo crescer este jornal coordenado por Sylvio Gonçalves. Para receber, escreva para Rua Sete de Setembro 177, Rio de Janeiro RJ, 20050.

NAS PRATELEIRAS

* Na sua nova série dedicada a Star Trek, a Aleph coloca à disposição :

02. *Encontro em Farpoint (Encounter at Farpoint*, David Gerrold, 130 pag), com tradução de Vivi Humphreys e ilustrações internas de Leonardo Bussadori. A semelhança do primeiro volume, dedicado à série "clássica", este segundo volume, dedicado à "nova geração", abre com apresentação dos principais personagens e fecha com dois glossários, um específico de ST e outro mais geral com verbetes sobre diversos assuntos. Destaque para um texto *in memoriam* de Gene Roddenberry, recentemente falecido. Encartada, uma "filipeta" de divulgação da Frota Estelar Brasileira. Desta vez a propaganda de outras publicações da editora nas páginas internas é bem discreta, mas ainda seria mais interessante concentrá-la nas últimas páginas do volume. Deveria haver mais cuidado no lay-out das lombadas, para alinhar os elementos gráficos fixos.

03. *Efeito Entropia (Entropy Effect*, Vonda N. McIntyre, 190 pag), com tradução de Norberto de Paula Lima. A estrutura deste volume segue a mesma já mencionada acima.

* A Melhoramentos publicou *Enigmas dos Viúvos Negros (Puzzles of the Black Widowers*, Isaac Asimov, 204 pag), com tradução de Honório Lisboa Neto e capa com arte por computador. Coletânea de 12 contos escritos/publicados entre 1984 e 1989, 5º volume da série. Uma boa oportunidade para conhecer/ampliar seu conhecimento desta faceta da ficção de Asimov, na qual ele explora o gênero "mistérios & enigmas". Surpreendente o preço da edição comparado a outras semelhantes.

* A Carthago Editorial está lançando o livro *Mergulho no Fim*, de Nilo Alge, enquadrando-o como um texto de FC. No release, a editora resume : "os personagens são quatro

casais, de diferentes profissões, cujas vidas se entrelaçam numa trama que reflete a preocupação de muitos cientistas, sociólogos e pessoas de outras profissões - a controvertida questão da felicidade humana". Para conferir.

* *O Cinema Além da Imaginação* é uma dissertação de Mestrado em Artes junto à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, apresentada por Heitor Capuzzo em dezembro de 1988, e que foi publicada no final de 1990 pela Editora Fundação Ceciliano Abel de Almeida, da Universidade do Espírito Santo, onde o autor é professor adjunto de Centro de Artes. A dissertação, que recebeu nota máxima e recomendação para publicação, apoia-se no seriado *The Twilight Zone* e mostra o modo pelo qual os estúdios cinematográficos norte-americanos realizam alguns segmentos de sua produção e as possíveis razões do grande sucesso e das enormes receitas de bilheteria durante a chamada "era de ouro" dos estúdios.

Os principais tópicos do volume são : considerações sobre o "filme B", o cinema industrial e os gêneros, a ficção científica "B" nos anos 50, o seriado televisivo, e uma análise específica sobre *The Twilight Zone*.



O QUE VAI POR LÁ

* M. C. Summer foi o vencedor do penúltimo trimestre do L. Ron Hubbard's Writers of The Future Contest, recebendo o prêmio de US\$ 1 mil e habilitando-se ao grande prêmio anual de US\$ 4 mil. O segundo lugar ficou com Mark Budz (\$ 750) e o terceiro com Sam Wilson (\$ 500). Persistente, M. C. Summer concorre há alguns anos, tendo sido semi-finalista em 1987 e 1988, finalista em 1989 e menção honrosa em 1990, sempre nas seleções trimestrais, antes de finalmente ganhar uma fase do concurso anual.

Já no último trimestre, os vencedores foram Steve Woodworth, Wendy Rathbone e Mike E. Swope

* Entre os cartões de Natal recebidos no final do ano passado, os de Elizabeth Anne Hull e Frederik Pohl, Boris Sidyuk (Ucrânia), Kristine e Orson Scott Card

* O 9º Clarion West Writers Workshop acontecerá de 21/06 a 31/07 no Seattle Central Community College, em Seattle (VA), e terá como instrutores Nancy Kress, John Shirley, Pat Cadigan, Gardner Dozois, Howard Waldrop e Dan Simmons. A inscrição custa a bagatela de US\$ 1095, fora alojamento e alimentação. Os interessados escrevam para Clarion West, Suite 350, 340 15th Avenue East, Seattle VA 98112, USA

* Em apenas seis meses, um enfeite de mesa chamado "The Starship Enterprise Keepsake Ornament", iluminado, oferecido pelas lojas Hallmark ao preço de US\$ 24.95,

vendeu nada menos que 410 mil exemplares. Para satisfazer as encomendas ainda não atendidas, a Hallmark mantém o fabricante trabalhando 24 horas por dia, sete dias por semana. É uma recorde absoluto de vendas no gênero

* A MagiCon, 50ª convenção mundial de FC, a se realizar em Orlando em setembro próximo, já tem até o momento 3.895 membros inscritos. ConFrancisco, a 51ª convenção mundial, será realizada em São Francisco em set/93

* Quatro dos maiores magazines de ficção americanos, *Isaac Asimov's Science Fiction Magazine*, *Analog Science Fiction*, *Science Fact*, *Ellery Queen's Mystery Magazine* e *Alfred Hitchcock's Mystery Magazine*, com seus respectivos acervos e parte de direitos sobre histórias já publicadas, foram vendidos pela Davis Publications para a Dell Magazines, integrante da Bantam Doubleday Dell Publishing Group

* Forrest J. Ackerman anunciou a venda de sua invejável coleção sobre cinema de FC para a cidade de Berlim (Alemanha). O material integrará o acervo do maior museu mundial sobre cinema, cuja inauguração está prevista para 1995 nas dependências do famoso hotel Esplanade totalmente reformado. A transação foi da ordem de US\$ 2 milhões, e o material estará catalogado como "Forrest J. Ackerman Metropolis Archives"

* Depois de intermináveis discussões, a SFWA decidiu que trabalhos nos gêneros de fantasia e horror serão aceitos para efeitos de filiação de seus autores à associação. Em consequência, passa a ser intitulada "Science Fiction and Fantasy Writers of America". Alguns membros mais radicais pensam em sair e fundar uma nova associação, possivelmente intitulada "Professional Science Fiction Writers Organization". Vamos ver no que dá

* Foram vencedores do British Fantasy Awards este ano:

Novel: *Midnight Sun*, Ramsey Campbell
Anthology/Collection: *Best New Horror*, Stephen Jones e Ramsey Campbell

Short Fiction: "The Man Who Draws Cats", Michael Marshall Smith

Artist: Les Edwards

Small Press: *Dark Dreams*, David Cowperthwaite e Jeff Dempsey, eds.

* Estão concorrendo ao 1991 Nebula Awards, em suas diversas categorias:

Novel:

Orbital Resonance, John Barnes, Barryman, Lois McMaster Bujold, Bone Dance, Emma Bull Synners, Pat Cadigan

The Difference Engine, William Gibson e Bruce Sterling

Stations of the Tide, Michael Swanwick

Novella:

Man Opening a Door, Paul Ash

Apartheid, Superstrings, and Mordecai Thubana, Michael Bishop

Beggars in Spain, Nancy Kress

Bully!, Mike Resnick

The Gallery of His Dreams, Kristine Kathryn Rusch Jack, Connie Willis

Novelette:

"Gate of Faces", Ray Aldridge

"Guide Dog", Mike Conner

"Black Glass", Karen Joy Fowler

"Standing in Line with Mr. Jimmy", James Patrick Kelly

"The Happy Man", Jonathan Lethem

"The All-Consuming", Lucius Shepard e

Robert Frazier

"Getting Real", Susan Shwartz

Short Story:

"They're Made Out of Meat", Terry Bisson

"Ma Qui", Alan Brennert

"The Dark", Karen Joy Fowler

"Buffalo", John Kessel

"Dog's Life", Martha Soukup

"The Button, and What You Know", W. Gregory Stewart

ZINES & PUBLICAÇÕES

* BEM nº 16, ano 2, jan. 92, A-4, 20 páginas. Revista mensal de fantasia e ficção científica, é uma publicação independente do grupo espanhol Interface. Artigos, entrevistas, cartas, ensaios e noticiário internacional fazem desta uma das mais importantes publicações europeias do gênero. Ricard de la Casa, P. O. Box 2061, Principado de Andorra.

* *Informational s Vodka*, números zero, 1 e 2, boletim informativo publicado em inglês pelo "Moscow State University SF Club". O formato é curiosíssimo (A-5), quatro páginas, ofsete. Com pouco espaço, poucas notícias. Com as atuais alterações no leste europeu, o fandom dos diversos países está ávido por contatos. Yuri Savchenko, Do vostrebovania, MGU, 117234 Moscow.

* *Ethel the Aardvark* nºs 37 e 38, A-4, 20 e 24 páginas, ofsete, grampos na lombada. Clubzine do Australian SF Club (P.O. Box 212, World Trade Centre, Melbourne 3005 Victoria, Australia), traz resenhas - o forte da publicação, cartas, relatórios de convenções, arte, notícias e assuntos internos. Na seção de cartas do nº 37, duas delas fazem menção ao fandom brasileiro:

- "Contacts in Brazil? I'm impressed. Several Soviet fans are writing to everyone in North America, but Roberto is the first Brazilian fan I've seen in a fanzine." (Lloyd Penney, Canadá).

- "Good to see a Brazilian club in existence. I wonder how they circumvent Brazil's stringent censorship? Clubs in, say, South Africa or Mexico would be limited in their views, a shame really. The Spanish prozine *Nueva Dimension* was forever under the scrutiny of the Franco regime. How good

it is to be in a 'first world' nation." (Peter Booth, Austrália). Vejam só a imagem que o nosso país tem lá fora.

* *Shards of Babel* n° 34, dez.91, A-4, 12 páginas, ofsete. Trata-se de uma publicação holandesa reputada de ótima qualidade, uma espécie de *Locus* européia. Traz noticiário variado cobrindo material que normalmente não se encontra nas publicações mais conhecidas. Vale a pena conhecer; a assinatura anual para 8 números custa US\$ 15. Escreva para Roelof Goudriaan: Babel Publications, Caan van Necklaan 63, 2281 BB Rijswijk ZH, Netherlands.

* *Nebula Awards Report*, dez.91, A-4, 12 páginas, ofsete. Publicação da SFWA, traz as novidades referentes aos prêmios Nebula, como lista de jurados, orientação sobre o prêmio e suas regras, lista de obras recomendadas para concorrerem ao prêmio de 1991, e assuntos correlatos.

* *SPWAO Newsletter*, n° 13/9 (nov/dez-91) e 14/1 (fev-92), A-4, ofsete, 28 e 24 páginas. Boletim da Small Press Writers and Artists Organization, traz material variado de interesse para escritores, ilustradores e editores. 615 N. 187th Ave., Buckeye AZ 85326, USA.

* *SFRA Newsletter* n°s 192 (nov.91) e 193 (dez.91), A-4, 86/94 páginas, encadernadas, capas cartonadas. Publicada dez vezes ao ano pela Science Fiction Research Association e distribuída aos associados, traz artigos e resenhas críticas de muito bom nível. O n° 193 traz o índice anual de 91, que impressiona pelo volume de material publicado. Hypatia Press, 360 West First, Eugene OR 97401, USA.

* *Science Fiction Writers of America Bulletin (Fall'91)*, A-4, 32 páginas, grampos na lombada, capa acetinada. Publicação trimestral da SFWA, traz material variado e informativo. As publicações da SFWA integram nossa biblioteca e, para consultas,

entre em contato com nosso presidente.

* *Xenophilia* n° 3, jul.91, 136X216, 52 páginas, grampos na lombada, capa cartonada acetinada. Publicação dedicada a poesia e arte (em preto e branco), com conteúdo voltado a estudos xenológicos, incursões antropológicas e temas especiais. Quem de sejar receber o "writer's guidelines" escreva diretamente para o editor (Joy Oestreicher, 904 Old Town Court, Cupertino CA 95014, USA); paga bem pelos trabalhos publicados.

* *Extrapolation* vol. 32 n° 4, inverno 1991, 76 páginas, encadernada, capa cartonada plastificada. Publicação de altíssimo nível voltada a FC&F, editada trimestralmente pela Ken State University Press

Vejam o conteúdo deste número:

- *Ray Cummings as the American* H. G. Wells, R. D. Mullen;

- *The Spenglerian City in James Blish's "After Such Knowledge"*, Jared C. Lobdell;

- *Re-Membering Men Dis-Membered in Sally Miller Gearhart's Ecofeminist Utopia "The Wanderground"*, Mario Klarer;

- *The Post-Apocalyptic Library: Oral and Literate Culture in "Fahrenheit 451" and "A Canticle for Leibowitz"*, Susan Spencer,

- *Technological Transfiguration in William Gibson's Sprawl Novels: "Neuromancer", "Count Zero" and "Mona Lisa Overdrive"*.

Este número traz ainda várias resenhas de livros e o índice geral do vol. 32, cujo conteúdo é de babar. As assinaturas (US\$ 21 para um ano e US\$ 34 por dois anos) devem ser solicitadas à The Ken State University Press, Journals Department, Kent Ohio 44242, USA. Vale a pena.

DICAS

* Para os que curtem séries de TV, acaba de ser publicado o livro *Night Stalking: A 20th Anniversary Kolchak Companion* (Image Publishing, 0-96275-083-7, \$14.95, 155 pp, tp), de Mark Dawidziak. Traz material diverso sobre as novelas, os dois longa-metragens e, claro, a série de televisão, além de outros detalhes de bastidores.

* Já para os inúmeros fãs de Dick, *In Pursuit of VALIS: Selections from the Exegesis* (Underwood-Miller, 0-88733-091-6, \$39.95, 278 pp, tp), editada por Lawrence Sutin e

que traz seleções do já legendário conjunto de trabalhos inéditos de Dick, como material autobiográfico, metafísico, filosófico e auto-crítico. O endereço dos editores é 708 Westover Drive, Lancaster PA 17601, USA.

* Para os que curtem Poe, nada melhor do que sua mais recente, abrangente e detalhada biografia, *Edgar Allan Poe: Mournful and Never-Ending Remembrance* (Harper-Collins, 0-06-016715-7, \$27.50, 564 pp, hc), de Kenneth Silverman.



Onde nenhum Homem Jamals Esteve...

Ivo L. Heinz

Pois é, com todos os problemas intrínsecos a um país como o nosso, o *Somnium* acabou hibernando um tempo. Com isso, muitas notícias nesse meio tempo foram passadas para trás, mas vou tentar fazer um apanhado rápido desta metade do ano.

Lógico, com o sucesso do sexto filme já pululam boatos sobre um possível ST VII. Quem sabe...

Boatos mais consistentes sobre uma série com o nome provisório de *Star Trek: Deep Space Nine*: seria ambientada numa base estelar próxima a um buraco negro estável, e deve ir ao ar no fim do ano, com alguns episódios simultâneos com a equipe da NG.

Continuam os boatos de um filme com a Nova Geração, que logo entra no sexto ano.

Um dos membros da Frota Estelar Brasileira entrevistou Nichelle Nichols, a Ten. Uhura, que manifestou o desejo de conhecer o Brasil.

Enquanto isso, no Brasil...

Surpreendendo, a Frota Estelar Brasileira está indo de vento em popa. Suas reuniões têm o pomposo nome de "Convenções Estelares" e são numeradas tomando como base (nº 1) a reunião de fundação, em 89.

As "Convenções" de março, abril e maio de 92 foram no auditório principal do SESC Carmo. Eu fiquei surpreso ao ver cerca de 400 pessoas, em média, em cada reunião; e mais de vinte membros com o uniforme da série clássica organizando murais, vendendo livros, orientando e recepcionando os sócios.

Além do *Trekkergrama* e do *Trekker - Cultura*, existem equipes implementando a Academia, Engenharia e inclusive um segundo boletim. Nestes seis meses, pude ver gente interessada em trabalhar, participar e

opinar, e não somente em mandar e criticar. Nestes anos de militância do fandom, não vi nada parecido. Torço sinceramente pela Frota.

A 60ª Convenção foi uma semana de FC para comemorar os três anos da FEB, com palestras de Ufologia, Medicina Espacial, FC na Literatura, etc... No dia 05/06, festa na sala VIP da danceteria Up & Down, com grande comparecimento dos sócios mais assíduos.

La esquecendo: os sócios da Frota tiveram uma pré-estréia exclusiva (e gratuita) do filme *ST VI - A Terra Desconhecida*.

A Ed. Aleph lançou o livro do sexto filme, usando a capa original, muito bonita. O nº 5 é *O Navio Fantasma*, da Nova Geração, e o nº 6, *A Teia dos Romulanos*, da série clássica.

O publisher Pierluigi Piazzi queixa-se da crise. Concordo, mas se a situação estivesse tão ruim, já teria parado de publicar ST. Ele me disse que o próximo deverá ser *Os Pacificadores*, da Nova Geração, e que um novo lote de títulos ainda está em estudo.

Com perigo real de ser cortada a revista *Jornada nas Estrelas*, da Ed. Abril. Do jeito que suas histórias são ruins, eu não vou sentir falta.

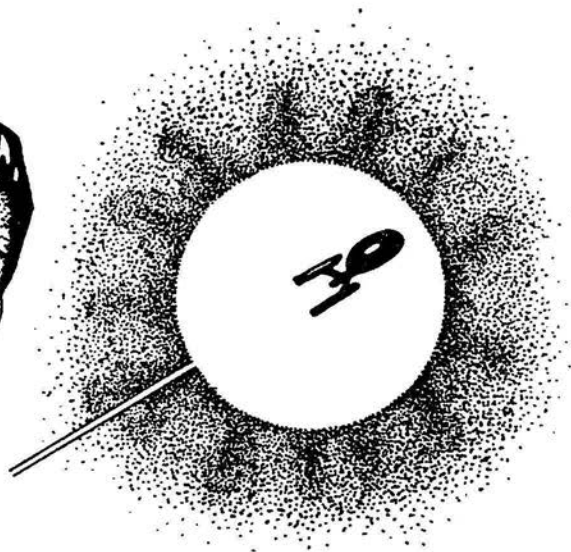
Zines Recebidos

Diário de Bordo nºs 8 e 9, *Frota Estelar Brasileira*, 20 pp. No nº 8, artigos de Jesus de Paula Assis, Jorge Luiz Calife e Marcello Simão Branco, além de reportagens de um restaurante com designe futurista em São Paulo, vídeo-laser e, lógico, muito ST. O nº 9 é dedicado a Gene Roddenberry, além de uma entrevista exclusiva com Nichelle "Uhura" Nichols, curiosidades de ST, etc.

Jetcom nºs 5 e 6. O nº 5 é dedicado a Gene Roddenberry, o melhor trabalho do ativo grupo carioca. O nº 6 já volta a um problema

que eu noto nesse pessoal: é um zine de, por e para eles mesmos; o assinante que, como eu, não participa das suas reuniões, fica boiando. Em minha opinião, deviam aproveitar seus recursos e inegável talento na "filosofia de ST" que eles mesmos falam; divulgando, transmitindo e ampliando contatos, e não

procurando confrontações e competições com outros grupos. Li uma matéria de *O Globo* sobre o lançamento do VI no Rio que falava sobre "coisa de paulista, usar uniforme", cair para o bairrismo é estúpido, ainda mais nos dias de hoje.



Gene Roddenberry

Luiz Ambrósio Navarro

Na década de 50, as pessoas que trabalhavam atrás das câmeras normalmente não eram reconhecidas. Ocasionalmente, um escritor, diretor ou produtor adquiria fama como resultado de algum prêmio da Academia de Cinema (Oscar) ou na coluna de escândalos. Raramente um produtor tinha sua vida explorada fora das câmeras e do seu trabalho.

Gene Roddenberry, criador/produzidor de *Star Trek* foi uma exceção, com uma vida particular tão colorida e excitante quanto sua obra, teve seu nome aclamado pelo fandom americano pelo seu trabalho e foi apelidado pelos fãs, carinhosamente, como "o Grande Pássaro da Galáxia".

Roddenberry nasceu em El Paso, Texas, em 19 de agosto de 1921. Seu pai era um oficial da cavalaria, servindo em Fort Bliss, Texas (região onde se iniciaram os experimentos com foguettes), cresceu em Los Angeles e quando estava no ginásio conheceu um gênero literário chamado ficção científica.

Optou por direito na faculdade de L. A. City, e três anos depois mudou para engenharia na Universidade da Califórnia de Los Angeles - UCLA. Era fascinado por aviões e após, tirar seu brevê, largou a universidade para tornar-se cadete da Força Aérea - U.S. Army Air Corps. Os Estados Unidos haviam entrado na II Guerra Mundial, e logo após os Air Corps treinaram Roddenberry, que foi enviado em missão para Guadalcanal, onde participou de 89 missões entre combates e reconhecimento de área.

Nesse período, começou a escrever artigos para revistas de aviação. Após a guerra, iniciou trabalho de investigação de aciden-

tes aéreos para a companhia Air Staff enquanto vivia em Washington DC. Logo após aceitou emprego na Pan American Airlines, pilotando aviões para lugares exóticos.

Enquanto fazia a rota de Calcutá, instalou-se em Nova York e iniciou estudos de literatura na Universidade de Columbia. Nessa época, quase morreu, pois seu avião colidiu e incendiou-se no deserto da Síria. Roddenberry, o comandante de voo, enviou dois passageiros que não estavam feridos procurar por ajuda, enquanto ele permaneceu com os feridos e acabou estabelecendo contato com os nativos que observaram o acidente. Os dois passageiros encontraram um quartel do exército sírio, que enviou uma missão de resgate dos sobreviventes do avião de Gene. Ao chegar no quartel, Gene enviou uma mensagem para a Pan American, que providenciou um voo de resgate. Roddenberry e sete outros foram os únicos sobreviventes do voo Índia-Istambul. Gene foi condecorado com a medalha de honra de piloto civil, por atos heróicos durante e após o acidente.

Em 1949, tendo vivido muitas experiências aéreas, mudou-se para Los Angeles, com a intenção de criar um filme para a televisão. Em LA procurou emprego como jornalista ou policial, pois ambos lhe dariam tempo suficiente para escrever. Conseguiu emprego no Departamento de Polícia. O patrulheiro Roddenberry foi cercado de aventuras. Além de suas tarefas rotineiras de patrulhamento, trabalhava na delegacia e auxiliava em investigações.

Enquanto vivia as experiências da vida urbana, colhia material para seu primeiro programa de TV, que trataria de crimes.

Junto à comunidade, desenvolvia um programa de esclarecimento sobre as drogas. Nessa época, iniciou seu trabalho como freelancer e seus primeiros scripts eram assinados por pseudônimos.

Em 1951, vendeu seu primeiro script de TV. No mesmo ano, produziu sua primeira história de ficção científica, *The Secret Defence of 117*, estrelada por Ricardo Montalban (Khan).

As idéias dos scripts de Roddenberry foram utilizadas em várias séries como *Dragnet*, por sua familiaridade com os procedimentos policiais e suas terminologias. Ele provavelmente era o mais qualificado escritor de histórias de crime na cidade de Los Angeles, Califórnia.

Em 1954, deixou a polícia e começou seu trabalho em período integral como escritor. Vendeu episódios para vários programas, como *Dr. Christian*, *Dr. Kildare*, *Four Star Theatre*, *Highway Patrol*, *The Jane Wyman Show*, *The Kaiser Aluminium Hour*, *The Naked City*, *Robert Taylor's Detectives* e vários outros que, na maioria, não foram exibidos no Brasil. Criou sua primeira série em 1956, que era intitulada *The Lieutenant*, também não exibida aqui.

A idéia de produzir *Star Trek* aparece em 1960, enquanto realizava *The Lieutenant*, uma série com episódios que duravam uma hora, produzida pelos estúdios MGM e apresentada pela NBC. Esta série teve 29 episódios e era estrelada por Gary Lockwood como Tenente Bill Rice e Robert Vaughn como Capitão Ray Rambridge. Antes do final da produção desta série, a MGM incumbiu-o de idealizar outra série. Datado de 11/03/64, o primeiro trabalho escrito sobre *Jornada nas Estrelas* tinha 16 páginas, onde apareciam as primeiras idéias sobre a série.

O tempo era "alguma época futura", podia ser 1995 ou talvez 2995. Em outras palavras, perto o suficiente de nossa época, tendo caracteres humanos semelhantes e facilmente identificados pelos telespectadores, mas longe o suficiente no futuro para permitir

viagens espaciais. Os primeiros personagens eram o Capitão Robert T. April, o oficial executivo, chamado Número Um, traduzido como Imediato, uma mulher extremamente eficiente e lógica, o navegador José Ortigas, muito capaz e merecedor do título de latin lover, o Dr. Philip Boyce "Magro" e o primeiro-tenente e braço direito do capitão, Sr. Spock, meio marciano e meio humano, a pessoa mais próxima do capitão April tanto fisicamente quanto emocionalmente. A nave era a USS Yorktown, com capacidade para 203 pessoas e velocidade de dobra espacial máxima de 0.73 anos-luz/hora. Objetivo: explorar planetas classe M numa missão mínima de 5 anos.

Em 1964, é produzido o piloto de *Star Trek*, "The Cage" ("A Jaula"), que foi entregue à NBC de Nova York em fevereiro de 1965 - foi rejeitado. Alegou-se que a história era muito cerebral. Mas a idéia não morreu e, após gastar US\$ 630.000 em "The Cage", a NBC resolveu oferecer uma segunda chance à idéia. Pela primeira vez na história da TV, um segundo piloto foi produzido. Só que com grandes mudanças que os executivos da NBC impuseram. Como, por exemplo, o Imediato, o navegador Tyler e o Dr. Boyce foram excluídos. Insistiram em retirar o satânico personagem de orelhas pontudas, Sr. Spock. O vulcano só permaneceu por insistência e sob promessa de mudanças em sua estrutura psicológica.

Roddenberry possuía três scripts e tinha que escolher um deles para o próximo piloto. A primeira das histórias era "The Omega Glory", com idéias de evolução paralela, que podia ser filmado nos estúdios e utilizar o guarda-roupa da produção. A outra era "Mud's Women", centrada em um vilão conhecido por Harry Mud, um episódio com humor, drama e conceitos morais que podia ser filmado usando várias tomadas do primeiro piloto.

Samuel A. Peeples foi chamado para escrever a terceira história, uma verdadeira história de ficção científica com elementos de tragédia grega, cenas de muita ação e

novos efeitos especiais, chamado "Where No Man Has Gone Before".

No início de junho de 1965, os três scripts foram encaminhados à NBC, que escolheu o terceiro filme, o mais desafiante e potencialmente caro dos três.

"Where No Man..." era para ser produzido em julho de 65, mas Jeffrey Hunter declinou seu papel como capitão Kirk, deixando este lugar aberto. Gene escolheu um canadense razoavelmente desconhecido, que chegou aos EUA em 1956 e teve uma pequena aparição na Broadway em "Tambourlaine". Seu nome era William Shatner.

Em outubro de 65, Gene Roddenberry estava envolvido na produção de dois outros pilotos da Desilu para televisão. O primeiro era Police Story, uma série que trataria da situação da polícia e dos crimes, contemporaneamente. Nele encontrava-se DeForest Kelley como especialista de laboratório. Essa série nunca foi ao ar. O segundo era um western criado e escrito por Sam Rolfe, The Long Hunt of April Savage, uma história onde o herói tentava vingar a morte de sua família em 1871. Também não foi aceita e nunca foi ao ar.

Após terminar estes dois projetos, Roddenberry estava livre para produzir "Where No Man..." e mais uma vez chamou Alexander Courage para compor a trilha sonora do episódio, que foi gravada em 29/11/65.

Em janeiro de 66, o episódio estava pronto e entregue à NBC. Na metade do mês de janeiro, Roddenberry foi notificado de que o piloto havia sido aprovado e Star Trek iria se tornar a mais nova série da NBC.

A série foi ao ar às 20h30, numa quinta-feira, 8 de setembro de 1966. Teve 29 episódios durante seu primeiro ano, que terminou no dia 13/04/67. Após o primeiro ano, os executivos da NBC resolveram tirá-la do ar, pois era uma série muito cara, gastava-se aproximadamente US\$ 180.000 por episódio e não tinha o retorno de audiência desejado. Quando a notícia foi veiculada, a NBC recebeu em um mês cerca de 300.000 cartas

pedindo a manutenção da série, e isso realmente aconteceu. O segundo ano iniciou-se no dia 27/10/67, com o episódio "Catspaw", teve 26 episódios e terminou no dia 29/03/68. A mesma coisa aconteceu, a NBC ia tirar Star Trek do ar e os fãs desta vez conseguiram enviar mais de um milhão de cartas. A série foi mantida, mas mudaram seu horário de exibição, que passou para as sextas-feiras, às 23h30, o que equivalia a matar uma série num horário onde a audiência seria realmente reduzida. No final do terceiro ano, após alguns episódios muito ruins, como "O Cérebro de Spock" ("Spock's Brain"), a série saiu do ar. A NBC não voltou atrás, sabe-se que mais cartas foram enviadas, mas o esforço foi inútil.

Após 79 episódios, a série atingiu o estágio de poder ser exibida de duas a três vezes por semana e os executivos da NBC venderam os direitos de exibição para várias emissoras de vários estados americanos, além de outros países, inclusive o Brasil. Foi nesse boom de vendagem que a série tornou-se conhecida em vários países e passou para o rol dos filmes cult.

Aproximadamente três anos após o encerramento da série, Jornada nas Estrelas tornou-se uma coqueluche mundial. Nos Estados Unidos, França, Inglaterra formaram-se clubes de fãs do seriado, o fandom começou a exigir e realizar convenções com a presença dos atores, as lojas de brinquedos começaram a produzir naves, phasers, tricorders, xadrez e todo tipo de material que aparecia na série. Em 1974, são produzidos os desenhos animados, dublados pelos próprios atores. O número de convenções começa a aumentar, chegando a cerca de 400 por ano, distribuídas por vários estados e países, além de quase 500 fanzines sobre o assunto. Novas histórias começam a ser produzidas mensalmente e são lançadas em pocket books. A Paramount adquire os direitos de Star Trek e produz o primeiro filme para o cinema, em 1979, criando também uma divisão especial da empresa para atendimento ao público e

aos produtos de Jornada. Os artistas enriquecem, os personagens são imortalizados. Uma nova série é criada: *Star Trek - The Next Generation*, a febre *trekker* contagia três gerações e chega ao seu 25º aniversário. Seu criador acompanha todo crescimento e amadurecimento de sua obra. Colhe os frutos do seu trabalho em vida e, no dia 24 de outubro de 1991, deixa a comunidade *trekker* órfã. O "Criador" morre de um ataque cardíaco, aos 70 anos.

Poucas pessoas conseguiram tanto na vida quanto Gene. Viveu seus últimos 25 anos em glória. Teve seu trabalho reconhecido em vida e recebeu todas as homenagens que lhe eram de direito. Influenciou a vida de várias pessoas e deixa seu legado para a humanidade.

Talvez seu grande mérito tenha sido o de apostar no homem, numa época onde vários medos eram perenes, invasão de discos voadores, II Guerra Mundial, guerra fria, Vietnã, e todo tipo de violência humana que sempre depôs contra a espécie. Foi um dos poucos a conseguir mostrar o ser humano, capaz de resolver seus problemas de maneira muito elegante, valorizando mais as emoções, o intelecto e os sentimentos do que as armas.

Gene sempre valorizou a vida e em vida foi valorizado.

Vida longa e próspera ao Grande Pássaro da Galáxia.



Guerra Nuclear: Um Tema que a Ficção Científica Perdeu?

Roberto de Souza Causo

Um dos assuntos levantados durante a palestra do escritor Rubens Teixeira Sca-vone, Convidado de Honra da II Interiorcon (convenção de FC realizada em Sumaré-SP, em 15 e 16 de novembro de 1991), foi o conceito de que, com o fim da Guerra Fria, a ficção científica teria perdido um dos seus temas mais comuns, e que rendeu obras importantes como *Um Cântico para Leibowütz*, de Walter M. Miller Jr., e *On The Beach*, de Nevil Shute.

Discordei disso naquele momento, mas perdi a oportunidade de desenvolver meu ponto de vista. O mesmo para a questão colocada por um dos fãs presentes, de que aparentemente a FC não fora capaz de prever tais acontecimentos, que mudaram a face do nosso mundo.

Quero retomar aqui essas perguntas, com a tese de que a ficção científica, ainda que de modo bastante periférico, esteve ligada a essas transformações.

A FC é um gênero literário e, como tal, não tem preocupação alguma em ser profética - a despeito de a mídia informativa frequentemente destacar as "previsões" que deram ou não certo dentro do gênero, que sintomaticamente já foi chamado de literatura de *antecipação*. Mas se ela não tem o dever de bancar o oráculo da sociedade moderna, por lidar com transformações em grande escala, a FC *pode*, em sua preocupação em conferir verossimilhança a essas transformações, realmente antecipar alguns caminhos e tendências que mais tarde serão efetivadas.

Existe, de fato, um livro que anteviu não o processo de abertura da então União Soviética para o mundo ocidental e para outros modelos econômicos, mas antes o esquema de desagregação da URSS que vimos no final de 1991. Trata-se de *A Terceira Guerra Mundial - Agosto de 1985*, do General Sir

John Hackett e outros oficiais-generais e conselheiros da OTAN. Escrito em 1978, foi um best-seller internacional, embora não possua uma contextura dramática: foi escrito como um relato posterior à "guerra", com bastante didatismo. Está claro que sua proposta era a de ser um alerta aos europeus, e ingleses em particular, contra a excessiva dependência que a OTAN apresentava, da estrutura militar americana. Se bem que apenas periféricamente ficção científica, o livro fala não apenas de conflito nuclear em si, mas de grandes mudanças no panorama da URSS - e mundial, por conseguinte -, num conceito arrojado o bastante para aproximá-lo do gênero - dentro do qual, aliás, o livro foi comercializado.

Seguindo as especulações estratégicas sobre um dos mais prováveis cenários para o início da Terceira Guerra Mundial, o livro mostra os soviéticos invadindo a Europa Central, após uma primeira ignição nos "barris de pólvora" do Oriente Médio e África. A OTAN responde com forças convencionais (não-nucleares), tentando deter o avanço da avalanche de tanques da URSS. Se for bem sucedida com ações convencionais, talvez não seja necessário o uso de armamentos de destruição em massa. Mas, ao perderem o ímpeto do ataque, os soviéticos apelam: com um aviso para a Europa de que a resistência pode lhes custar mais tarde uma destruição muito maior, eles explodem com um artefato nuclear a cidade inglesa de Birmingham.

Mas a resposta, na mesma moeda, não tardou, e os Estados Unidos e a Inglaterra destroem a cidade soviética de Minsk. Pouco depois, sem sustentação política interna, a União Soviética deixa de existir, após um golpe de estado por parte dos ucranianos presentes na engrenagem da estrutura de

poder soviética, o que favoreceu a separação imediata tanto da Ucrânia quanto de outras repúblicas descontentes, deixando claro que "Os russos agora tinham (...) de aceitar o fato de que eles, gostassem ou não, estavam sozinhos".

Para ilustrar minha tese, retiremos o fator conflito nuclear da equação, nos atendo à idéia de que a URSS não seria capaz de se manter agregada diante de uma pressão estratégica real. No livro daqueles generais britânicos, essa pressão foi o aniquilamento de uma cidade soviética enquanto os estrategistas ainda tentavam manter a possibilidade de uma guerra termonuclear global sob controle, o que permitiu às áreas descontentes da união perceberem os riscos que corriam e, assim, agirem. No mundo real, a pressão teve mais a ver com Ronald Reagan e George Lucas.

Quando ascendeu ao poder máximo da URSS em 1985 Mikhail Sergueievich Gorbachev percebeu o dilema estrutural e econômico da então superpotência e deu início aos primeiros passos rumo à reforma. Mas os movimentos iniciais de abertura para o Ocidente se deram em torno do polêmico projeto "Guerra nas Estrelas", da administração Reagan.

O que assustou os soviéticos na falácia militarista de Ronald Reagan e os falções do Pentágono não foi a possibilidade do Escudo de Defesa Estratégica dar certo. O projeto já nasceu como um devaneio tecnológico que só pegou porque a imagem cativante da "Guerra nas Estrelas" já fora estabelecida pela trilogia cinematográfica de George Lucas. Não era a idéia de que o Escudo viesse a mover a balança do conceito de Mútua Destruição Assegurada, mas que a busca da tecnologia de interceptação de mísseis balísticos em órbita gerasse técnicas derivativas que a URSS, com sua tecnologia de radares a válvula, jamais seria capaz de igualar.

Imediatamente, Gorbachev entendeu que não poderia impor ao povo soviético mais uma corrida armamentista - desta vez em torno de tecnologia de ponta. Ele começou a

pressionar os Estados Unidos e seus aliados. A princípio com uma variação da antiga retórica soviética, depois com negociações de cúpula e, principalmente, desarmamento e desmobilização de tropas no teatro europeu.

Reagan, em sua megalomania armamentista que endividou a América, não confiava muito nas manobras do "Império do Mal". Mas os europeus, ansiosos por esquecer a tensão militar permanente e dedicarem-se à unificação de suas nações numa nova era de prosperidade, e pressionados pelos movimentos pacifistas e ambientais, passaram a pressão para a frete, cruzando o Atlântico, até a América.

Finalmente, Reagan, precisando salvar-se das repercussões do escândalo Irã-Contras, acabou curvando-se e alguns acordos importantes foram assinados - e Gorbachev começou a conquistar de modo avassalador a simpatia do Ocidente.

Mas, em casa, e na esfera de influência soviética, tais passos de abertura começaram a cobrar seu preço. Gorbachev foi pressionado entre a linha dura conservadora, que relutava em aceitar o diálogo com os antigos inimigos, e um verdadeiro mar de descontentamento oculto na sufocada vontade popular por liberdade. Segundo analistas políticos ocidentais, o próprio Gorbachev teria subestimado tanto a ação dos conservadores quanto da dissidência. Ele não foi capaz de gerenciar as reivindicações antagônicas dessas duas tendências, e o mundo acabou passando por todos aqueles acontecimentos que entraram para a história: o fim da União Soviética e a falência política de Gorbachev, o erguimento do nacionalismo e o surgimento de novos líderes que agora compreendem não poder enfrentar o descontentamento do povo - mas que podem manipulá-lo com apelos nacionalistas.

Não existe mais URSS e parece que, cada vez mais, a Rússia tende a ficar só.

Mas o que isto significa para a ordem mundial? Mais liberdade, mais desenvolvimento econômico, maior permuta

cultural e científica entre Leste e Oeste? Talvez sim, mas o aspecto científico e militar é que vem ganhando a atenção dos observadores.

E é aqui que retorna a ficção científica. Em *Piratas de Dados* (Coleção Zenith nº 2), de Bruce Sterling, apesar de toda a cortina de fumaça em torno da pirataria de informática e as diferenças entre a FC "convencional" e o movimento *cyberpunk*, o que temos é o relato ficcional da ruptura derradeira entre a velha e a nova ordem. E isso, tanto no livro quanto no mundo real, tem a ver com a venda de tecnologia e o aluguel de ciência mercenária proveniente do primeiro mundo às nações e potências do terceiro mundo.

Esta é a grande preocupação do momento. Que cientistas da antiga URSS, antes envolvidos com a indústria de artefatos nucleares, estejam se bandando para países instáveis, homicidas ou pouco interessados no resto do mundo. Vamos pensar, por exemplo, no Iraque com a bomba. Ou Irã, Líbia, Israel, Chile, Cuba, *Brasil*. Bem, não apesente ainda o seu abrigo nuclear.

Em *Piratas de Dados*, há um velho submarino atômico nas mãos de velhas dinastias militares que estão chantageando o mundo. Pois os analistas militares de hoje não sabem o que esperar dos submarinos nucleares da ex-URSS. Existem dezenas deles navegando em segredo, difíceis de rastrear e com um absurdo poder de destruição. Pois foi a Marinha Soviética um dos celeiros da linha dura militar da URSS. Vamos pensar, para um enredo de FC, num capitão da velha-guarda que, numa disposição contrária daquele no romance de Tom Clancy, *Caçada ao Outubro Vermelho*, começa a por seus mísseis no céu.

Seja por um motim dessa natureza, ou pela disseminação nuclear entre nações instáveis, ou ainda numa conflagração interna dentro da Comunidade de Estados Independentes - outra hipótese levantada -, o cenário do mundo pós-holocausto nuclear da ficção científica está mais próximo da realidade do que nunca.

As aventuras de FC survivalista à *Mad Max* ou *Herança Nuclear*, com os sobreviventes vagando por uma Terra árida, transformada e desagregada, sempre sofreram com as críticas de que uma guerra termonuclear global simplesmente inviabilizaria a vida no planeta. Nada mais de aventuras de sobreviventes - a menos que estejamos falando de baratas e escorpiões.

Mas agora, o que se afigura é a possibilidade da guerra termonuclear *limitada*. Breves conflitos de grande devastação. Luiz Eduardo L. de Castro, o quadrinista Luga, criou um personagem, Lobo, que vive num Brasil pós-holocausto - mas *não* nuclear. Ele pensou numa proliferação global de conflitos convencionais e *pequenos* choques atômicos. Ainda se trata de um mundo hostil, com poucas referências à realidade que identificamos. Ainda um mundo onde as pessoas se matam com facilidade, e há toda uma nova estrutura social e grandes aventuras. Ainda a possibilidade de falar do homem num outro contexto.

As histórias de guerra nuclear ou survivalistas cumprem papel semelhante ao das histórias de colonização espacial ou de mundos paralelos: nós temos pessoas atiradas a um cenário diferente do nosso, onde surgem comportamentos e ordens sociais diferentes. Um mundo estranho, orbitando um sol distante ou o nosso próprio mundo, mas virado do avesso. O que importa é o cenário estranho trazendo novos dramas e inquietações.

Não, *infelizmente* a ficção científica não perdeu as histórias de guerra nuclear, tanto quanto o mundo ainda não perdeu essa ameaça.

Se não, pergunte aos governos de Rússia e Estados Unidos. Agora *aliados*, construir o Escudo de Defesa Estratégica para proteção *mútua*. Não cansamos de nos surpreender. Mas a pergunta é: se as duas potências inimigas agora estão juntas num projeto de defesa nuclear, *de onde* esperam que venha a ameaça? Certamente não do espaço exterior, pois aí estaríamos falando de histórias de invasão - e isto é... uma outra história.

Um Folhetim Futurista do Século XIX

Bráulio Tavares

Num artigo publicado no *Somnium* nº 48, apresentei aos leitores o livro *A Liga dos Planetas*, de Albino José Ferreira Coutinho, publicado em 1923 e que poderia ser considerado, então, o "primeiro livro brasileiro de FC". Mas é claro que tais avaliações são mais efêmeras do que o valor do salário-mínimo, e estão sempre na dependência dos resultados de novas pesquisas.

Trago agora para os leitores do *Somnium* uma outra descoberta que expande os limites cronológicos da história da FC em nosso país. Não se trata de uma descoberta propriamente dita, porque a obra em questão já havia sido localizada e comentada por outro pesquisador. Isso se deu, no entanto, há 35 anos, e além do mais esse fato nunca foi mencionado em nenhum texto escrito a respeito da FC no Brasil. Desse modo, o que vai exposto a seguir é novidade, pelo menos no que se refere ao fandom e à pesquisa de FC entre nós.

Em 1957, o crítico literário Alexandre Eulálio publicou na *Revista do Livro* (nº 6, junho de 1957) um extenso comentário sobre um folhetim escrito no século passado (entre 1869 e 1872) pelo historiador Joaquim Felício dos Santos. Esse folhetim se intitulava *Páginas da História do Brasil, Escritas no Ano de 2000* e era publicado nas páginas de *O Jequitinhonha*, editado por ele na cidade de Diamantina (MG). Joaquim Felício dos Santos (1828-1895) foi escritor e político; foi eleito deputado na época do Império e, depois de proclamada a República, elegeu-se senador por Minas Gerais. Seu trabalho mais conhecido é o livro *Memória do Distrito Diamantino* (1868), um clássico da historiografia brasileira; escreveu também um romance histórico, *Acaíaca* (1866).

Antimonarquista ferrenho, Joaquim Felício usava as páginas do seu jornal para

combater o governo de D. Pedro II, e a partir de 1869, começou a escrever o "folhetim futurista", que foi mantido, com periodicidade irregular, até 1872, quando se interrompeu bruscamente. Tive a oportunidade de consultar a coleção de *O Jequitinhonha* do Arquivo Público de Minas Gerais. Entre os exemplares preservados, há exatamente 30 onde aparecem trechos do folhetim: 28 exemplares de 1869, um de 1870 e um de 1872.

A leitura do texto deixa bem claro que a preocupação maior de Joaquim Felício dos Santos era política, e não literária ou científica. O folhetim (como bem observa Alexandre Eulálio em seu artigo) era escrito às pressas, sem muita elaboração, e deve ter servido muitas vezes para tapar os buracos de uma edição do jornal em que as notícias ou os artigos de fundo eram escassos. O folhetim - ou pelo menos os 30 "episódios" que examinei - passa o tempo inteiro transcrevendo os diálogos entre vários personagens históricos e fictícios, diálogos que (embora supostamente acontecidos "no futuro") têm como tema a política brasileira da época do Império. D. Pedro II é mostrado o tempo inteiro como um indivíduo vaidoso, obtuso, curto de inteligência mas dando-se ares de intelectual e filósofo. O Duque de Caxias (na época ainda Marquês de Caxias) é acusado de covarde e incompetente na campanha da Guerra do Paraguai. O escritor José de Alencar é satirizado como uma espécie de "escritor oficial da Corte", bajulador e sem talento.

Para o leitor de FC, no entanto, o folhetim traz em vários trechos informações que são divertidas e saborosas; uma vez agrupadas, elas reproduzem de modo bastante coerente a visão futurista de Joaquim Felício dos Santos.

A história

O ponto de partida das *Páginas...* é a viagem-no-Tempo de D. Pedro II, que é transportado para o dia 1º de janeiro de 2000 - referido pelo autor como "o primeiro dia do século XXI". A viagem se dá através das artes de um médium, o dr. Tsherepanoff, que transporta o imperador baseando-se nas descobertas científicas contidas num livro: o "*Neurypnology, or Rational of the Nervous Sleep*, do dr. Reichenbach, tomo 14, cap. 64, 8, nº 46, página 1012"

Muito ajuizadamente, Joaquim Felício não tenta descrever de que modo a viagem-no-Tempo se processa; após citar a obra imaginária, ele acrescenta:

"Não podemos transcrever a parte theorica d' esta explicação, porque o dr. Tsherepanoff negou-nos expressamente authorização para isso. Os *mediuns* são fatalistas, e não permitem que se antecipe a marcha das sciencias, que devem progredir segundo certas leis fataes invariáveis, marcadas pela Providencia. Por isso pedimos desculpas ao leitor por suprimirmos aqui algumas páginas do original."

Essas linhas foram escritas quando H. G. Wells ainda era um garotinho. As histórias de viagem-no-Tempo ainda demorariam muitas décadas para ganhar forma, mas Joaquim Felício avalia corretamente as "regras internas" desse tipo de narrativa. Seu verdadeiro problema, é claro, era o de não saber explicar como uma tal viagem poderia ser realizada (ou não querer perder tempo inventando tal explicação). A solução que encontra é muito hábil: ele alerta o leitor para o perigo do paradoxo temporal, ou seja, o fato de divulgar em 1869 descobertas científicas de 2000 poderia alterar a evolução da ciência.

Uma vez transportado para o futuro, D. Pedro II se vê na capital do Brasil, que não é mais o Rio de Janeiro, e sim Guaicuí, cidade mineira situada na confluência do Rio das Velhas e do Rio São Francisco, e escolhida para ser a capital federal "por se

achar situada no centro". D. Pedro é informado de que o Rio de Janeiro está decadente depois de uma epidemia, e que não tem mais de 12 mil habitantes; Guaicuí tem 2 milhões. Joaquim Felício, aliás, tem um rasgo intuitivo extremamente feliz quando cita a população do Brasil em 2000 como sendo de 142 milhões de habitantes; é um número extremamente próximo do total levantado no Censo de 1991, e é notável que um "palpite" de 1869 tenha chegado tão próximo da realidade.

Ao perguntar ao dr. Tsherepanoff sobre o cálculo da população brasileira, o imperador recebe a seguinte tabela estatística:

"População até hontem:	
	142.235.964
Nascerão	55.938
Entrarão	139.464
Falecerão	21.346
Sahirão	2
População de hoje	142.410.018"

As formas "nascerão, entrarão", etc. são a grafia antiga de "nasceram, entraram" e assim por diante. A estatística acima deixa clara a visão de Joaquim Felício sobre o Brasil do futuro: um país que recebe um enorme afluxo de migrantes, e de onde quase ninguém quer ir embora.

Passeando pela capital do futuro, D. Pedro II tem um susto ao avistar no céu um "paquete aerostático", o "Montgolfier", que faz a ligação entre o Brasil e a Europa, percorrendo o trajeto Liverpool-Guaicuí em apenas 12 horas. Note-se que, numa época em que o transporte por navio era a única opção para cruzar o Atlântico, Liverpool era um ponto de referência obrigatório nas rotas marítimas e comerciais; Joaquim Felício automaticamente supõe que continuaria a sê-lo, na época do transporte aéreo.

Existe um outro "paquete aerostático" fazendo o trajeto sobre o Atlântico. É chamado de Coroboabab, em homenagem ao "célebre engenheiro africano" que descobriu em Tombuctu (*sic*), no século XX, o meio de direção dos aerostatos.

O imperador também é informado de que o Brasil inteiro já se comunica através da telegraphia electrica" (com fio). Também lhe dizem que àquela altura os Pólos do planeta já são explorados, e que foram descobertos os "mares livres polares", a 86 graus de latitude. Também foi construída uma estrada de ferro submarina ligando a França e a Inglaterra; os dois governos, em 1960, puseram em execução o "plano de Gamond", apresentado em 1855. Este último detalhe possivelmente é verídico - como se sabe, a idéia de uma ligação terrestre entre a Inglaterra e o continente já era muito antiga.

São os fatos políticos, no entanto, os que mais surpreendem o Imperador. Ao caminhar pelas ruas de Guaicuf, ele vê uma estátua imponente no meio de uma praça, e pergunta quem é o herói assim homenageado. Quando o médium lhe responde que é Tiradentes, o imperador quase tem um enfarte. A imagem pública de Tiradentes só foi recuperada aos poucos; o feriado em sua homenagem, em 21 de abril, só foi instituído em 1890. Mesmo na época do Segundo Reinado, imaginar uma estátua de Tiradentes em praça pública devia ser algo tão inesperado quanto imaginar, no Brasil de hoje, uma estátua de Carlos Marighella.

Em seus diálogos com o dr. Tsherepanoff, D. Pedro II fica chocado ao descobrir que a monarquia brasileira caiu, e que o país chama-se agora Estados Unidos do Brasil, e é formado por 122 Estados republicanos. Fenômeno semelhante ocorre no mundo inteiro. A França é uma república unitária, enquanto que a Inglaterra faz parte de uma confederação republicana juntamente com a Irlanda e a Escócia, sob o nome de *triarchia britannica*. A Rússia é outra confederação, composta de 418 Estados espalhados entre a Europa e a Ásia. O último regime monárquico do mundo é o da China - que é derrubado justamente no dia em que D. Pedro chega ao futuro: nos jornais do mundo inteiro é anunciada a queda do "mandarim Kon-Fon-Kien".

Páginas da História do Brasil, Escritas no Ano de 2000 é um folhetim escrito com finalidades meramente políticas, mas os elementos aqui transcritos mostram que pode-se perfeitamente considerá-lo uma obra de "proto-PC". Existe a viagem no Tempo; existe a descrição dos avanços tecnológicos e das mudanças sociais e políticas do mundo do futuro; e existe inclusive o detalhe sutil da recusa recusa de Joaquim Felício em "revelar" o segredo da viagem no Tempo, para não prejudicar a marcha normal da evolução científica.

Tudo isso nos mostra um exemplo brasileiro de um tipo de literatura praticado no século XIX, e que tem em Verne e Wells seus modelos mais característicos. Esses dois autores foram largamente lidos em nosso país, quase ao mesmo tempo em que suas obras surgiam nos seus países de origem. Os escritores brasileiros, e os leitores mais bem informados, tinham pleno conhecimento do tipo de literatura que esses autores praticavam - o que na época se chamava de "scientific romances". Se os exemplos dessa literatura em nosso país são tão escassos e esquecidos, é porque a literatura popular brasileira desse período tinha outras prioridades temáticas, que melhor correspondiam ao que o público desejava ler e que os autores concordavam em escrever: o romance regionalista, o romance de costumes, as histórias amorosas, ou os folhetins aventureiros com peripécias mirabolantes em ambientes urbanos. Uma boa descrição dessa época pode ser encontrada no livro de Brito Broca, *A Vida Literária do Brasil - 1900*.

Entre as influências que podem ter inspirado Joaquim Felício dos Santos, o artigo de Alexandre Eulálio na *Revista do Livro* nos dá um bom repertório de pistas no seguinte parágrafo:

"E o romancista que leu Laboulaye e Júlio Verne ao par de Sue, Walter Scott, Dumas e Hugo, na estante tem anotado Morus e Campanella, podendo citar de en-

volta uma passagem - bem o estudioso que bebeu o século XIX numa biblioteca onde a maioria dos livros era ainda do século XVIII - Henrique IV, Kant, Rousseau e Saint Pierre. Donde não lhe ser difícil organizar o vasto painel do futuro, com aeronaves, bicos elétricos, federação, senado temporário, navios a vapor, conferências de paz, etc."

Por outro lado, essa história de imaginar o mundo do futuro sempre foi tão freqüente no jornalismo quanto na literatura. O próprio Alexandre Eulálio cita um exemplo curioso:

o jornal fluminense *O Brasil*, que publicou em 2 de abril de 1843 uma edição datada de "2 de abril de 1943", na qual se entrega a um exercício de futurologia com vários pontos em comum com o de Joaquim Felício.

Não tenho dúvida de que uma pesquisa cuidadosa nas publicações populares (revistas literárias, revistas de variedades, jornais, almanaques, etc.) do século passado poderá revelar muitas experiências literárias semelhantes. A história da FC brasileira ainda não começou a ser escrita.



Um Dia Com Julia na Necrosfera

João Manuel Barreiros

1

Quando Julia acorda, tem outra vez vinte e cinco anos, o sol mal atravessa as persianas sebetas, os lençóis colam-se-lhe ao corpo numa carícia viscosa, as articulações doem-lhe, como costumam doer-lhe quando tem esta idade, numa moinha insistente que se esconde para lá dos limiares subliminais.

Durante alguns momentos, deixa-se ficar estendida, a arranjar coragem para se levantar, garganta seca a pedir água, desesperador a matraquear-lhe junto à orelha numa saraivada sonora de engrenagens.

O quarto cheira a fechado, cheira à doença do pai que agoniza na sala ao lado, cheira a couve azeda a cozer no apartamento inferior. O prédio inteiro murmura na confusão irritada da manhã. Crianças choram como pequenas sereias de alarme deslizando ao longo dos corredores. Vozes cáusticas insultam-se na distância, proferindo insistentes ameaças de estropiação. Um britador de pedra estrondeia algures, no labirinto de pátios das traseiras, ecoando nas caixas de ressonância dos caixotes de lixo cheios a transbordar.

Julia põe-se de pé, pernas a tremer, estendendo a mão para o copo de água sobre a mesinha da cabeceira, mas este encontra-se vazio, o que já é hábito, embora Julia o encha sempre todas as noites.

Enfia os chinelos, arrasta-se até a janela, puxa as persianas, deixa-se envolver na claridade mortiça de um sol que nunca consegue atingir o meio-dia. Aqui é sempre crepúsculo ou madrugada frágil. Lá ao longe, contra os telhados arrombados, sobre as fachadas dos prédios em ruína, como dedos

a rasgar as falésias pútridas dos saguões, as chaminés das refinarias lambem o céu com suas línguas ígneas de basiliks.

Julia estremece, lembra-se dos passeios noturnos com o pai, que ainda ontem, quando ela tinha seis anos, lhe dizia, conduzindo o carro entre os terminais desertos das estações de caminho de ferro, na direção das torres acesas a vomitar gás, olha os papões, filha, vê como respiram, como rugem, olha que se te portares mal, devoram-te!

Não, pensa Julia, sacudindo a cabeça, isso já passou, foi há muito tempo, o teu pai está a morrer, não precisas de ter medo!

Na casa de banho, torneira aberta, sorve o primeiro gole de água, mas esta sabe a ferro, tem a cor da lama, é intragável.

Debruçada sobre o lavatório, Julia tosse, tosse, num vômito seco, procurando expulsar o amargo da boca, olhos em lágrimas, punho a bater contra a cerâmica rachada. Sente as pernas úmidas, as câimbras do corrimento, sinal que o seu período iniciou uma vez mais um dos seus ciclos incompreensíveis.

Lava-se como pode, esfregando-se com o sabão que insiste em se lhe escapar das mãos, sentindo o choque frio desta água castanha como outra forma de punição. Mas, por mais que se esfregue, claro, a sensação de pó entranhado, de gordura rançosa a sufocar todos os poros não lhe desaparece da pele.

A mãe bate à porta da casa de banho, abre-a sem pedir licença, queda-se a vê-la limpar-se na toalha encharcada e cheia de nódoas, com um ar de censura ácida ao canto

da boca.

- Que triste filha a minha! - diz a choramingar - O teu pai tão doente, e ela a arranjar-se para sair! Eu não preguei o olho toda a noite, mas ela o que é que faz? Chegou tarde e a más horas, não quis saber de mim, foi-se logo deitar, e agora vejam-na a arranjar-se, a ingrata, a arranjar-se para sair e deixar-me outra vez sozinha!

- Saio porque tenho de ir trabalhar, mãe! - insiste Julia, ciente de que não vale a pena repetir-se, mas que não pode fazer outra coisa para preencher o silêncio - O pai vai estar bom amanhã! Vai estar tão bom que a mãe até vai pedir para que ele adoça outra vez!

- O que estás tu a dizer? - grita-lhe a mãe, torcendo o cinto do robe entre as mãos, rosto como uma imensa vastidão lunar coberta por placas de pó de arroz cimentado - Como se não bastasse a doença do teu pobre pai, ainda tenho de ouvir os teus disparates? Julgas que já passaste a idade do tabefe? Achas que tens o direito de troçar de mim?

- Tenho de me vestir... - responde-lhe Julia, contornando-a, voltando ao quarto, trancando a porta.

Não posso mais, pensa, enfiando saia e blusa que usou no dia anterior (?), pois as gavetas da cómoda estão vazias, como se esta roupa fosse a única que possuísse. Do outro lado da porta ouve os choros maternos, a presença moribunda do pai, a respiração maciça do prédio. O despertador diz-lhe que já é tarde, que demorou tempo demais a acordar, mas lá fora o sol encontra-se exatamente na mesma posição, só as labaredas das refinarias parecem ter crescido, desenhando contra as nuvens baixas traços fuliginosos.

Enfim vestida, prestes a sair, mãe chorosa afastada para o lado, Julia entra no quarto do pai, mergulhando no bafo fétido de agonia que se desprende da cama, um eflúvio que mistura fezes, antissépticos, urina requentada, lençóis encardidos. O pai respira num arfar rouco, olhos semicerrados, boca es-

cancarada, a soltar ruídos aquosos de quem gargareja.

Julia sempre teve medo do pai enquanto este tivera forças para a arrastar, noite afora, em seus passeios punitivos às refinarias. Agora é pior. Agora a sua presença tornou-se insuportável. Especialmente pelo que ele está em vias de lhe pedir.

Lembra-se de que podia ter saído de casa sem entrar no quarto. Podia ter ignorado a chantagem lacrimal da mãe. Podia ter feito qualquer outra coisa. Evidentemente que não o fez.

- Pai? Está acordado? Como é que se sente hoje? Olhe, tenho de ir trabalhar...

O pai abre os olhos. Como de costume. A mão, ainda há pouco flácida e imóvel, levanta-se como uma serpente agarrando-lhe o pulso.

- Mata-me! - pede ele - Dá cabo de mim!

- Não, paizinho, largue-me, estás a magoar-me...

Julia sente as articulações do pulso a estalar sob a pressão dos dedos. O pai moribundo é uma montanha de pura energia, concentrada em dois olhos e numa só mão.

- Julia, ouviste o que te mandei fazer? Obedeces ou não ao teu pai? Mata-me, não percebes que estou a sofrer? Dá-me uma grande dose de morfina...

- Não, não, não... - geme Julia, recuando, envolta na aura de putrescência do hálito paterno, libertando o braço, quase tropeçando na mesinha de medicamentos judiciosamente afastada da cama, até conseguir chegar à porta do quarto.

- Malditas, malditas mulheres! - grita-lhe o pai - É assim que se vingam de mim, suas cabras? Não percebem que eu quero morrer, estupidas!

Julia treme, vira-lhe as costas, abre a porta de casa e desce a correr as escadas do prédio. Patamar após patamar, paredes fermentadas pela umidade infiltrada, tintas às bolhas a descascar-se, paredes crivadas de rachas como uma teia inominável de rios fossilizados.

Patamar após patamar.

O comboio guincha sobre os telhados da cidade, a estrutura que o sustenta abana irritada, Julia não se conseguiu sentar, viaja de pé, comprimida pelos outros passageiros, nomeadamente no centro de um grupo de metalúrgicos que lhe sorriem, que em conjunto se esfregam contra ela, num raspar insistente de rins, de jeans, de fivelas de cintos, de mãos caídas mas não quiescentes. A carruagem estremece, mudando de via, os trabalhadores aproveitam-se, trocam comentários obscenos sobre os ombros uns dos outros, apalpam-lhe o rabo, os peitos, e Julia pensa que bom seria ter coragem para calçar um pé sob o tacão do sapato, dar-lhes uma joelhada no sítio onde mais dói, ao menos uma vez na vida. Mas não consegue, é incapaz de infligir sofrimento.

E sujeita-se.

Atrasada, atrasada, dizem-lhe as funcionárias do Instituto. Atrasada, tilinta o relógio de ponto. Atrasada, censura-a a Dra. Salema, impaciente, encostada à porta do infântario. Já considerou a irresponsabilidade do seu ato? Quem é que trata dos miúdos na sua ausência? Acha-se no direito de pedir este tipo de favores às suas colegas?

Desculpe, desculpa-se uma Julia sem fôlego apertando os botões da bata. Tenho o meu pai muito mal, perdi o comboio, houve atrasos nos horários. Ah, Julia, insiste a Dra. Salema, o que é que a faz pensar que nós também não temos problemas? Você julga que o mundo é seu? Vá, entre e trate *deles*...

Julia entra e o cheiro a corpos encardidos, a leite fermentado, assola-a, envolvendo-a nos vapores de um pesadelo já quotidiano e familiar. Dez autistas com idades entre os cinco e os dez anos agitam-se pelos cantos, mordiscando as paredes acolchoadas, deixam-se ficar imóveis como estátuas catatónicas junto às esteiras, abrem a boca em ocasionais grunhidos que tanto podem significar fome como dor ou alegria.

Bom dia, meninos, bom dia, diz Julia, esponja em riste, prestes a iniciar a primeira das múltiplas sessões de higiene diária. Vamos às lavagens, sim?

E depois das lavagens é a hora do pequeno almoço, mão a segurar em nuca renitentes, outra a enfiar colheres de papas vitaminadas em bocas que as cospem logo em seguida, é a hora do exercício físico e coordenação muscular, a hora do convívio e desenvolvimento da afetividade, os momentos em que Julia os abraça, lhes conta histórias, insiste que colaborem na construção de uma pirâmide de cubos, tudo sem resultado, os autistas permanecem indiferentes, ignoram o uso dos baciós, o copo de água, os brinquedos tilintantes, as carícias mecanizadas.

- Falem comigo! - insiste Julia, baixinho, num desespero crescente - Digam qualquer coisa, seus filhos da mãe! Falem comigo, cabrões!

E uma das crianças, talvez a mais velha, sorri-lhe (enfim, enfim), boca escancarada a mostrar as cavidades dentárias. Sorri-lhe, mas o sorriso parece-se mais com uma lâmina a cortar do que com uma vitória pedagógica. E enquanto sorri, diz-lhe:

- Julia, Julia, porque havemos nós de falar contigo? Já te esqueceste que estás no Inferno?

2

Descer, mergulhar neste poço imenso de gravidade onde o tempo é pastoso e a própria luz se cansa, não custa muito. Basta deixarmos ir.

Por isso, pela janela do comboio, ainda vista do alto, a cidade parece ter sido construída num plano oblíquo que se curva para o fundo, como o interior de um funil, repleta de prédios antigos de madeira e tijolo, voltados uns contra os outros como fortalezas ao inverso, guardando pátios interiores onde os fótons mortiços do sol mal conseguem penetrar. Ao longe, as refinarias são às dezenas, cercando a cidade, a escarrar línguas fuligi-

nosas de fogo como dragões tristes e moribundos.

O meu teor de maná é ainda tão elevado, tão doloroso na sua intensidade, que basta aproximar um dedo do caixilho da janela, para que este descarregue fâsca, fulgurante como uma nova. O contador pisca mensagens de segurança sobre o meu pulso, mas mesmo assim começo a ter medo. De todos os infernos que visitei, este é um dos piores, como um pesadelo de Aquiles, sem monstros ou demónios, mas contudo cheio de sombras, de desespero irremediável. Todo ele é um fevereiro imenso, a anos-luz do verão.

Tocam-me no ombro. É com dificuldade que descolo o olhar da janela, que levanto a cabeça e encaro o revisor. Bilhete, pede ele, e eu sorrio, mão a dirigir-se para o bolso. A carruagem segue apinhada de gente. Contudo, sou o único passageiro a quem ele exige qualquer coisa. Sintomas de rejeição, já? Como é possível? Acabo de chegar...

- Acha que preciso de bilhete?

Se não tem, não pode estar aqui! Quem é que vocês pensam que são? Julgam que há "borlas"? Bilhete, já disse!

A cada um seu cenário. Noutros lados seria uma moeda, uma adivinha, uma canção. Julia é uma criatura de rotina. E a rotina cansa-me. As novidades há muito que perderam o sabor. Entrar no jogo é dar-lhes confiança, realidade, razão de ser...

- Não comprei nenhum! - respondo-lhe - E agora? Em que ficamos?

O revisor agarra-me pelo ombro, personagem secundária a representar o papel esgotado da autoridade prepotente. Ah sim? Fora então, diz ele, rua!

Encolho os ombros. Quero lá saber do fator risco, da síndrome de rejeição precoce. Do bolso retiro um colt .45. Levanto-o. Carrego no gatilho. BANG! BANG!

A cabeça do revisor desfaz-se em centenas de partículas semi-sólidas. O boné sêbento rodopia, como um besouro furioso, durante segundos, indo pousar mais longe,

no colo de um passageiro impassível. A maxila tomba-lhe, espantada, a mão abre-se-lhe deixando cair o pica-bilhetes que se afunda no lixo esponjoso do centro da carruagem

O senhor não é daqui, insiste ele, metade da cabeça aberta como uma couve desabrochada, pernas rígidas a oscilar para trás e para a frente. Toco-lhe com o dedo, ajudando-o a derrapar. O estrondo da queda faz estremecer a carruagem.

- Algum comentário, alguma crítica? - pergunto aos restantes passageiros que nem sequer as cabeças voltaram. Nada. Sentados nos seus bancos, virados uns contra os outros ou simplesmente a olhar em frente, os meus companheiros de viagem murmuram, murmuram, para preencher os silêncios, mas se fôssemos a escutá-los, coisa que nem sequer tenho intenções de fazer, descobriria que murmuram mas não dizem nada, só abrem e fecham a boca a fazer de conta que conversam.

Encolho os ombros. *Blip*, faz o indicador do pulso a avisar-me que gastei um dígito de energia. Que importa! Até a pesca acabar, ainda vou gastar muitos mais.

Lá fora a cidade roda lentamente, distorcida pela escarpa da entropia. O comboio trava. Estamos a chegar. Ah, Julia, Julia, tens mais um demónio no teu precioso Inferno!

A Estação é uma caverna de ecos. Lagos de umidade esverdeada a tresandar urina espriam-se mesmo junto aos apeadeiros. Frelos guincham por todo o lado numa hecatombe de decibéis. Junto às paredes de pedra, negras de sebo, frisos de mendigos expõem as respectivas mutilações. Pedem a borracha, a carne queimada, como se tu, Julia, também te culpasses por haver Napalm.

Mal saio da carruagem, fico cercado por um grupo de criancinhas debilitadas pela fome, olhos ramelosos, ventres distendidos. "tão, senhor", dizem elas, "mamã doente!"

- Ponham-te a milhas, estupores! - re-

spondo-lhes num sorriso aberto, porque a chamada ao sentimento não tem nada a ver comigo. O problema é da Julia. Levanto a mão que guardo no bolso da gabardina, mostro-lhes os arcos elétricos que saltam entre os dedos - Estão a perceber, meninos? Quem é que quer ser grelhado primeiro?

Ès mau, choramingam os miúdos abrindo alas. Vai-te embora, não te queremos aqui!

O que eles querem ou não deixa-me completamente indiferente. Não sou vítima. Não me sinto culpado pelos males dos outros. Tenho plena consciência de que aqui, onde me encontro, nas vertentes deste poço sem fundo, são-me permitidas todas as abominações.

Fora da Estação, resta-me apanhar um Táxi. Tenho o tempo contado, entendem? Esta realidade amolecida contamina o mais feroz. Não me posso dar ao luxo de procurar a pé, por labirintos de fachadas e ruínas.

Mas apanhar um Táxi é outra coisa. Como não podia deixar de ser, ignoram-me, passam-me à frente, dão-me encontrões, ninguém respeita as filas de espera, ou pelo menos não as respeitam quando estou presente. Um indivíduo entroncado, com um ar brutal, empurra-me com o ombro, abre a porta do Táxi, tenta esgueirar-se para o interior.

Estou farto, a cena prolonga-se como um cliché esgotado, do céu tomba uma chuvinha oblíqua e ácida, não é assim, garanto-vos, que se conseguem as coisas... A energia gasta é sempre energia perdida. Especialmente aqui, neste mundo de esforços inúteis. Tanto faz de uma forma como doutra. Se é para gastar, que se gaste à minha maneira!

Tamborilo o ombro do tipo. Nada. Puxo-o pelo cotovelo com a mão direita, a minha mão ardente, e os dedos penetram-lhe através da roupa, da carne efêmera, do osso estaladiço, afundam-se como faca quente em manteiga, torço, arrancando-o do ninho protetor do automóvel, lançando-o contra o passeio.

Caído no chão, braço semi-desfeito porque

a sua realidade foi posta em causa, o fura grita. Grita, filho, vê se me ralo. Já que a passagem se encontra desimpedida, entro no Táxi. O motorista olha-me, arregalado.

- Vamos em frente! - digo.

- E quem é o senhor para fazer uma coisa destas? - retorque ele, impávido, mãos assentes sobre os joelhos. - Por que é que interfere no que não é chamado? Quem é que lhe diz que vou obedecer?

Saco da pistola. Turbilhões de luz dançam em torno do punho e gatilho. Devagarinho, encosto-lhe o cano à têmpora.

- Vamos lá a ver se nos entendemos. Ou me leva onde eu quero ou desfaço-o já aqui. Não me venha com a cena do motorista renitente. Viu o que aconteceu àquele cavalheiro ali estendido no chão? Quer ter o mesmo triste fim?

O taxista arranca, solícito, enfiando-se na corrente de trânsito. O costume. Sinais sempre vermelhos, baforadas tóxicas de escapes, filas imóveis de carros a buzinar, e o motor que ora sim ora não se vai abaixo.

Consulto o indicador de direção que guardo no bolso do relógio. A agulha treme, nervosa. Dígitos esmiuçam-se nos quadrantes. A apontar para onde estás, Julia. O universo inteiro distorce-se, escorrega na tua direção como se fosses a única forma de energia positiva nesta triste e morna simulação de realidade.

- Não tente armar-se em caça-turistas! - aviso o motorista num tom bem-educado, virando-me sobre o banco. - Sei muito bem para onde quero ir. Nada de andar às voltas. Se a estrada estiver impedida, galgue o passeio!

- O passeio? Está doido, homem! Como...

- O passeio, sim. - repito, batendo-lhe com o cano da arma contra a testa, toctoc, num eco oco. - E que se lixe o bom povo!

O Táxi avança, escorregando na falsa encosta da entropia, o motorista pragueja, aterrado, sem se dar conta de que é um simulacro, e eu mordo os lábios, corpo a arder de dor hiperpositiva. Se julgam que

poder é prazer, estão muito enganados! Olhem que não *podem* descarregá-lo, não é vosso, se o fizerem, estão perdidos! Nunca mais conseguem *subir*!

Manifestação à frente! comenta o motorista num gozo lacónico Temos por algumas horas!

- Ah sim? Que interessante! Acelere! Passe-lhes por cima!

- Vá se lixar! - responde o motorista, travando.

Só provocações. Uma vez mais, meus leitores, deixo escapar um pouco daquilo que sou. Considerem: com a mão esquerda agarro o volante, com o pé carrego no acelerador até o fundo, sentindo os ossinhos do motorista a estalarem-me sob a concha do sapato. A mão direita, aquela que não deixa de arder, apóia-se no painel de instrumentos descarregando maná sobre o motor adoentado.

O motorista grita. O motor ruga. Eu gemo, na doce agonia da descarga. O Táxi investe. Populares dispersam-se, tomados de pânico, deixando cair por todo o lado cartazes ilisíveis. PAF, PAF, fazem corpos a bater contra o pára-choques, frágeis e efêmeros como balões de cristal. Não se perde nada, garanto-vos. Pertencem a uma realidade tão transitória quanto um quark. Não chegam sequer a ser figurantes no drama da auto-culpabilização de Julia. São cenário.

Figuras bi-dimensionais que se rasgam no furacão de minha passagem.

3

Surgido da lama, das caves ocas, das sombras esbatidas das fachadas, das fagulhas frias que chovem sobre a cidade, como uma fotografia que aos poucos se define no interior de um líquido turvo, ei-lo de volta, sob um novo avatar, pés a saltarem sobre as poças de água, sem nunca tocar nas pilhas dispersas dos paralelepípedos arrancados aos passeios, rumo ao Café Central, ao encontro de Julia.

Ao vê-lo chegar, Julia levanta-se, lágrima ao canto dos olhos, chávena de café arrefecido e oleoso esquecida sobre a mesa, deixa cair a carteira, dobra-se para a apanhar, mas esta caiu aberta e baton, estojo de compacto, lápis e canetas escapam-se, fugindo pelos ladrilhos em trajetórias opostas.

Que tens tu agora, pergunta-lhe ele, sem sequer a ajudar, sentando-se ao outro lado da mesa, enquanto espera que Julia se ponha de pé, terminada a caçada aos objetos fugitivos. Estou a ver que temos outra depressão a caminho...

Oh Marco, diz Julia, Marco, sinto-me tão mal... Ainda bem que vieste. Hoje de manhã, no emprego, uma das crianças falou comigo. Falou, percebes? E não podia. São todas autistas, não conseguem dizer nada.

E então?, comenta Marco, isso é razão para toda essa fita? Se falou, ótimo! É que está a melhorar... Curaste-o! Pede aumento.

Marco, não percebeste. O miúdo disse-me que eu estava no Inferno. No Inferno, Marco, como se já tivesse morrido...

Marco estende a mão sobre a mesa e agarra-a pelo pulso. Tal qual o pai antes de sair de casa. Como faz toda a gente quando lhe quer dar uma ordem.

Tens tomado os comprimidos? Tens cumprido a dose? Não fizeste as misturas do costume?

Não tenho tomado nada, responde Julia, retendo um soluço, pulso passivo face à prisão maceradora dos dedos de Marco. Quando os tomo, ainda é pior. Sonho que o meu pai me leva até às Refinarias. Que me vai meter nos fornos. Como fazia quando eu tinha seis anos...

Julia, és uma parva, sabes? Desobedece, queres pensar por ti própria e depois começas a flipar. O Inferno te dou eu se começas a armar-te em esperta! A minha vontade era pregar-te um bofetão aqui, perante toda a gente. Eu a ralar-me e Sua Excelência a despejar comprimidos sanita abaixo. Acabou-se, percebes? É a última vez que me telefonas a meio do dia. Julgas que não tenho de

trabalhar?

Julia soluça. Lágrimas fogem-lhe dos olhos em carreiros de rimel. Mãos procuram dentro da mala um lenço de papel que não está lá. Desculpa, diz ela, desculpa, Marco. Dá-me qualquer coisa para tomar. Tens razão, sou uma parva!

Marco sorri, libertando-lhe o pulso. Suavemente, acaricia-lhe o rosto. Mas a festa faz arder a pele de Julia como se a estivessem a esfregar com um desperdício em fibra de vidro.

Dói-te, não dói? Dói-te o corpo todo, não é, minha querida? Já viste que não passa um dia em que não te queixes de qualquer coisa? É o período, são os rins, as costas, as enxaquecas, as nevralgias. Olha, tenho aqui comigo um psicotrópico de natureza verdadeiramente excepcional. Inverte os circuitos da dor, transforma-a em prazer!

Marco retira do bolso uma caixinha, como as que costumam guardar anéis de noivado. Abre-a sobre a mesa. No interior repousa um cristal. Engole-o, diz ele. Não fique aí parada que me dá nervos. Nem fazes idéia do quanto isto custa. *State of the Art*, menina!

E, contudo, Julia, a arrependida, hesita. Dói-lhe a cabeça. Sente necessidade de mudar o penso. Só que se esqueceu de comprar outros. A presença de Marco é implacável. Nunca lhe conseguiu dizer não. Por isso mesmo tem medo. Todas as outras drogas fizeram-lhe mal. Esta não deve ser diferente.

Enfim resignada, pega no cristal e enfiado na boca. Não sente coisa alguma. É como se uma molécula de açúcar se perdesse na anomia sensorial da língua.

E agora?, pergunta.

Agora esperas. Questão de segundos, sussurra-lhe Marco, estendendo a mão por debaixo da mesa, agarrando-lhe a barriga da perna, cravando-lhe os dedos na carne ao ponto de fazer nódoa negra, começando a torcer.

Marco, pára com isso! Estás a magoar-me!

Achas que sim?, murmura-lhe Marco, estendendo o outro braço, colando-lhe a mão ao seio, comprimindo, torcendo. É isso que sentes, dor?

Julia geme. Olha as pessoas. Marco, o que é que elas vão pensar...

Quais pessoas, sorri Marco, puxando-a contra si, obrigando-a a espalmar a barriga sobre a esquina da mesa. Que importam os outros? A sério, Julia, estou mesmo a fazer-te mal?

Julia estremece, confusa. Uma vaga agoniativa de prazer vai-se espalhando suavemente por todo o corpo. Uma nova de luz estoura através do seio macerado, da perna comprimida, dos canais dilatados da vagina. Dor? Que idéia! Julia sente-se perdida numa corrente de insustentável prazer. De olhos fechados, indiferente a quem a veja, debruça-se sobre Marco e beija-o nos lábios. Só que o beijo escalda-lhe a boca, a língua possui o corte irregular de uma lâmina enferrujada, a saliva a textura de um ácido corrosivo. Julia engasga-se e recua, entornando a chávena. Café escoia-se sobre a mesa a desenhar efémeros continentes.

Marco sorri, dentes afiados descobertos num esgar: Que impulsiva Julia! Mas pensa um bocadinho. Inversão de polaridade. Dor em prazer! E prazer naturalmente em dor. Droga ideal para uma relação sado-maso. Como a nossa, não achas?

Marco faz-lhe uma festa na mão, uma carícia terna, a primeira. Julia grita como se lhe tivessem partido todos os dedos. Pára, pede ela, pára, por favor...

Alguém tossica, discreto junto à mesa.

- Dão-me licença?

Marco demora muito tempo a levantar a cabeça. De pé, mãos nos bolsos da gabardine, chapéu mole enfiado até as orelhas, o Pescador ignora-o. Só tem olhos para Julia.

- Permitam-me que interrompa vosso simpático idílio, mas tenho uma pergunta a fazer a esta senhora. Eis o meu cartão!

Deixo cair sobre a mesa o código que me identifica. Nenhum dos dois pega nele. O cartão de visita fica ali, abandonado, a ensopear-se em café. Que Marco não o segure, não é de espantar. O cartão encontra-se saturado de maná. Tocá-lo é pedir a dissolução. Os Animus não são parvos. Mas que Julia fique na mesma, olhar perdido para além do meu ombro, como se recusasse a minha presença, é mau sinal.

- Já que custa tanto ler essas letrinhas pequeninas que tanto trabalho deram a fazer, passo a explicar em voz alta ao que venho. Sou um Pescador diplomado pelo Centro de Pesquisas Tanatológicas, e o peixe és tu, Julia. Antes de mais, tenho uma pergunta a fazer-te. Toma atenção, porque ela é muito, muito importante. Tudo depende da tua resposta. Não pode ser doutra maneira. Também nós temos de fazer as coisas pela via oficial. Julia... Julia, estás a ouvir-me?

Não, não está, responde Marco procurando levantar-se, boca arrepanhada num esgar de fúria. Vai-te embora! Estás aqui a mais, és um intruso! Xeta! Rua!

Abano tristemente a cabeça. Teimosos, teimosos, todos eles. O Inferno de Julia é um lugar público. Pelo menos para mim. Agarro-o pelo ombro e empurro. Marco cai estatelado sobre a cadeira. Volto-me uma vez mais para Julia.

- A pergunta é esta. E que a tua resposta fique aqui e agora gravada para todos os trâmites legais. *Queres ser salva?* Sei que isto parece um clichê, mas não posso fazer outra coisa, foi assim que ma ditaram.

- Como? - pergunta Julia a medo, intimidada pelo olhar furibundo de Marco - Salva de quê? De quem?

- Ora, dele! Desta cidade. De tua condição. De tudo quanto quiseses ser salva!

Julia não responde. Sacode a cabeça, torce as mãos, geme baixinho.

Julia, insiste Marco, massageando o ombro dorido, um ombro que resistiu à pressão dos meus dedos, que não se quebrou. Vamos

embora! Deixa esse anormal aí a falar sozinho...

- Era só o que faltava! - digo eu, sentando-me na cadeira livre - Julia, presta atenção. Olha que o assunto é mesmo muito sério. Estou aqui para te resolver um molhe de problemas. Mas não posso fazer nada sem o teu consentimento, percebes? Pela segunda vez: *Queres ser salva?*

Diz-lhe que não, insiste Marco. Não. Não. Mas tu, para te vingares do peito, da perna, do comprimido, do beijo viciado, agora que a minha sombra te protege, respondes, sim.

Respiro fundo. Eis o contrato legalizado. Tenho o pleno consentimento das partes interessadas. Que a Pesca comece!

Para abrir, que se tratem dos assuntos pendentes, que se saneie o estupor deste teu Animus. Saco do bolso o colt .45. A mão arde-me no fogo lento da energia acumulada. Tão bom, tão bom... Sorrio. Marco faz outra vez menção de se levantar.

Sabemos quem tu és!, começa ele. Nem penses que podes abusar sempre da tua situação. Um dia chegará a tua vez. E nós, os Archês, estaremos à espera...

Suspiro fundo. Com ameaças verbais posso eu bem. Conheço-te de gingeira, Marco. Torcias-me o braço quando andava na Escola. Roubavas-me os livros da pasta no Liceu. Passavas-me sempre à frente nos transportes públicos, nas filas de espera, nos empregos, nas namoradas. Chega, estou farto de ti! Disparo. BANG. BANG.

Julia grita num grito lento, monótono, rouco. Com o descarregar das balas, a minha mão adquire o esplendor de um sol. Marco tomba a olhar admirado para as duas cavidades que lhe estouraram com o peito. Não há sangue lá dentro. Marco é oco, oco. Julia choraminga, sentada, a morder os nós dos dedos, confundida pelas vagas sucessivas de prazer.

A energia tem sempre um fim, ameaça-me Marco lá do chão. Mas a minha morte, essa, é provisória. Não nos podes arpoar,

Pescador. Basta descermos bem fundo. Estamos todos cá embaixo, à tua espera...

Vai falando. BANG. Desta vez entre os olhos. A cabeça de Marco desagrega-se como um pote de lama seco ao ar. Mesmo assim não desiste. Mãos batem em compasso nos ladrilhos do Café. BANG. O corpo inteiro colapsa como um modelo de plasticina ao ser pisado. O indicador avisa-me que estou a gastar demasiado potencial. E tem razão.

Faço rodopiar a pistola entre os dedos e recolho-a no coldre. De Marco já não resta grande coisa. Um vento frio sopra da entrada do Café, fazendo dançar entre as mesmas pedações de pano, tufo de pelo, páginas de jornais.

Julia sacode a cabeça. Não quer acreditar no que está bem à vista. Seria capaz de dar tudo para que eu desaparecesse dali. Azar dela. Não me pagam para isso.

- Agora que se acabaram as interrupções, será que podemos falar à vontade?

- O Marco... o Marco... - soluça Julia - Você matou-o! - e virando-se para os outros clientes: - Deu-se um crime à vossa frente e ninguém faz nada?

Os clientes não ligam nenhuma. Encostados ao balcão, sentados pelos cantos, mastigam e murmuram, murmuram e mastigam, num ciclo perpétuo de figuração e indiferença.

- Mas o que é que se passa hoje comigo? - exclama Julia. - Que tenho eu?

- Queres que te diga? - pergunto, sentando-me no antigo lugar de Marco, recolhendo o meu cartão de visita cujo maná acabou por secar todo o café derramado. - Não reparaste como se desfez o teu amigo? Por que é que reages assim? Devias estar contente! Aquela besta não te estava a torturar? Aliás, em boa verdade, todo este universo foi criado para te fazer mal. Mas a única culpada disto tudo és tu, Julia, Marco não existe. Não passa do modo como tu pensas que deves ser tratada por um homem! Infelizmente, Marco é uma parte de ti, um Animus doente e autofágico.

Julia começa a rir, descontrolada: - Isto só eu! Matam uma pessoa à minha frente e depois dizem-me que se trata de uma alucinação junguiana!

- Será o que tu quiseres que seja! Presta atenção, porque isto vai ser um choque. Julia, aqui onde estamos, coisas como esta são possíveis. Aqui todo o inteligível é real. Realidade que é tua, só tua, se bem que muito mal escolhida, se quiseres a minha opinião.

- Eu não lhe pedi nada! - responde Julia, fazendo menção de se levantar, numa débil simulação de revolta - Deixe-me! Vou-me embora!

- JULIA! SENTADA! - grito-lhe num tom ríspido, voz tão alta, tão carregada de energia, que todos os vidros do Café estalam simultaneamente. Os clientes continuam a murmurar, a mastigar, a sorver, como brinquedo mecânicos perante uma tragédia. Julia deixa-se cair na cadeira, olhos esbugalhados.

- Informo-te que te encontras presa num ciclo temporal de autorecriminação. Já não te sobra energia para mais nada. Este universo alimenta-se dela, devora-te. Mas podes contar comigo para mudar o estado de coisas!

- Como?

- Olha o meu dedo! Ahn? Achas que consigo atravessar com ele o tampo da mesa? Não? É de fôrmica, é metal, dizes, e o meu dedo apenas carne. Repara!

Enfio o indicador pelo tampo da mesa como se furasse uma massa úmida e esponjosa de cartão. Esfarelo a cobertura entre as mãos. Fogo frio pulsa-me através dos dedos. Julia abana a cabeça, incrédula.

- Nem sequer preciso de fazer força. Este mundo é frágil, quebradiço, podre. A entropia aqui é quase absoluta. Julia, por favor, acredita no que te vou dizer! É essencial para a tua salvação. *Morreste*. Estamos em plena Necrosfera...

5

Os ruídos do Café assaltam-lhe os ouvidos

numa cacofonia que os circuitos trocados de Julia interpretam como uma harmonia nostálgica. Contudo, o que se ouve são os pés das cadeiras a riscar os ladrilhos enlameados, os gritos das dobradiças da porta a deixarem-se rasgar, o resfolegar tectónico da máquina de café. Por todo o lado paira o eco branco das conversas sem sentido, a servir de pano de fundo ao inominável.

Julia deixa-se ficar, esgazeada, enquanto o Pescador, sem esforço visível, sem que nenhum empregado reaja ou vire sequer a cabeça, vai demolindo a mesa, amarfanhando o tempo, dobrando os pés de alumínio como quem torce um fio de arame.

- Julia... - continua ele, terminada a façanha - Não é por ser eu forte que consigo fazer isto. É por estar carregado com um potencial superior. Disponho de uma carga igual de energia para te oferecer. Faz parte do Seguro.

- Seguro? Qual Seguro?

- Assinaste com a nossa Companhia, em tempos que já lá vão, um Seguro Post-Mortem. Pela nossa parte, comprometemo-nos a recolher-te imediatamente em caso de morte. A *pescar-te*, caso fosse necessário. Pois bem. Morreste. E aqui está um Pescador para cumprir o contrato!

Julia agita a cabeça. Coisas que sempre admitiu como naturais ganham agora um significado ominoso. Os seus dias a correrem como um ciclo monótono de sofrimento. A sensação de saltar no tempo todas manhãs. A agressão vindicativa das pessoas, dos objetos...

- Necrosfera?

O Pescador levanta-se, estendendo-lhe a mão. Conduzida por uns ou por outros, qual a diferença? Julia sente-se distante de tudo, quase eufórica. O comprimido de Marco transformou-lhe todas as dores em espasmos sucessivos de prazer.

Lá fora chove. Cheira a gordura queimada dos restaurantes próximos. Ao lixo putrefato dos depósitos transbordados. À borraça friccionada dos pneus. À gasolina por arder. Para Julia, no crepúsculo frio da tarde,

entre dois arreplos, na confusão cinestésica em que seu cérebro se transformou, tudo isto é puro, novo, bom...

O Pescador levanta a gola da gabardina, franze o sobrolho, agarra-a por um cotovelo, sacode-a. Julia? Estás a prestar-me atenção? Compreendeste o que eu te disse?

Julia acena que sim. O Pescador mostra-lhe uma esfera de chumbo. Repara. Eras capaz de afirmar que o passeio segue à direita? Enganas-te. Todo ele faz parte de uma vertente invisível, como a distorção espaço-temporal na periferia de um buraco negro. A Escarpa da Entropia! Olha, insiste ele, colocando a esfera sobre o passeio. Presta atenção ao que se vai passar...

A esfera começou de imediato a deslocar-se rua acima. Primeiro devagar, depois mais depressa, em seguida quase mancha, pois que, tão rápida, a esfera perfura dois autocarros, três transeuntes, uma pilha de cascalho, até mergulhar na fachada de um prédio.

- Vês Tudo aqui tomba na mesma direção. E todas as direções são a mesma. Tu também, Julia, à medida que enfraqueces, que deixas o teu inconsciente dispersar energia. Morreste com um potencial mínimo. Morreste, mas nem isso queres admitir. Primeiro, tomaste barbitúricos, sim, Julia, uma overdose. E agora, na Necrosfera, continuas a viver como se a automutilação nunca tivesse terminado...

Julia encolhe os ombros. Eu, morta? Eu, suicidada? Pois sim, vai falando... Quero lá saber, que me importa!

- Julia! - o Pescador sacode-a, ríspido. - Não estou a brincar! Aqui, qualquer tipo de brincadeira corre o perigo de se transformar em realidade. Encontramo-nos na zona periférica da morte absoluta. No universo a que o Dr. Barlow chamou de Necrosfera. Podes viver aqui por uma eternidade subjetiva. Num mundo criado por ti, para ti. Mas a verdade é que *escorregas*, percebes? À medida que vais gastando energia, mergulhas na direção do horizonte eventual...

- Ah sim? E depois? O que há para além dele?

- Depois não sabemos, Julia. Ninguém conseguiu voltar dali. Um fóton necessitaria de um potencial infinito de energia para fugir ao vórtice de um buraco negro. Há limites. Passa-se o mesmo neste cosmos analógico. Posso dar-te energia suficiente para que a matriz da tua consciência se mantenha na Necrosfera por um tempo indeterminado. Podes fazer deste lugar um céu. Julia, lembra-te de que todas as tuas culpas são imaginadas. Não tens necessidade nenhuma de sofrer para sempre, de te submeteres aos outros como uma condenação. Mas se deslizes cada vez mais para o fundo...

Julia solta uma gargalhada: Caio no Inferno?

O Pescador suspira, exasperado, arrastando-a pelo passico, cortando a meio, graças à sua mera presença, a corrente contrária de transcutes.

- Tenho a impressão de que não acreditas em nada do que te estou a dizer. Não sejas estúpida, Julia. Não há *nada* para além da vertente. Nada. A tua última oportunidade está aqui, na Necrosfera. A redenção. A purificação de todo o remorso. A consumação do desejo. No universo real, destruíste o teu corpo... É uma opção, nada tenho contra isso. Mas será que queres destruir aqui o que resta da tua consciência?

Julia encosta-se à parede do prédio, como se isso a protegesse da presença absoluta do Pescador. Todos os homens lhe pedem o mesmo. Exigências, obrigações, deveres! Por que será que não a deixam em paz? Por que andarão sempre todos ao mesmo?

O Pescador assenta as duas mãos contra a parede, cada uma do seu lado da cabeça de Julia, num abraço aberto que se sabe ser prisão.

Julia, escuta, quando a Clínica Barlow detetou a paragem cardíaca, trouxeram-te o mais depressa possível. Não para salvar o teu corpo, considerando as porcarias que tomaste. Falha sistémica total! Degradação

irreversível do tecido neuronal. Não havia nada a fazer. O implante cardíaco não serve para nada a não ser para nos avisar do instante da tu morte. Quanto ao teu corpo, esse encontra-se presente num tanque criogénico da Clínica, com um computador a retirar-te um modelo holográfico do cérebro. Quanto à minha pessoa, ou seja, ao meu próprio corpo, está num tanque ao lado do teu, num estado de morte consentida. Por um período não superior a dois minutos. Mais do que isso e as células do cérebro começariam a morrer. Mas olha, é o suficiente! Estou prestes a passar-te parte da minha energia anímica. Como numa transfusão de sangue. O suficiente para te recarregar. O suficiente para eu conseguir voltar a *subir*. É esta a minha profissão. Ser Pescador. Morrer *de fato* várias vezes por ano, descer à Necrosfera dos assegurados. Garantir-lhes o controle da realidade, caso necessitem. Impedir-lhes o estado de culpabilização que a entropia acarreta. Enfim, para lhes dar o Céu em pleno Inferno. Julia, passo o termo, mas *morri* para te salvar. Para te oferecer o que mais desejas... Julia?

Julia abana a cabeça. A boca tem o gosto açucarado das cinzas que chovem das refinarias. Chega-lhe às narinas um relento de flores. Que quero eu?, pergunta a si mesma. Sei lá, não quero nada...

O Pescador puxa-a de encontro a uma porta fechada. Com uma simples torção dos pulsos, arranca-a dos gonzos. Olha, diz ele, olha bem o teu mundo, repara no bonito serviço que fizeste!

Julia olha e reprime um soluço. Do outro lado da porta não há *nada*. Nem patamar, nem escadas, nem pátio interior. *Nada*. É como se o prédio inteiro tivesse ardido e não restasse outra coisa senão fachadas. Um universo oco. Como o peito de Marco. Oh não, murmura, não, não...

Sim, insiste o Pescador, abraçando-a à soleira da porta que não leva a lado nenhum. No estado em que estás, mal consegues dar à luz cenários. Clichés. Reprises adulteradas

de memória. Julia, em vida assinaste um contrato, fizeste-me descer cá ao fundo, deixa-me então cumprir a minha parte do acordo!

Julia concorda, vencida. Dá-me a tua mão, pede o Pescador. Atenção, o processo vai doer um bocadinho. Tem de doer, perces, ou a meio da transferência esvaziavam-me e eu nunca mais conseguiria voltar. Tens direito a metade do meu potencial, conforme o combinado. Coragem, é um instante!

A mão do Pescador, a mão incendiada, envolve a mão de Julia, que espera sentir tudo, menos aquilo que de fato sente. *Prazer! Prazer! Prazer* que começa por um fiozinho, depois uma corrente, enfim uma vaga, uma tempestade absoluta de sensações. Julia inclina a cabeça para trás e grita. Com a outra mão, puxa a gabardina do Pescador e abraça-o. A energia corre-lhe agora por todo o corpo. Julia cola-se ao Pescador para aumentar a receptividade. O topo dos prédios/fachadas estremece lá no alto em dioramas de luz. Por baixo dos pés, o passeio assume a textura elástica de um piso feito de borracha. O Pescador murmura-lhe qualquer coisa ao ouvido, mas ela não quer saber, não entende, absorve que está na explosão sensorial que varre a Necrosfera. Pela primeira vez, dá-se conta da vertente da entropia. Assume a fragilidade de todos os cenários, a total ausência de conteúdo das personagens secundárias. Já sabe defender-se da agressão traiçoeira do inconsciente. *Mais! Mais!* Julia é um escolho a ser lambido numa corrente sucessiva de orgasmos. Eis outra forma de poder, mais corrupta ainda do que a submissão à vontade dos outros. *Mais, Pescador, enche-me!*

Mas o Pescador contorce-se. A boca abre-se e fecha-se como um peixe em agonia. *Não, diz ele, já chega, Julia! Para!*

Parar? Parar agora, que tudo é tão bom, que as dores desapareceram graças à prenda de Marco, que os músculos enrijam, que os dedos derramam chispas de electricidade

estática? Parar no momento em que consegue alterar a realidade com um mero piscar de olhos? *Nem penses!*

Julia abraça o Pescador que se debate em pânico. Julia beija-o num jogo de domínio, segurando-lhe a cabeça com um braço que parece uma tenaz. E cada beijo é uma descarga de anfetaminas, o choque matinal do primeiro café, o calor do álcool puro num dia frio de inverno. Julia envolve, devora, esvazia um Pescador que amolece, que se debate, devora-o como já lhe tinham feito os seus arquétipos, suga-o sem piedade, como quem suga a pata de uma lagosta, o corpo flácido de um caracol, numa mastigação implacável e eufórica.

Minutos depois já nada resta. Ou muito pouco.

Uma gabardina caída na lama. As conchas frágeis de aparelhos que deixaram de funcionar. Uma pistola leve e quebradiça como um modelo de plástico.

Julia sorri, empurrando tudo para o lado com o sapato. Põe a mão frente aos olhos, por momentos fascinada com o crepitar das chamas frias que lhe saltam entre os dedos.

Abandona a arcada oca do prédio e sai ao passeio. Uma velha carregada de sacos de lixo esbarra contra ela, murmurando impertinências. *Desaparece*, ordena-lhe Julia. E a velha desfaz-se como uma bolha de sabão. *Desapareçam, carros elétricos, autocarros, motos, bicicletas... Vou atravessar a rua e não quero ser incomodada por ninguém!*

Um silêncio imenso cai sobre a cidade. Julia solta uma gargalhada, seguindo em frente, num festival de devastação. *Que desapareçam os chatos, os patrões, os mendigos, os machos, as crianças, os animais, os familiares!*

Julia caminha, imersa numa alegria absoluta, desfazendo um a um os cenários da sua existência. As ruas adquirem a pureza estéril de um quadro de Chirico. *Que as refinarias se apaguem, se consumam, se desmoronem!*, grita ela, apontando para o

céu Não quero mais o sol nem as estrelas!

Aos poucos, a Necrosfera vai-se esvaziando. Julia perde a noção do tempo. O apagar de todo o universo não é coisa que se faça num minuto. Digamos, uma hora. Por fim, resta apenas uma planície imensa, ligeiramente afunilada, e Julia de pé, nessa encosta, braço levantado numa saudação ígnea.

Por que hei de querer seja o que for? Que querias tu que eu fizesse de tanta energia, Pescador? Não quero nada, nunca quis *nada!* E tinhas a pretensão de me encher a eternidade com o simulacro da esperança!

Fica com o meu mundo, se o quiseres, Pescador!

Enfim, no momento mais culminante da sua existência, ali, onde todo o inteligível se tornou real, onde as forças do caos e da ordem combatem batalhas absolutas, com um esgar de alívio entre os lábios, Julia aponta para si mesma e diz:

DESAPARECE!

6

Subir a escarpa da entropia, subi-la em pânico, puxado pelo *anzol* que me prende ao corpo, energias anímicas completamente dilapidadas, não é nada fácil, garanto-vos. Por momentos penso, pronto, fui apanhado, morri. Esvaziaram-me nas piores circunstâncias possíveis. Mas não. Abro os olhos. Técnicos afadigam-se em torno do tanque, retirando-me do peito as ventosas dos estimuladores cardíacos. À minha volta, fluido amniótico gargareja ao ser aspirado pelos canais de sucção. Pisco as pálpebras, encadeado pelas luzes dos monitores. Tusso. Gemo. Que bom ter dores, estar vivo e longe do abismo de Julia.

O Dr. Barlow, caso raro, encontra-se presente. Não faz mais do que a sua obrigação, atendendo à gravidade do caso.

Um fenómeno atípico? - pergunta.

Aceno que sim, saindo do tanque, pernas a tremer, sustentado por técnicos e enfer-

meiros, numa paródia de parto.

- Suponho que o erro em parte foi meu. Descuidei-me. A Necrosfera de Julia é uma das mais perigosas que visitei. Armadilhas por todo o lado. É capaz de se defender das invasões exteriores. O transfer final de energia *não* foi doloroso, antes pelo contrário. Como se estivesse à espera dele. Julia devorou-me antes que eu pudesse reagir...

O Dr. Barlow tamborila com os dedos sobre um terminal de computador. Os técnicos desligam nesse mometo o tanque, para o transportarem rumo à desinfecção.

- Uma Necrosfera *consciente*? É isso que está a pretender dizer?

- Doutor, - respondo-lhe, a bebericar uma taça de café que me passaram para a mão. - Não faço idéia. Lá em baixo, disseram que *me* conheciam. E isto da parte de personagens secundárias e terciárias. Como é possível? A Necrosfera é um cosmos subjetivo ou coletivo?

- A ver vamos... - suspira o Dr. Barlow - A sua experiência não é única. Outros Pescadores relataram alterações da mesma natureza. Como se a Morte começasse a dar-se conta da Vida. Olhe, não se preocupe. Tem à mesma direito ao prémio do seguro, mais um bônus suplementar pelo efeito de risco. O meu amigo vá para casa descansar. Tire um mês de férias à custa da Seguradora. Que tal?

O dr. Barlow ajuda-me a levantar. Trôpego, dirijo-me ao *outro* tanque. Lá dentro flutua Julia, uma Julia sexagenária, roída por um tumor no pâncreas. Por momentos, fico a olhá-la. Para onde quer que tenha ido, conseguiu escapar. E no caminho ia dando cabo de mim! Julia, a sensual, a vítima sempre de acordo e submissa, a ingénua dos romances de Sade, a quem apetece sempre fazer mal, não passa de um saco velho!

Dr. Barlow? pergunta um dos técnicos. Podemos desligá-la? Já não precisa dela?

O doutor olha-me. Como se a decisão fosse minha. Como um prémio adicional.

-Desliguem-na, sim. respondo-lhes, quase a entrar no vestiário Mandem-me essa vaca para o crematório!

As coisas terminam aqui? Não, infelizmente as coisas nunca acabam onde de viam acabar

Saio à rua, virando as costas à Clínica/Seguradora/Igreja PESCALTA O DIREITO ASSEGURADO À ETERNIDADE! Os passeios estão apinhados de gente Quero apanhar um táxi, cansado como estou, mas nada feito, claro! Não tenho os dois metros que aparento na Necrosfera. Aqui, nem chego ao metro e sessenta. Os intimidadores passam-me à frente, impunes. Resta-me continuar a pé.

O ar cheira a gases mal queimados, cheira a desperdícios tóxicos das refinarias. Dirijo-me à estação do comboio, mas andar custa-me. Dóem-me as articulações. Desconfio que estou a medrar uma valentíssima enxaqueca.

E depois são as filas de espera junto ao comboio, é o sensor que se avariou e não me devolve o passe, é o estar de pé, comprimido entre as massas particularmente mal-cheirosas, sujeito à fricção neurótica do fim da tarde

Tocam-me no ombro. O Revisor sorri-me num esgar venenoso *Controle*, diz ele. *mostre o passe!* Respondo-lhe que a máquina o comeu, que a culpa não é minha, que vou tratar de arranjar outro mal chegue à casa *Se não tem passe, não pode estar aqui! Quem é que vocês pensam que são? Julgam que há borlas? Passe, bilhete ou multa, já disse!*

Sacudo a cabeça. Não pode ser! O Revisor insiste, puxando-me pelo braço, de scosendo, com a força, as costuras do casaco

- Deixe-me em paz! Mas que chatice!

À minha frente, sentado, calmo, imenso no seu porte, um dos passageiros levanta a cabeça do jornal

O Sr. Revisor precisa de ajuda? pergunta Marco É que eu conheço esse gajo de longa data! É um filho da mãe de um aldra

bão!

Que posso eu fazer senão começar a gritar?

A gritar num comboio cheio de perdidos, um comboio que *desce*, sim, que desce para lá da zona das refinarias, que escorraça na escarpa absoluta e irremediável da entropia, num inferno que não é o meu

Mas o de Julia
Em plena Necrosfera

Mercês, 31 de outubro de 1988

"O Inferno na vida futura, prometido pela teologia, não pode ser pior do que aquele que criamos na vida terrestre, orientando mal as nossas disposições."

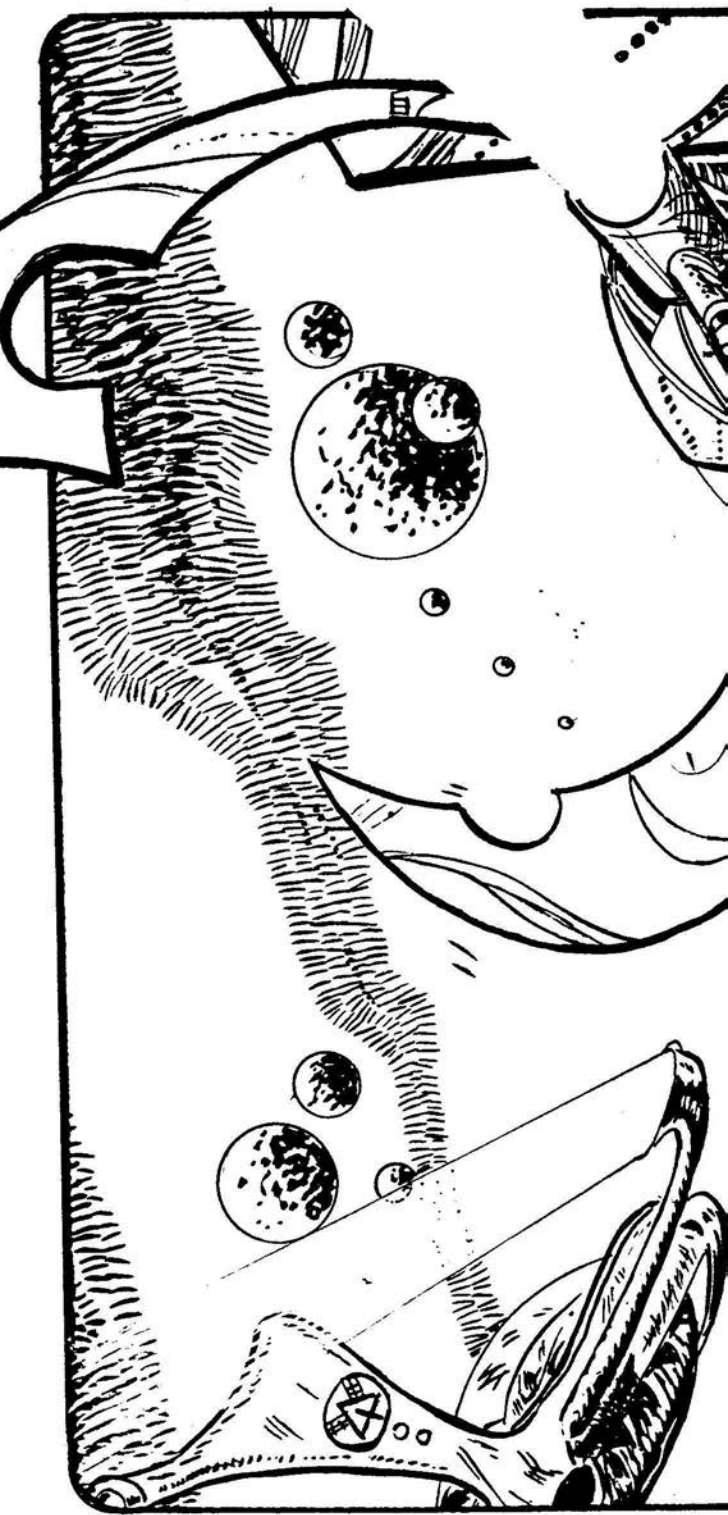
W JAMES, "Precis de Psychologie".

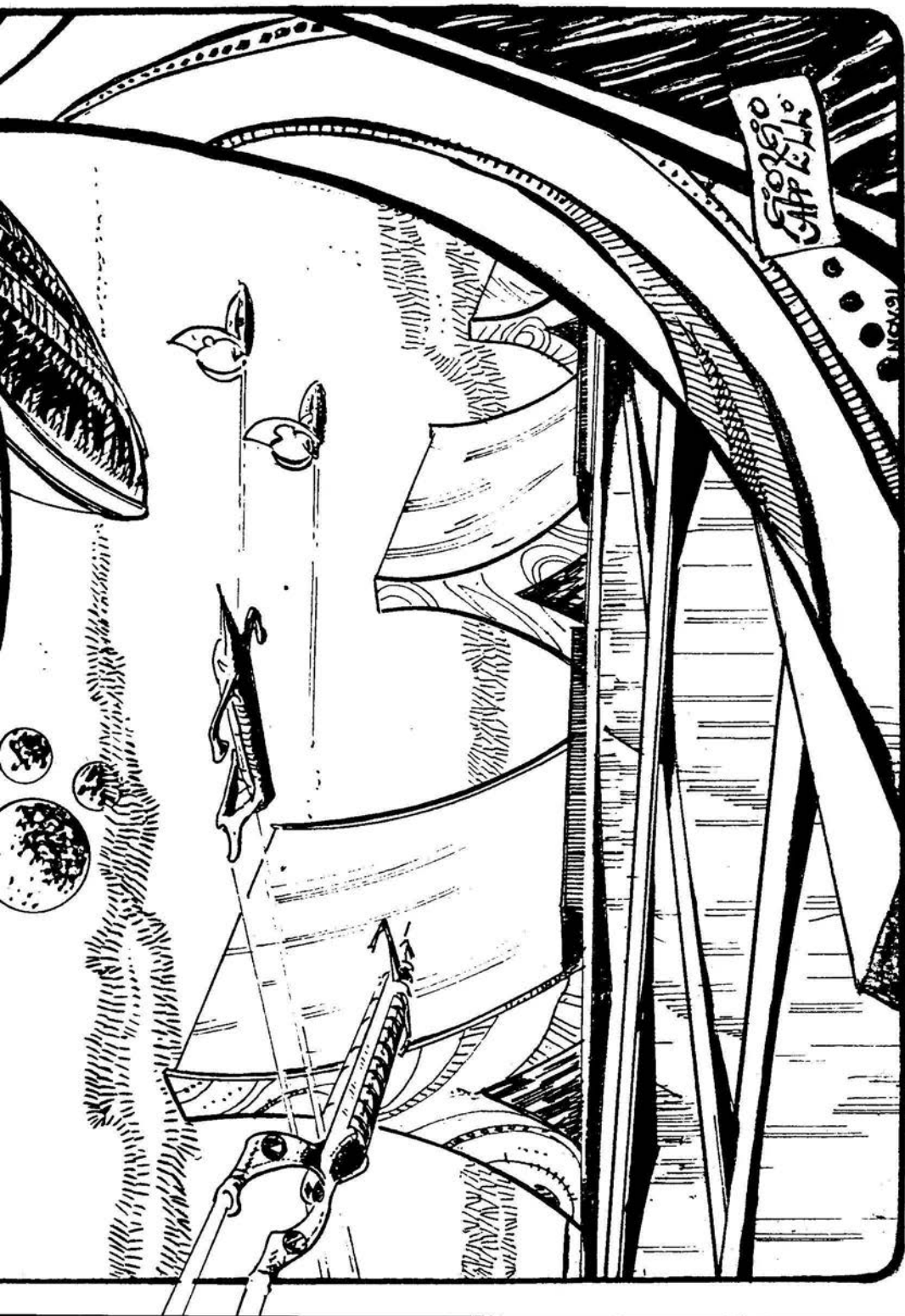


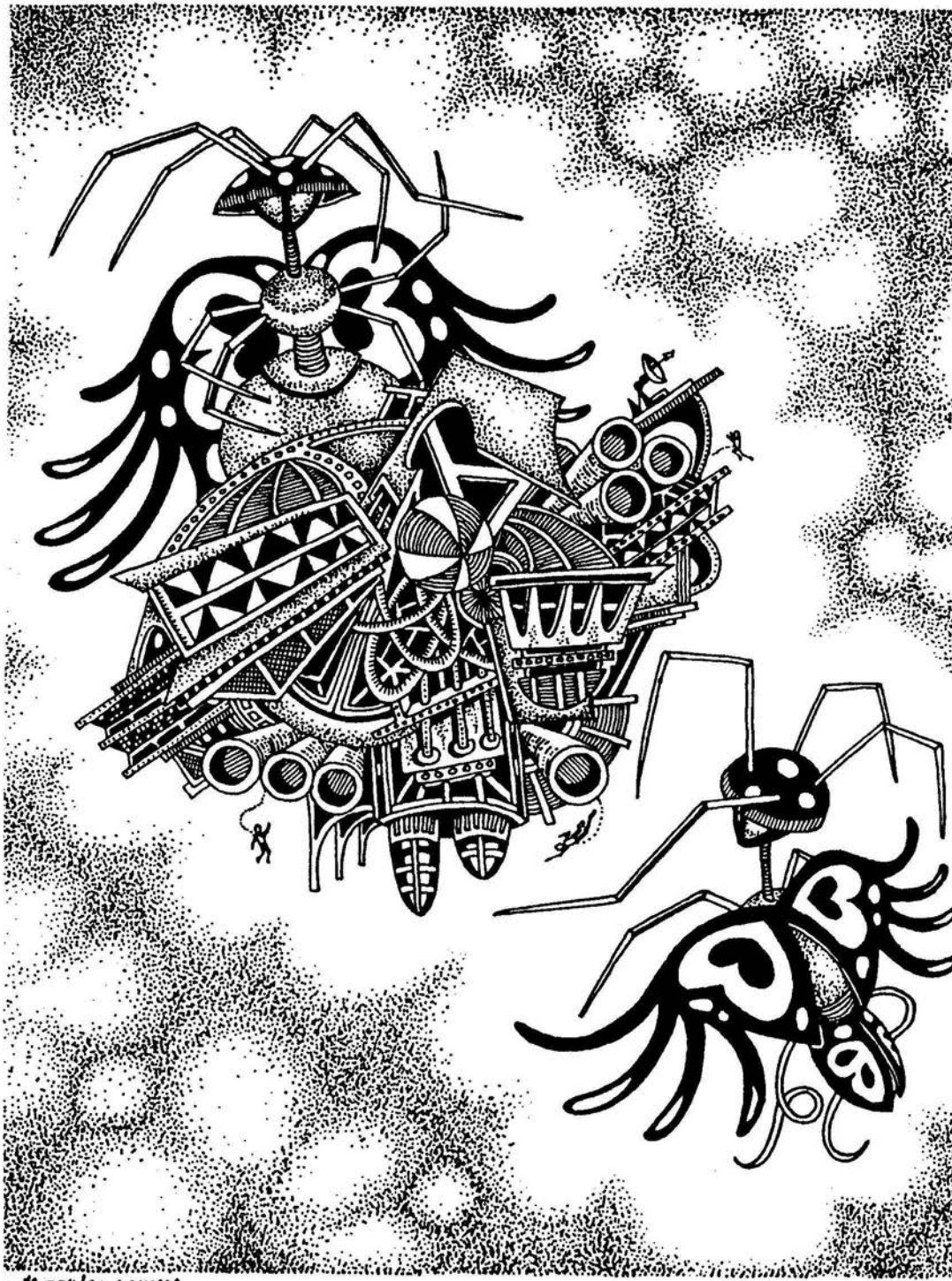


4/9/90

WARRIORS







Vamos dançar

Alexandre Nicoletti Camargo

1.

Manjedouris IV. Uma ode ao desenvolvimento desenfreado; a pérola cinza-metálico do Império Moiro. Durante toda a sua história, milhares de arquitetos e engenheiros haviam sido pagos para inventarem novas maneiras de se construir sobre a outra luxuriante superfície, de modo que, pela última contagem, deveria haver ali pelo menos 32 camadas de prédios e edifícios, interligados por incontáveis vias, túneis e passarelas móveis. A cultura local produzira lendas sobre a não-existência de qualquer superfície rochosa sob todo aquele metal - e, conhecendo o lugar, era difícil não crer em tais histórias.

A atmosfera era originariamente composta por aquela benfazeja mistura de gases, base de grande parte de toda a vida no Cosmo: um pouco de oxigênio, um pouco de nitrogênio, um pouco de mais uns outros quantos gases. Tal mistura, todavia, tinha um odor todo especial em Manjedouris, e apesar de também sustentar vida, não era ~~est~~amente garantia de uma existência próspera e longa. Aliás, certos fenômenos atmosféricos peculiares, como chuvas ácidas torrenciais, eram ali tristemente regulares. Não aquela precipitação levemente ácida de mundos menos desenvolvios, mas sua irmã mais velha: um tipo capaz de corroer metal, alguns tipos de plástico e, a propósito, carne e ossos.

E ali havia gente. Não só os bilhões de empregados diretos das inúmeras indústrias do planeta, como comerciantes de todos os tipos, representantes de toda sorte de profissões imagináveis, além de burocratas, desocupados em geral e, lógico, arquitetos e engenheiros. Mas havia também um outro tipo de pessoa no planeta, um tipo que estava

ali por três motivos principais: 1) as fronteiras eram abertas; 2) a polícia manjedouriana era uma instituição fictícia; e 3) os planetas eram localizados suficientemente próximo de lugar algum (tais motivos não estão numerados na ordem de importância). Estes eram verdadeiros párias, autodenominando-se os Mercadores. Entre eles havia piratas, traficantes (de qualquer coisa), mercenários, espertalhões e aventureiros, e tinham como objetivo único a existência além da esfera de influência da União dos Mundos, por meios pouco lícitos ou francamente criminosos.

Fujiwara Manchester era um deles. Nasceria há 26 longos e divertidos anos-padrão atrás, numa colônia terrana tradicional, localizada no Ponto Colonial do Cisne, chamada Juno-6. Desde muito cedo, demonstrara certa inclinação para problemas com o conceito de "disciplina", tendo atingido o ápice aos 15 anos-p, no dia em que os boletins policiais da colônia denominaram, posteriormente, o "Dia Manchester". Agora ele estava diferente ou, pelo menos, mais alto. Não era do tipo musculoso grotesco; puxava mais para o ágil, estava muito satisfeito com isso e nunca se deparara com qualquer situação em que aquilo se revelasse uma desvantagem. Cabelos castanho-escuros, um pouco longos, emolduravam um rosto com traços fortes, que entregava sua distante ascendência italiana, de uma época em que os homens dividiam-se em nações, e na qual seu nome seria um estímulo ao riso. Usava sua roupa preferida, um capote pesado, com bastante frequência. Como naquele momento, em que vinha descendo uma das rampas sujas de Manjedouris IV, com seu amigo mais constante ao seu lado (e um pouco acima de seu ombro), e um destru-

tivô rifle-de-energia Toshani às suas costas Usava também uma viseira polarizada genageh, mais para proteger seus olhos de ciscos do que qualquer outra razão "Ciscos", a saber, é o nome coloquial dado a um tipo de parasita díratrano bastante difundido em atmosferas à base de oxigênio Seu *modus operandi* é simples: flutua no ar até cair sobre o globo ocular de alguém, causando na hora um pequeno desconforto, até cavar seu caminho para dentro, após o que ele se desenvolve e vai se alimentando, até transformar todo o olho de sua vítima numa massa pustulenta, que então arrebenta e libera novos "ciscos". Coisa nojenta mesmo.

Como já foi dito, ao lado do mercador (e um pouco acima de seu ombro) levitava CARA-DE-CAVALO. Enquanto o terrano precisava ir abrindo caminho através da malcheirosa multidão, seu amigo deixava-se flutuar, seguindo seus passos. O corpo que estava usando no momento era seu corpo menor, o que era óbvio, pois enquanto seu atual corpo tinha as proporções aproximadas de um golfinho cromado, o outro era um cruzador-de-batalha da última geração, pousado num lugar seguro, e que era ainda maior que um antigo B-17. Fuji conseguira a espaçonave anos antes, de um traficante de armas que devia-lhe um grande favor, e escolhera seu nome não inspirado por sua aparência, de traços harmoniosos e elegantes, mas pelo evidente contraste que tal nome provocaria.

Vinham conversando amenidades pela rua cheia de gente. Gente essa que vinha de pelo menos uma centena de mundos, como suas aparências, tamanhos e modos de locomoção indicavam. Havia ali, num único relance, bípedes, quadrúpedes, hexápodes... uma multidão bastante eclética. Dyus, uma raça de paquidermes bípedes, eram vistos aos montes, alguns andando em fileira. Havia também kolostey, em seus pesados escafandros, ortianos duplos rodando sobre eles mesmos, e muitos mais. A única coisa que tornava possível localizar o jovem terrano entre eles era a presença do golfinho

cromado, acompanhando-o como um anjo-da-guarda

De repente, a multidão dispersou. O fato ocorreu tão sem aviso que os dois estacaram, surpresos. À frente deles, de ambos os lados da rua estreita, um grupo começou a se reunir. Pareciam uma parede, se bem que seja difícil encontrar uma parede com cara hostil. De todos eles, Fuji só conhecia o que parecia o líder, e aquilo o deixou feliz: se, durante sua atribulada vida, tivesse conhecido tantas pessoas horríveis, esta teria provavelmente sido bem menos divertida. O nome do líder era Innis Quichill, um dos capangas mais influentes de Yuckodr, o Grande Saratoga. Estava, como os outros, armado até os cariados dentes. Seus olhos transmitiam aquilo que Fujiwara, matuto espacial, denominava "Raiva Bestial Incontrolável".

- Fujiwara Manchester... - rosnou ele, sem muitos rodeios. - ...nós vamos matar você.

O terrano, no hiato que se seguiu entre o final da frase e o começo do tiroteio, piscou várias vezes, sorriu e disse

Ops

2.

Retrocedamos um pouco. O dia dos dois havia começado a cerca de três horas atrás, e a quase dois mil anos-luz dali, perto de Lú-Hisko III, onde haviam concluído uma transação comercial mais socialmente interessante que lucrativa. Fuji acordara incrivelmente bem disposto e, como acontecia em tais ocasiões, estava barulhento. Cantarolava, assobiava, batucava algum ritmo só seu sobre os painéis da nave, fazia piadas para si mesmo e ria delas: ria até cair no chão, esperneando e batendo os punhos com força no piso metálico, e se agitando como se em meio a um ataque. CARA tinha uma tendência a se sentir bem quando o outro estava bem, de maneira que, naquela manhã, sua atmosfera interna estava mais pura que

de costume, e uma música alto-astrol ecoava por todos os seus compartimentos (que não eram muitos, pois o cruzador tinha aproximadamente 50 metros, mas sua fuselagem era delgada). Parecia-lhe, enquanto o dia começava de modo tão bucólico, que suas maiores preocupações durante as próximas duas semanas seriam do tipo "Quanto mel vai querer em suas panquecas?".

O terrano tinha outras idéias. Além de toda a sua ótima disposição, Fuji sentia que havia algo acontecendo. A sensação era conhecida sua: uma estranha pulsação na base de sua nuca, que latejava num padrão regular. Se tinha algo em toda a Galáxia que o mercador acreditava, esse algo eram seus instintos. Foi por isso que pediu, enquanto tomava um maciço café da manhã, que o amigo preparasse o Salto para Manjedouris.

- Manjedouris IV? - repetiu a nave meio incrédula, farejando problemas.

- Esse mesmo. - respondeu Fuji. - E é bom que saiba, filho, estou tendo uma daquelas sensações gozadas na base da nuca.

- Oh! - exclamou ele. - Não me diga que...

- Isso mesmo.

- Mas nunca pensei que...

- Pois é. - disse Fuji, com um olhar esquisito. - A vida prega peças estranhas na gente.

- Nem sei o que dizer. - murmurou CARA, pesaroso.

O terrano parou de mastigar por um instante, olhando fixo para o terminal.

- Relaxe, garoto. - pediu. - Eu disse "na base da nuca", e não "no topo".

Aquilo tranquilizou CARA, que suspirou aliviado.

- Poxa, bom saber. Pensei que tinha dito que...

- Sim, eu sei o que você pensou, mas não é nada tão dramático. Apenas sei que tem algo importante acontecendo, e quero perguntar pro Kawi o que é.

Poucos minutos depois, Fujiwara Manchester já se posicionara na poltrona de piloto. O desenho arrojado da cabine de

comando faria um desavisado acreditar que as duas poltronas acolchoadas de espaldar alto localizavam-se do lado de fora da espaçonave. Na verdade, a cabine era envolta por uma cúpula cônica de vidro sinni, que se situava na ponta da fuselagem em forma de seta. O vidro sinni era ainda mais resistente que qualquer uma das hapas de alistênio que cobriam o resto de CARA, mesmo as chapas duplamente reforçadas das duas enormes asas laterais, que abrigavam os motores. Isso não tinha a menor importância, já que o que realmente protegia a integridade do casco era o campo anti-inercial, que se moldava, invisível a olhos humanos, por sobre toda a nave.

- Preparado? - perguntou Fuji.

Na tela principal, as cordenadas do Sistema para o qual estavam prestes a ir iam passando, uma cascata infinita de números e gráficos estranhos. Graças às características do Hiperespaço - que era um universo com suas próprias leis, atemporal e infinito - uma viagem para virtualmente qualquer lugar era instantânea, e menos que isso. A única dificuldade (ou, pelo menos, a maior delas) era possuir o conhecimento exato das cordenadas para onde se precisaria ir. Ou seja, os gastos de energia eram iguais para qualquer Salto, e depois da descoberta de certas fontes de energia abundante e barata, como os microquasares e as baterias paralelianas, era mais barato viajar de um extremo da Espiral Galáctica a outro do que comer uma empada piramidal no Espaçoporto de Quallausnu XI - e, com toda a certeza, bem mais seguro.

- Preparado, Fuji.

- Passe-me os controles, garotão.

CARA-DE-CAVALO não se incomodava em deixar o terrano pilotar. Sabia que ele era ótimo (apesar de não ser perfeito, como CARA, com toda sua naturalidade de sintético, se considerava). Além disso, servia como uma espécie de ritual, um aquecimento que deixava Fuji pronto para a ação.

Respondendo ao toque decidido do terrano, o cruzador-ligeiro executou uma curva

violenta, e outra, disparando para longe de sua órbita, que vinha mantendo já há dias. Em velocidade sub-luz, rasgaram o espaço para longe do Sistema Lf-Hisko, sua quota de perigos e dificuldades, e a garota nativa chamada Fahr que, com seus traços físicos levemente satânicos, tanto impressionara Fuji.

- Garotas com cauda, filho. - disse ele em tom enigmático, vendo o planeta diminuir rapidamente atrás deles. Uma outra manobra brusca tirou o planeta avermelhado (que era agora pouco mais brilhante que qualquer outra das estrelas da tela) de visão. O terrano deu uma última olhada em direção à tela de cordenadas, certificando-se de que estava tudo bem, e acionou o Motor de-Salto.

Muito havia sido dito, nos primórdios da conquista do espaço, das implicações que algo como a Hipervelocidade teria. Isso é impossível, haviam dito, pois nada pode passar a velocidade da Luz. De certo modo, eles estavam certos, já que, mesmo na época em que Fujiwara Manchester cruzava o Espaço, o equivalente na medida de tempo antiga ao século XXVII da Era Cristã, tal feito - acelerar acima da velocidade da Luz - seria impossível. O que os cientistas tradicionalistas nunca haviam concebido é que para viajar de estrela para estrela não seria necessária qualquer aceleração. Nenhum efeito especial tipo "estrelas-formando-rastros-de-luz" ou "túnel-caleidoscópico-colorido-rotativo". A realidade, por sua objetividade, suplantara tais artifícios cênicos. O Salto era menos que breve; causava uma menos-que-tontura; era, nos termos de alguns poetas-navegadores precianos, um "mergulho não-existente na Eternidade". Na verdade mesmo, ninguém conseguiria por em palavras qual era a sensação de um Salto, e dizia-se que os poetas-navegadores precianos eram, no fundo, uns boçais. Era apenas uma sensação vaga, tênue, sem forma. Num instante, estava-se num lugar. No outro, não mais, e a viagem já tinha acabado.

Foi isso que aconteceu no instante em

que Fuji acionou o Motor-de-Salto. Como se sempre tivesse estado ali, Manjedouris IV apareceu diante eles. Estavam ainda um pouco distantes, já que o trânsito sobre e ao redor do planeta era intenso, forçando-os a manter uma distância segura quando da materialização. Nesse momento, Fuji deu uma guinada para o lado, desviando de um gordo cargueiro, provavelmente moiro, que estava em órbita errática. A manobra de quase 90° teria arrebatado com a nave, não fosse seu campo anti-inercial, mas Fuji não chegou a se alterar. Aquilo era astronavegação moderna simples, não sendo suficiente para tirá-lo do sério.

Sem maiores incidentes, adentraram a atmosfera densa, voando mais por sorte do que por instrumentos, dirigindo-se para a área do Grande Manjed, a capital. Pousaram numa plataforma-estacionamento próxima ao Centro, e CARA transferiu sua alma para o corpo-módulo, guardado quando fora de uso sob o dorso do corpo-nave, num compartimento discreto. Depois de retirar uma ficha com o funcionário da plataforma, um sintético mal-encarado, misturaram-se ao povo abaixo, uma multidão bastante confusa e heterogênea, que parecia seguir apresada em todas as direções.

E lá estavam os dois, em silêncio, pouco depois de ouvirem uma crua ameaça de morte, enquanto Fuji dizia "Ops", e pouco antes de começarem a lutar.

De repente, CAOS! O rifle Toshani, de algum modo, desdobrou-se das costas de Fujiwara, saltando já armado para suas mãos. Com ele, o terrano passou a varrer a rua com o que pareceu, para os infelizes bandidos do grupo de Innis Quhichill, uma chuva de raios celestes, como se a ira de algum Deus primitivo tivesse sido despertada. A abertura do Toshani estava no máximo, de modo que o estrago foi brutal. Pedacos grandes do pavimento eram reduzidos a manchas de poeira. Crateras iam se formando pela rua com uma velocidade pavorosa. O próprio Innis, um dos primeiros do grupo a ser atingido em cheio por uma das rajadas, ex-

plodiu numa nuvem de farrapos de carne azul e restos de ossos, com um ribombar ensurdecedor, que ecoou durante um bom tempo pela ruela, mas que não chegou a ser ouvido, em meio a todas as outras explosões. Uma outra das rajadas imediatamente seguintes acertou o ombro de um mercenário goruh que estava um pouco à esquerda, causando amputação do braço. As fatalidades se seguiram, e os únicos que tentaram reagir tiveram morte ainda mais violenta. O resto do bando pôs-se em fuga.

CARA não saiu do lado de Fuji durante o breve confronto, apenas tendo esquivado dos poucos tiros que os bandidos tiveram a chance de dar.

- Restam dois deles, Fuji. - a cabeça do módulo voltava-se em várias direções enquanto ele falava, dando a idéia de que farejava. - Estão atrás daquela parede à esquerda. Acho que um deles vai...

Interrompendo a frase de CARA, o bandido que estava mais próximo pulou para fora do esconderijo, atirando e gritando como um desvairado.

- Já os localizei. - disse Fuji, atirando o atacante com uma rajada certa, destruindo parte da parede atrás dele também.

Isso foi demais para o último sobrevivente, que jogou fora a arma e saiu com as mãos levantadas, gritando:

- Eu me rendo! Eu me rendo!

Fuji virou o Toshani e, usando-o como uma clava, acertou o peito dele com um barulho forte. O bandido caiu ao chão, soando como se fosse um saco de legumes podres. Gemia:

- Você... quebrou... minhas... costelas...

O terrano abaixou-se sobre ele, apertando sua mão com vigor.

- Sujeitinho de sorte. - disse, com seu mais amistoso sorriso.

3.

Quando CARA deu por si, após um breve

percurso, haviam chegado, e estavam parados em frente a uma construção em forma de concha invertida, enorme. Conhecia o lugar, já que era parada obrigatória quando iam a Manjedouris. O nome, se traduzido do idioma local, seria "O REPOUSO DO COSMONAUTA", escrito em letras holográficas móveis que, devido a um ligeiro problema técnico, apareciam e desapareciam com um zunido chato. Era um tipo de restaurante, especializado numa das maiores contribuições terranas à vida galáctica: pizza. Era mais que uma pizzaria, contudo: como Fuji sempre frisava, era a única pizzaria num raio de 150 anos-luz, o que era alguma coisa, mesmo numa época em que distâncias não eram tão importantes assim. Se eles não tinham concorrência próxima, ao menos respeitavam a fiel clientela. Nos cardápios do estabelecimento, sempre atualizado, havia centenas e centenas de opções de sabor. As possibilidades iam desde o sempre popular queijo hidropônico com mel, até sabores menos comuns, como leguminosas kolostey refogadas, ou barillinhos gritantes vivos.

Era na sorte desses últimos que Kawamoto MDowall estava pensando. Imaginou o quanto deveria ser horrível ser cultivado em gaiolas cheias de nutrientes, colhido no auge da vida e jogado com vários irmãos sobre um disco de massa cozida coberto com molho. Oh, pensou ele, dentes rasgando minha carne, uma boca gigantesca engolindo-me nuns poucos pedaços, fazendo-me mergulhar num oceano de suco gástricos. Tão definitivo, tão certo, tão... misericórdioso.

Estava muito deprimido. Pensou seriamente, na hora de fazer o pedido, em escolher uma pizza de barillinhos, só para ter o prazer de soltá-los. Conteve-se a tempo. Não tinha o direito de espalhar sua desgraça. Devia apenas ficar ali, nutrindo seu desgosto pela própria vida. Era um mercador pacato. Sempre tentava evitar confusão, mantendo-se alheio às coisas que aconteciam ao seu redor. Tinha fama de, durante uma briga, jamais tomar

partido, salvo situações muito especiais. Era do tipo que, ao ver um assalto, virava as costas e ia embora. E agora, por vários motivos que simplesmente escapavam à sua total compreensão, estava muito próximo de ter a cabeça posta a prêmio. Desse agora um único passo em falso e todos os maiores criminosos do Sistema (incluindo aí alguns figurões do Governo local) estariam querendo ver sua caveira. Estariam querendo que ele batesse as botas. Esticasse as canelas. Fosse comer grama pela raiz. Tudo por causa de seu envolvimento profissional com um de seus maiores amigos e que, depois disso, tinha sido declarado *persona non grata* no planeta. Aquele crápula, o...

- Fuji?! - exclamou Kawi, erguendo os olhos com pavor.

Fujiwara Manchester estava ali, com um enorme sorriso nos lábios, como se nada tivesse acontecido durante sua última estadia no planeta, e com os braços abertos.

- Em pessoa, amigo. - inclinou-se sobre a mesa, dando um abraço de urso no outro. - Como vai essa força? Como vai a família? Como vão os...

Kawamoto forçou-o a sentar, olhando para todos os lados.

- Quando vocês voltaram? - perguntou, com urgência na voz.

- Bem, deixe-me ver, faz bem uns trinta minutos, ou algo assim. - olhou para o módulo, que havia tomado posição numa das cadeiras vagas. - Não é isso?

- Trinta e quatro minutos, na verdade. - corrigiu-o CARA.

- E alguém viu vocês?... - a voz do baixinho tremia quando ele disse isso.

Fuji pensou um pouco, coçando o queixo. Por fim, disse:

- Não. Ninguém sabe que estamos aqui. Você vê, somos um bocado discretos.

- Não fazem idéia de como me agrada ouvir isso. - disse Kawi, seus dedos finalmente relaxando, e soltando o tampo da mesa.

- Fora aqueles sujeitos no nível 9. - continuou Fuji, sem mudar o tom de voz. -

Eram uns doze, não?

- Onze. - corrigiu CARA, sem hesitação.

- Pois é. - o terrano concluiu, acendendo um charuto sarliano de sua marca predileta.

- Mas, e aí, como vão as coisas?

Os dedos de Kawamoto haviam retornado à sua posição de alerta. Parecia que faltava pouco para a maderita da mesa se romper.

- Uma... - sussurrou ele, sem poder acrescentar - ...emboscada?

- Digamos que não foi um convite formal para um coquetel.

A boca do baixinho se retorceu, seus olhos envesgaram e sua cabeça tombou para a frente, batendo com um som cavo na mesa.

- Ora, ora, pare com isso, você já é um homem feito. - disse Fuji.

CARA, segurando a cabeça de Kawamoto com suas delicadas mãos metálicas suspendeu-a gentilmente.

- Sua pulsação está compassada, apesar de toda a atuação excêntrica. - disse CARA-DE-CAVALO fazendo um exame retinal rápido no baixinho e onfortando-o. - Não há nada para se preocupar, senhor. Sua saúde está em ordem, não correndo risco imediato. Claro, sugiro enfaticamente que não tome sereno.

- Sim. - exclamou Fuji, subitamente preocupado. - Espere um pouco, você está mortalmente pálido.

- Estou?... - perguntou o outro, incerto.

- Você deve estar se alimentando mal, ou algo assim. - acenou, ficando em pé. - Ei, garçom! Por favor, tem um sujeito morrendo de fome, aqui.

O garçom, um quadrúpede bersinê chamado Moklo, veio gingando até a mesa, desculpando-se pela demora. Anotou o pedido de Fuji e voltou correndo para a cozinha do "REPOUSO". O forno à lenha eletrônica da pizzaria não era tão rápido quanto um sintetizador alimentar normal seria, mas em menos de cinco minutos a massa fumegante já estava sendo servida, para delcete de Fuji e quase total indiferença de Kawi.

- Ânimo, filho. - pediu Fujiwara, apon-

tando o prato do amigo. - Você não quer que a pobre pizza sinta-se rejeitada. Além do quê... - deu uma piscadela marota - ...hoje é por minha conta.

Um brilho de pura ganância faiscou no olhar do terrano de cabelos loiros, reanimando-o um pouco.

- Bem... - disse ele - ...se você coloca as coisas nesses termos...

Passou a comer como um porco, com os olhos baixos, rapidamente. Estava perigosamente próximo de entrar no que Fuji chamava de "gula pecaminosa", e naquele estágio não estava mais em condições de raciocinar. Que coma, pensou Fuji, deixemos que coma mais um pouco. CARA estudava os dois se alimentando, surpreso de que houvesse alguém que comesse mais rápido que seu dono. Tentava entender, quase reverentemente, o que os dois orgânicos poderiam lucrar da experiência, e tentou traçar um paralelo entre aquilo e sua própria alimentação com energia. Não conseguiu, ficou entediado e passou a fazer cálculos hiperespaciais teóricos para passar o tempo.

Alguns minutos depois, Fujiwara concluiu que Kawi estava no ponto de abate. Iniciou a conversa sutilmente, sem dar bandeira, e aos poucos foi levando a coisa para o lado que desejava. Entre uma garfada e outra, sem levantar os olhos, disse:

- Diga-me... - mastigou ruidosamente. - ...tem algo diferente rolando?

- Pode acreditar. - Kawi mastigava ruidosamente. - É o assunto da semana.

Fujiwara empertigou-se, olhando de modo furtivo para CARA.

- Sério? - disse. - De que se trata?

O outro limpou a boca com o guardanapo. Naquele momento, chegava à mesa outra pizza, da qual ele aceitou um pedaço de bom grado. Comeu mais um pouco, da mesma maneira silenciosa, sem soltar o copo (que, de quando em quando, levava à boca). Finalmente, disse:

- O pessoal da União. Eles decidiram que vão reabrir Gashir V.

Fuji não pode mais esconder seu interesse.

- Gashir V? O Gashir V? - perguntou, para confirmar. - Você quer dizer, o Planeta dos Trilhos?

- Mas Gashir não está em Período de Observação? - questionou CARA, tirado de seus cálculos.

- Estava. - disse Kawamoto, parando um pouco de mastigar, intrigado pelo número de perguntas dos dois.

Aquele era um procedimento típico da União dos Mundos, pensou Fuji. Quando achava que um planeta estava prestes a se destruir, não ajudavam. Apenas colocavam um campo energético ao redor, do tipo nulificador hiperespacial, e esperavam que as pessoas do lugar resolvessem seus próprios problemas. Era um dos desdobramentos da maldita Lei da Não-Interferência, a mesma lei que mantivera um desses Campos ao redor da Terra a partir de meados do século XX, deixando-o ali durante um longo tempo. Chamavam aquilo de Período de Observação, e só o retiravam em duas circunstâncias: se as pessoas do planeta em questão contornassem o problema ou se toda a vida do lugar deixasse de existir, após o que as fronteiras eram abertas e o planeta considerado livre para exploração. Era esse último o caso de Gashir V, aparentemente.

- E você acha - continuou Fuji - que a União chegou a explorar o lugar?

- Ah, não. Você sabe como eles são cabeças-duras. Se dizem que o planeta está fechado, está fechado e ponto final. - Kawi terminou de comer, todo sorrisos - Puxa, isso estava ótimo, muito obrigado.

- Não há de quê. - respondeu Fujiwara, com um aceno. - Seu apartamento é muito longe?

- Não muito. Por que pergunta?

- Porque eu quero que você venha conosco até Gashir, e suponho que terá que pegar algumas roupas. - respondeu o amigo, objetivamente.

- Não! - exclamou Kawi.

- Não? - perguntou Fuji.

- Não, eu já disse! - jogou o guardanapo na mesa. - Não quero me meter em mais uma das suas. Não tenho o menor interesse em arriscar o pescoço outra vez.

- Mas terá. Você sabe que vou conseguir convencê-lo.

Ele sabia. Foi por isso que soltou um palavrão, ficou de pé num salto e correu como um louco. CARA, a um simples sinal de Fuji, vou rápido atrás dele, dando uma rasante e agarrando seus tornozelos. Os dois rolaram pelo chão um pouco oleoso do restaurante, sob os olhares intrigados dos outros clientes. Uma onda de terror havia dominado Kawamoto totalmente, e para o caso de qualquer um dos supracitados clientes não terem percebido, pôs-se a gritar. Fuji foi sem pressa até eles:

- Está tudo bem, está tudo bem, sou um médico. - agachou-se sobre Kawi, tampando sua boca com as mãos. Percebendo a irritação de um bigal numa mesa próxima, perguntou: - O que é que há? Nunca viu um parto?

O baixinho sacudiu a cabeça com força, livrando a boca. Disse:

- Deixe-me ir!

- Como assim? - Fuji olhava interrogativamente para ele, como se sua última frase tivesse sido dita em alguma língua morta.

Empurrando Fuji para o lado, conseguiu se sentar. As mãos metálicas do módulo ainda imobilizavam seus pés.

- Você não tem o direito de me obrigar a fazer o que não quero. - percebendo que tinha muita gente suspeita escutando (e nessa hora, ele nem fazia idéia de como mais tarde isso seria ruim para ele), corrigiu-se, dizendo mais baixo: - Não quero ir com vocês. Quero continuar vivendo numa boa, sem riscos.

- Desisto. - disse Fuji, levantando os ombros. - Pode soltá-lo, CARA.

CARA soltou o baixinho, não sem antes fazer uma coisa que Kawi não chegou a perceber. Este, sem pensar duas vezes, saiu com passos decididos pela porta frontal do estabelecimento, batendo-a atrás de si. Ain-

da sentado no chão, Fuji olhou ao redor. Todos os clientes do "REPOUSO" estavam olhando para ele. Moklo, o garçom, surgiu com ar preocupado. Queria saber se Fuji tinha qualquer reclamação a fazer quanto ao conforto de sua cadeira, sugerindo nas entrelinhas que, mesmo que assim fosse, não tinha o menor interesse nisso, e que se ele tentasse sair sem pagar a conta, pegaria-o com uma de suas patas rudes de quadrúpede bersinê e o pisotearia até a Morte. O terrano respondeu sorrindo, confirmando que era de seu total interesse pagar a conta antes de sair, que o faria mesmo sem ser ameaçado e que, se o garçom tentasse pisoteá-lo com suas patas rudes de quadrúpede bersinê, ele as arrancaria com algum objeto pouco afiado, enfiando-as uma a uma por sua garganta.

4.

Kawamoto sentia-se em seu ambiente. Sobre sua cabeça, uma tubulação enegrecida pelo acúmulo de umidade (e sabe-se lá mais o quê) chiava, enquanto centenas de decalitros de esgoto passavam por dentro dela, por hora. O caminho até ali fora tortuoso, já que o baixinho tomara todo o cuidado possível para evitar que fosse seguido. De ra voltas repetidas pelos mesmos quarteirões, entrara em diversas lojas (incluindo uma de artigos cosméticos para trombas), e tomara três esteiras erradas. Tudo isso olhando constantemente pra trás, de maneira - na opinião exclusiva dele próprio - bastante discreta. E lá estava ele, agachado sorrateiramente numa das subestações de esgoto do nível 6, esperando que sua rotina voltasse à normalidade.

Ir com eles? Arrepiou-se diante da possibilidade. Sua vida nunca valia mais que um tostão galático furado quando ele acompanhava o maluco mercador e seu amigo metálico. Era tão mais confortável ficar por ali, jogado, ganhando o que o Destino achava que ele deveria ganhar, quando achava. Exigia tão pouco. Como era mesmo frase?

"Deixemos ficar, para ver como é que fica"?

De repente, um ruído diferente fez-se ouvir. Kawi ficou com os músculos retesados, prestes a pular para o lado - para qualquer lado. O som estava tão fora de contexto, tão além do que ele esperava ouvir dentro de um esgoto, que sua mente entorpecida pelo medo não o associou a qualquer coisa - o som entrou por seus ouvidos, bateu dentro do cérebro, ricocheteou e se extinguiu como se não tivesse sido ouvido em primeiro lugar. Mas o ruído continuava, e Kawamoto tinha consciência disso. Então, com um sobresalto, reconheceu aquilo que sua mente não queria aceitar: o som, espalhando-se por detrás do chiado dos encanamentos como uma névoa fria, era um rosnar, sugerindo a presença desagradavelmente próxima de algum animal perigoso.

Pelos Deuses, pensou ele, isto é um esgoto. Animais perigosos não andam por aí em tubulações de esgoto. Ela não sabia, mas estava redondamente enganado. Havia animais perigosos por ali, rondando nas sombras, animais tão horripilantes que o fariam vomitar de medo caso os visse.

Ouviu um *clac*, como se algo pesado tivesse forçado uma das placas mal-colocadas do piso. Agora sim, o som fora perto. Tirou sua Mackenzie manual do coldre e esperou. Conseguia ouvir as batidas de seu coração e um chacoalhar, um barulho repetitivo e pastoso, que provavelmente também era um som interno, talvez seu intestino. Isso não é uma coisa agradável de se falar, mas assim era, e pode ser que isso torne mais fácil entender o estado de nervos em que ele estava. Então, um dedo saiu do escuro, atrás dele, e cutucou-o.

Ah! - berrou, descontrolado.

Eeii. disse, atrás dele, uma voz irritante de desenho animado. ...o que é que há, velhinho?

- FUJI!

Kawamoto não pode esconder seu alívio. Saltou até onde o outro estava, abraçando-o.

- Pare com isso. - pediu Fujiwara. - Você

está amassando meu capote.

O outro largou-o de vagar, ainda trêmulo. Fuji continuou:

- Que lugarzinho horrível. Você não faz idéia do tipo de coisas que eu e CARA vimos no caminho para cá. Acho que eram as mais terríveis formas de vida comedoras de lixo que jamais, em todos os meus anos de...

- Como foi que me encontraram? - perguntou Kawi, consciente da estranheza da situação.

- Adivinhação! - exclamou Fuji, contente. - Saímos do "REPOUSO", olhamos para aquela cidade enorme e dissemos: "Puxa, para onde nosso amigo pode ter ido?" Tivemos sorte.

- Eu coloquei um sinalizador em você. - explicou CARA, indicando um pequeno ponto prateado na barra da calça cáqui do outro, um pouco maior que a cabeça de um alfinete.

Antes de Kawamoto se indignar, ou Fuji dizer qualquer outra coisa engraçada, um rugido ressoou ao redor deles. Era como se King Kong estivesse sendo torturado - um som capaz de transformar o maior dos bravos num galináceo.

- O que foi isso? - indagou Kawi, num tom que deixava bem claro que ele estava fazendo a pergunta de modo automático, e que a última coisa de que gostaria, no momento, era obter uma resposta.

- Não sei, - respondeu Fuji, alheio a isso. - e não estou nem um pouco preocupado.

A coisa rugiu de novo, ainda mais alto, e muito, muito perto.

- Bem! - Fuji disse, esfregando as mãos. - A conversa está muito boa, mas temos que ir indo. Até logo, lembranças e todas aquelas...

- Espere! - Kawi estava praticamente brilhando no escuro. - Por que vocês dois não me acompanham até meu apartamento?

- Hmm... eu não sei, filho. Quero dizer, não foi muito gentil da sua parte deixar a gente daquele jeito..

- Meus sensores indicam que tem algo muito grande vindo daquela direção. - CARA apontou na tal direção, fitando os dois com

seus olhos brilhantes. - Achei que gostaria de saber.

- Eu insisto que me acompanhem. - implorou Kawi.

- Está bem, está bem, se você insiste. Mas fazemos isso para não ofendê-lo.

Os três começaram a se movimentar, quando ouviram um terceiro rugido.

- Sugiro por ali. - CARA mostrou um outro caminho.

- Ótima sugestão, filho.

- Falta muito?

Estavam num dos bairros mais barrapitada de Manjed. Claro que, perto do esgoto, parecia um lugar grã-fino; contudo, isso não era um grande elogio. Na verdade, eles estavam num nível inferior àquela determinada galeria de esgoto da qual haviam escapado e, se o lugar cheirava melhor, era praticamente tão mal-iluminado quanto. Dava para entender o porquê de Kawi ter escolhido a galeria úmida como esconderijo: era uma opção lógica.

- Não muito.

Kawi estava se metendo num beco sem saída, e não estava gostando disso. Faziam alguns quarteirões que estava em silêncio, tentando encontrar uma boa desculpa para não ter que acompanhá-los. Sabia que no momento em que chegassem a sua casa, Fuji tentaria convencê-lo nesse sentido - não havia outra razão para que eles o tivessem seguido. Ele teria que ser rude, e recusar de um modo que não deixasse uma abertura sequer. Já tinha preparado duas boas respostas quando viu a confusão.

O que restara de seu apartamento era pouco mais que seu contorno. O lugar não havia sido destruído, havia sido demolido. Suas paredes tinham sido postas ao chão como se nunca tivessem sido erguidas e, de uma hora para a outra, seus dois vizinhos estavam morando em apartamentos com frente dupla.

- Meu apartamento! - berrou o baixinho com as mãos semi-levantadas.

Fuji soltou um assobio longo. Quem quer

que tivesse feito o serviço, era um artista. Talvez um pouco bruto, mas dedicado - o tipo de dedicação que passa de pai para filho, durante muitas gerações. CARA-DE-CAVALO também percebeu isso: era uma nave-de-guerra, de modo que apreciava (com interesse profissional) tal tipo de destruição completa.

Já Kawamoto via a coisa com outros olhos, olhos beirando as lágrimas.

- Minhas... minhas... - passava de um lado para o outro, chafurdando nos detritos, que formavam uma pilha levemente enegrecida. Tirava uma ou outra coisa do meio do lixo, revirava-a entre os dedos e dizia em voz alta o que era.

O módulo viu algo numa das paredes que haviam restado e chamou Fuji para dar uma olhada. Enquanto isso, Kawi continuava se lamuriando:

- Meu carpete holográfico! Minha... caixa de doces husgg! Meus... oh, não, meus chinelos forrados com pelo-de-bochiko! Meus...

Fuji aproximou-se do lugar onde CARA estava. Havia um bilhete na parede, fincado com um punhal num lugar bastante visível e que, se Kawi não tivesse entrado de cócoras e olhando para o piso, teria visto com certeza. Não estava escrito com uma grafia que pudesse se chamar de culta e civilizada, mas era bastante objetivo e transmitia sua mensagem.

Estava escrito: "FUJIWARA MANCHESTER DEVE MORRER".

- A frase do dia. - sussurrou Fuji para CARA, arrancando o bilhete da parede e guardando-o no bolso. Tirou o punhal, puxando-o com força. Aproximou-se do amigo, que ainda revirava os destroços. Colocou a mão sobre seu ombro, com um olhar grave - Não sei como dizer, filho, mas...

Mostrou o punhal.

- ...eles querem acabar com você. - completou Fuji, sério.

O mundo de Kawi ruiu. Se ele normalmente era pálido, agora estava translúcido. Não sabia o que fazer: estava totalmente aberto a

sugestões, num estado próximo a um transe hipnótico.

Fujiwara percebeu o silêncio esquisito dele, e disse:

Final de contas, o que foi que você fez que poderia deixar alguém tão nervoso? Sempre te considere um sujeito cauteloso.

- Eu... não sei, na verdade, talvez...

- Escute, filho. Sinto muito, mas acho que sua única chance é sair de circulação por uns tempos. Sabe como é? Sumir. - Fuji continuava falando sério.

- É... sim, eu acho que... pode ser... - e Kawi continuava falando sem muito sentido.

- Venha conosco! - disse Fuji, levantando o dedo. - Será ótimo, eu sei que vamos nos divertir às pampas!

- Sim... sim, sei que pode, e vai ser, claro...

E foi assim, quase que dopado, que Kawamoto McDowall seguiu com eles.

5.

Dos registros de CARA-DE-CAVALO, 245º dia, 622 A.P. (Após Passagem):

A União dos Mundos continua sua marcha incessante atrás daquilo a que se referem como "Paz Galáctica", numa cruzada que vai aos poucos tomar toda a Via-Láctea ou, como a chamam em seu dialeto democrático, Mohn. Os Mundos Exteriores são cada vez mais escassos, mas a Galáxia sempre foi, e para sempre será, perigosamente grande, oferecendo lugar para todos os tipos de pessoa. Nos últimos três anos-p, Fuji e eu percorremos incontáveis parsecs, tendo visitado 115 planetas diversos. Nesse ritmo, possuo coordenadas para viajarmos ainda por cerca de 500.000 anos-p, o que me faz crer que ainda temos muitos lugares para ir. Claro que esse é um número bem grande, e que nenhum de nós dois viverá tanto tempo - mas, conhecendo meu amigo como conheço, sei que tentaremos.

De qualquer forma, somos praticamente veteranos, e já vimos lugares estranhíssimos, o que nos deixa preparados para muitas surpresas. O planeta Gashir V, nosso atual destino, é um desses lugares que poderiam ter nos impressionado bem mais, não fossemos tão calejados. Ele consta de meus arquivos, o que equivale a dizer que eu o possuo dentro de mim: toda sua História, todos os feitos de seus maiores heróis, todos os dados estatísticos, geográficos e políticos referentes a ele, tudo o que pode ser arquivado sobre um planeta e sua civilização predominante, enfim, está registrado em algum lugar de meus bancos de dados. Sei qual é este lugar: basta fazer um gesto psíquico, um aceno mental, e as informações correm através de mim, expondo-se para minha mente consciente. Dentre esses dados todos, há coisas que só poderiam ser passadas para outro sintético, informações as quais, se você é um de nós, provavelmente já sabe, e que, se não for, nunca conseguiria entender.

Continuando, a História deles era peculiar. Haviam sido tecnodirecionados, tinham dado seus primeiros passos na direção da linha normal de desenvolvimento de civilização de seu tipo, mas em algum ponto seu desenvolvimento se estagnou, fixando-se por séculos naquilo que, na História da Terra, poderia ser chamado de "Era do Vapor". Isso foi ocasionado por uma série de complicados acontecimentos sócio-religiosos, bastando entender que o Trem foi, para eles, uma Revolução. Com o passar dos anos, trilhos cortaram todos os três continentes de Gashir V, unindo seus povos sob uma única bandeira e um único governo. Para todos os fins, utilizava-se o Trem. Fosse transporte de pessoas ou carga, ou correspondência, o fato é que a sociedade desenvolveu-se visando aproveitar os trilhos já existentes, e mais trilhos eram construídos para servir às necessidades dessa sociedade. Isso foi um círculo vicioso, que em fato nunca terminou. Ou, pelo menos, resistiu enquanto a civilização resistiu.

Desenvolveram tanto sua malha ferroviária que não havia a necessidade da existência de quaisquer outros meios de transporte, sendo que os que existiam foram aos poucos sendo substituídos. Não depois de muitos anos, o "andar de trem" passou a ter conotação de experiência religiosa. Não posso culpá-los. Eram os trilhos que permitiam que eles levassem suas vidas: era por meio deles que os alimentos chegavam até suas casas, era por meio deles que eles iam a qualquer lugar (e o simbolismo, aqui, é evidente), e por aí vai. Aos poucos, perceberam que havia modos de melhorarem e aperfeiçoarem seus trens. Do vapor, numa linha íngreme e difícil, chegaram aos motores movidos a combustão. Destes, foram para os motores elétricos, nucleares, e passaram então para aqueles movidos a fissão de hidrogênio, tendo começado, nos últimos anos de existência de vida inteligente no planeta, as primeiras pesquisas que os levariam, caso tivessem tido tempo de conclusões, às baterias paralelianas. Tudo isso sem deixar de lado o "andar sobre trilhos". A equipe de cientistas que ousou propor a levitação eletromagnética, em meados da Era dos Elétricos, foi executada em praça pública por heresia, o que proporcionou uma renovada estabilidade para o sistema vigente.

Criou-se entre os gashires um culto, a Irmandade do Dormente. Seu objeto de adoração era um antiquíssimo pedaço de madeira retangular que, afirmavam, não era apenas um, mas o Primeiro Dormente a ter sido fixado ali. Pregavam adegada do Trem Definitivo, Aquele-Que-Transcenderia, e o primitivo objeto era seu símbolo ("Por sobre ele os Primeiros passaram; por sobre ele o Definitivo passará"). Aquela foi a religião oficial do planeta durante centenas de seus anos, e foi nesse período que os Huulna chegaram até eles. Sim, os Huulna - os maiores colonizadores de toda a História Galáctica, cujo Império espalhou-se por quase uma décima parte de toda a Mohn, no seu

apogeu. Vieram a Gashir dispostos a obter minério badhi, que era abundante. Por que eles simplesmente não tomaram o que queriam nunca ficou claro. O fato é que envolveram-se em negociações com os nativos, e estas acabaram por levar a uma proposta interessante: os gashires pediram que os Huulna banhassem seu precioso Dormente, que aos poucos estava se desfazendo, no seu metal mais durável, o darindium. Em troca, cederiam de bom grado as primeiras toneladas de badhi, e fariam as remessas subsequentes por um preço acessível. Os negociadores do Império gostaram da idéia. Seu darindium era valioso, sem dúvida, e sua composição era um segredo bem guardado. Mas eles sabiam que os nativos não possuíam tecnologia para reproduzi-lo, e nunca submeteriam seu artefato de maior valor a exames de laboratório, se tivessem. Assim, em meio a festividades, os dois povos selaram o contrato, ambas as partes ficaram satisfeitas e a vida continuou. Em poucos anos, porém, os Huulna não mais se preocupavam com aquilo, parando os contatos com o planeta. Isso acarretou uma crise econômica sem precedentes em Gashir, que havia se voltado para a idéia de negociar com eles, tendo deixado de lado preocupações mais importantes. Houve Guerra Civil, o governo foi deposto, recolocado no lugar, deposto novamente, e mais uma vez recolocado no lugar, e eles começaram a trocar ameaças envolvendo os recém-desenvolvidos armamentos nucleares. É importante notar que, enquanto tudo isso acontecia no pequeno planeta, uma coisa muito pior acontecia na Galáxia. Todo o problema com os Huulna aconteceu nessa época, e não pretendo fazer suposições a respeito - creio que mentes muito melhores do que a minha já se dedicaram a essa tarefa, de modo que isso seria desnecessário. O que importa é que, como todos sabem, o Império sumiu. Suas navas deixaram de ser vistas, suas colônias foram abandonadas, e foi isso. Ao mesmo tempo, a União dos Mundos ia multiplicando sua própria importância. Cen-

tenas, e depois milhares de civilizações foram aderindo a ela. Havia existido outras tentativas de se conseguir tal tipo de associação planetária. Nenhuma delas teve tanto êxito.

Enfim, num processo de reavaliação das antigas colônias e planetas livres, sob jugo do extinto Império, a União chegou a Gashir. Vendo como eles estavam prestes a se destruir, e seguindo uma de suas leis mais básicas, a Lei da Não-Interferência, enclausuraram o planeta num envelope de energia, deixando-os à própria sorte. Nunca se recuperaram, pois eis que nos chega a notícia, via Kawamoto McDowall, de que o planeta vai ser reaberto em breve, e posto disponível para exploração e eventual colonização por raças interessadas. Tal processo é tão mecânico e linear como todo o resto de atitudes da União, e tenho certeza de que nesse exato instante, espalhados pela Galáxia, dezenas de pequenos burocratas de espécies diversas estão enviando seus formulários de inscrição, explicando por que motivo desejam Gashir, e dizendo o que pretendem fazer, caso ganhem a concorrência. É por isso, por essa previsibilidade, que sabemos que é Tempo de Saque, ali, no instante em que as fronteiras forem abertas. E, dizem os Registros, em algum lugar, seja em um altar empoetrado ou templo esquecido, repousa uma amostra da mais preciosa tecnoliga que já existiu - o darindium, famoso por sua durabilidade e demais qualidades excepcionais. Amostra essa que, se vendida no lugar certo, poderá render uma fortuna de créditos galáticos, uma possibilidade mais atraente para um mercador bem-disposto.

Ah, sim. Kawi está conosco. Foi difícil convencê-lo desta vez, mas meu amigo aproveitou-se de um mal-entendido conveniente, e cá estamos nós, um pouco antes do Salto. Será que Fuji sente falta de outros orgânicos para conversar? Talvez a crise com Lydia, alguns meses atrás, tenha acertado-o mais fundo do que pude perceber. Eu o questionarei no momento apropriado.

- CARA? - chamou Fuji.

Estavam ele e Kawi na cabine de comando de CARA-DE-CAVALO. Do lado de fora da cúpula transparente, o trânsito continuava um risco ao redor de Manjedouris. Duas naves frannu perturbaram a órbita da espaçonave até Fuji demonstrar o que achava a respeito, voando pelo meio delas, seus anticampos se roçando. Um incidente de menor importância. Só que a nave nada disse a respeito, estando estranhamente silenciosa.

- CARA? - insistiu o mercador.

- Sim, o que houve? - respondeu o cruzador, com tranquilidade.

- Você, meu velho. Desde que subimos, você nada disse.

- Oh. Isso. - CARA disse, revendo suas gravações e notando que realmente tinha estado quieto. - Perdoe-me, é que estava registrando.

- Registrando? - Kawamoto ergueu uma das sobrancelhas. - Como assim?

- Guardo as informações principais de nosso dia-a-dia pela Galáxia. - explicou a nave. - Os fatos mais importantes, o meu parecer a respeito. Tudo do meu ponto de vista, e sem dados excessivamente técnicos.

Kawi riu, chacoalhando-se todo.

- UM DIÁRIO! A NAVE TEM UM DIÁRIO! - exclamou ele, apontando para o terminal. - E o que você pretende fazer depois de terminá-lo? Guardar na mesma gaveta com o caderno de poesias?

- Não, publicá-lo. - respondeu a nave. - Meu sonho é escrever um best-seller e ficar rico.

Kawi engoliu o riso, ficando vermelho como um pimentão geneticamente engendrado.

- Meteu os pés pelas mãos, filho. - disse Fuji para ele, a título de consolo. - Agora que vocês já decidiram qual dos dois é mais esperto, que tal trabalharmos um pouco?

CARA colocou os dados sobre Gashir de sobreaviso, ao mesmo tempo em que as coordenadas (que ele já havia calculado desde a

Desenvolveram tanto sua malha ferroviária que não havia a necessidade da existência de quaisquer outros meios de transporte, sendo que os que existiam foram aos poucos sendo substituídos. Não depois de muitos anos, o "andar de trem" passou a ter conotação de experiência religiosa. Não posso culpá-los. Eram os trilhos que permitiam que eles levassem suas vidas: era por meio deles que os alimentos chegavam até suas casas, era por meio deles que eles iam a qualquer lugar (e o simbolismo, aqui, é evidente), e por aí vai. Aos poucos, perceberam que havia modos de melhorarem e aperfeiçoarem seus trens. Do vapor, numa linha íngreme e difícil, chegaram aos motores movidos a combustão. Destes, foram para os motores elétricos, nucleares, e passaram então para aqueles movidos a fissão de hidrogênio, tendo começado, nos últimos anos de existência de vida inteligente no planeta, as primeiras pesquisas que os levariam, caso tivessem tido tempo de concluí-las, às baterias paralelianas. Tudo isso sem deixar de lado o "andar sobre trilhos". A equipe de cientistas que ousou propor a levitação eletromagnética, em meados da Era dos Elétricos, foi executada em praça pública por heresia, o que proporcionou uma renovada estabilidade para o sistema vigente.

Criou-se entre os gashires um culto, a Irmandade do Dormente. Seu objeto de adoração era um antiquíssimo pedaço de madeira retangular que, afirmavam, não era apenas um, mas o Primeiro Dormente a ter sido fixado ali. Pregavam ategada do Trem Definitivo, Aquele-Que-Transcenderia, e o primitivo objeto era seu símbolo ("Por sobre ele os Primeiros passaram; por sobre ele o Definitivo passará"). Aquela foi a religião oficial do planeta durante centenas de seus anos, e foi nesse período que os Huulna chegaram até eles. Sim, os Huulna - os maiores colonizadores de toda a História Galáctica, cujo Império espalhou-se por quase uma décima parte de toda a Mohn, no seu

apogeu. Vieram a Gashir dispostos a obter minério badhi, que era abundante. Por que eles simplesmente não tomaram o que queriam nunca ficou claro. O fato é que envolveram-se em negociações com os nativos, e estas acabaram por levar a uma proposta interessante: os gashires pediram que os Huulna banhassem seu precioso Dormente, que aos poucos estava se desfazendo, no seu metal mais durável, o darindium. Em troca, cederiam de bom grado as primeiras toneladas de badhi, e fariam as remessas subsequentes por um preço acessível. Os negociadores do Império gostaram da idéia. Seu darindium era valioso, sem dúvida, e sua composição era um segredo bem guardado. Mas eles sabiam que os nativos não possuíam tecnologia para reproduzi-lo, e nunca submeteriam seu artefato de maior valor a exames de laboratório, se tivessem. Assim, em meio a festividades, os dois povos selaram o contrato, ambas as partes ficaram satisfeitas e a vida continuou. Em poucos anos, porém, os Huulna não mais se preocupavam com aquilo, parando os contatos com o planeta. Isso acarretou uma crise econômica sem precedentes em Gashir, que havia se voltado para a idéia de negociar com eles, tendo deixado de lado preocupações mais importantes. Houve Guerra Civil, o governo foi deposto, recolocado no lugar, deposto novamente, e mais uma vez recolocado no lugar, e eles começaram a trocar ameaças envolvendo os recém-desenvolvidos armamentos nucleares. É importante notar que, enquanto tudo isso acontecia no pequeno planeta, uma coisa muito pior acontecia na Galáxia. Todo o problema com os Huulna aconteceu nessa época, e não pretendo fazer suposições a respeito - creio que mentes muito melhores do que a minha já se dedicaram a essa tarefa, de modo que isso seria desnecessário. O que importa é que, como todos sabem, o Império sumiu. Suas navas deixaram de ser vistas, suas colônias foram abandonadas, e foi isso. Ao mesmo tempo, a União dos Mundos ia multiplicando sua própria importância. Cen-

tenas, e depois milhares de civilizações foram aderindo a ela. Havia existido outras tentativas de se conseguir tal tipo de associação planetária. Nenhuma delas teve tanto êxito.

Enfim, num processo de reavaliação das antigas colônias e planetas livres, sob jugo do extinto Império, a União chegou a Gashir. Vendo como eles estavam prestes a se destruir, e seguindo uma de suas leis mais básicas, a Lei da Não-Interferência, enclausuraram o planeta num envelope de energia, deixando-os à própria sorte. Nunca se recuperaram, pois eis que nos chega a notícia, via Kawamoto McDowall, de que o planeta vai ser reaberto em breve, e posto disponível para exploração e eventual colonização por raças interessadas. Tal processo é tão mecânico e linear como todo o resto de atitudes da União, e tenho certeza de que nesse exato instante, espalhados pela Galáxia, dezenas de pequenos burocratas de espécies diversas estão enviando seus formulários de inscrição, explicando por que motivo desejam Gashir, e dizendo o que pretendem fazer, caso ganhem a concorrência. É por isso, por essa previsibilidade, que sabemos que é Tempo de Saque, ali, no instante em que as fronteiras forem abertas. E, dizem os Registros, em algum lugar, seja em um altar empoeirado ou templo esquecido, repousa uma amostra da mais preciosa tecnologia que já existiu - o darindium, famoso por sua durabilidade e demais qualidades excepcionais. Amostra essa que, se vendida no lugar certo, poderá render uma fortuna de créditos galáticos, uma possibilidade mais atraente para um mercador bem-disposto.

Ah, sim. Kawi está conosco. Foi difícil convencê-lo desta vez, mas meu amigo aproveitou-se de um mal-entendido conveniente, e cá estamos nós, um pouco antes do Salto. Será que Fuji sente falta de outros orgânicos para conversar? Talvez a crise com Lydia, alguns meses atrás, tenha acertado-o mais fundo do que pude perceber. Eu o questionarei no momento apropriado.

- CARA? - chamou Fuji.

Estavam ele e Kawi na cabine de comando de CARA-DE-CAVALO. Do lado de fora da cúpula transparente, o trânsito continuava um risco ao redor de Manjedouris. Duas naves frannu perturbaram a órbita da espaçonave até Fuji demonstrar o que achava a respeito, voando pelo meio delas, seus anticampos se roçando. Um incidente de menor importância. Só que a nave nada disse a respeito, estando estranhamente silenciosa.

- CARA? - insistiu o mercador.

- Sim, o que houve? - respondeu o cruzador, com tranquilidade.

- Você, meu velho. Desde que subimos, você nada disse.

- Oh. Isso. - CARA disse, revendo suas gravações e notando que realmente tinha estado quieto. - Perdoe-me, é que estava registrando.

- Registrando? - Kawamoto ergueu uma das sobrancelhas. - Como assim?

- Guardo as informações principais de nosso dia-a-dia pela Galáxia. - explicou a nave. - Os fatos mais importantes, o meu parecer a respeito. Tudo do meu ponto de vista, e sem dados excessivamente técnicos.

Kawi riu, chacoalhando-se todo.

- UM DIÁRIO! A NAVE TEM UM DIÁRIO! - exclamou ele, apontando para o terminal. - E o que você pretende fazer depois de terminá-lo? Guardar na mesma gaveta com o caderno de poesias?

- Não, publicá-lo. - respondeu a nave. - Meu sonho é escrever um best-seller e ficar rico.

Kawi engoliu o riso, ficando vermelho como um pimentão geneticamente engendrado.

- Meteu os pés pelas mãos, filho. - disse Fuji para ele, a título de consolo. - Agora que vocês já decidiram qual dos dois é mais esperto, que tal trabalharmos um pouco?

CARA colocou os dados sobre Gashir de sobreaviso, ao mesmo tempo em que as coordenadas (que ele já havia calculado desde a

conversa na pizzeria) desfilavam pela tela principal.

- Será um Salto razoável. Aproximadamente 32.562 anos-luz. - disse CARA.

- Alguns poetas preciaunos comparam um Salto a um mergulho não-existente na Eternidade. - Kawi disse, com a voz tocada pela emoção.

Fujiwara sorriu, cínico, para o amigo.

- Essa é a opinião deles, não é mesmo? Então, vamos a isso.

Saltaram. Talvez fosse esse o motivo para CARA dizer o tamanho do Salto: se ele não dissesse, nenhum dos dois notaria. Ou notaria. Na verdade, havia uma grande probabilidade nesse sentido: se, sobre os céus de Manjedouris, havia trânsito, ali em Gashir havia uma zona-de-guerra. Dezenas de naves passavam de um lado para o outro, ao redor de toda a atmosfera. Parecia uma orgia de crustáceos. Não era possível perceber um padrão no movimento delas todas, ou em seus formatos e tamanhos. Cruzadores-de-guerra, fragatas, naves cargueiras, naves pesquisadoras, o diabo. Só não eram vistas quaisquer naves da União: aparentemente, os malditos Discos já tinham terminado seus negócios por ali.

- Há atividade sobre a superfície. - CARA disse, estudando o planeta com seus sensores de longo alcance. - Não tiveram tempo de instalar equipes de escavação, mas é questão de horas.

- Filho, - disse Fuji, olhando sério para Kawi - quando foi que você disse que as fronteiras de Gashir seriam abertas?

- Não me olhe desse jeito! - exclamou o baixinho. - Eu disse que a União ia reabrir o planeta, mas não sabia que isso já tinha acontecido.

- Parece que agora sabemos. - disse Fuji, soturno, mascando o charuto com força. - CARA, você consegue perceber quando foi exatamente?

- Talvez ainda hoje, mas não posso precisar.

A nave conseguia sentir os restos tênues

da trava dimensional, mas eles demoravam a se dissipar, de qualquer modo. Kawi sentia-se mortalmente culpado. Se ele tivesse dito a data exata da reabertura (se ele soubesse dela), teria poupado a ida até lá. Uma coisa era entrar numa "Corrida de Darindium". Outra, bem diferente, era entrar numa corrida dessas atrasado. Foi por isso que sua voz quase não saiu quando ele disse:

- O que faremos agora?

Fuji era uma pessoa muito tranquila. Anos de perigos inacreditáveis e provações haviam-no deixado assim. Havia pouca coisa capaz de enervá-lo, e um engano pequeno de um grande amigo estava longe de ser uma delas.

- Fica frio, garoto. - disse ele - Vamos apenas entrar numa órbita confortável e descobrir onde nossos concorrentes lá embaixo estão errando.

- Errando? - Kawi surpreendeu-se. - Como você tem tanta certeza de que eles podem estar errando?

- Simples. Nós somos os melhores. É só questão de esperar.

- Acho que a espera acabou. - informou CARA - Tem gente morrendo lá embaixo.

Fuji ficou um pouco em silêncio, e disse: - De que jeito?

E CARA estava (dentro de seus limites de sintético, no tocante a demonstrar emoções) horrorizado quando disse:

- Estão sendo devorados por trens.

6.

Havia em Gashir três continentes, fora alguns arquipélagos um pouco maiores. Desses, o único que estava recebendo atenções era o maior, Gaghil. Era ali que se situava a outrora grandiosa capital planetária, Gashir'dii. Suas ruínas eram maciças, colossos de pedra e rocha, que os séculos iam consumindo, que saltavam da superfície avermelhada como se no lugar, atividades vulcânicas seguissem regras ge-

ométricas simples. Nada de sutilezas: as coisas ali eram feitas para durar, e eram firmemente apoiadas no solo. Natural, em se tratando de um povo que achava isso sagrado. Mas não eram as linhas retas e paredes fora dos prédios e construções o que mais impressionava sobre a superfície, mas aquilo que entremeava todos os prédios e construções, que se espalhava por sobre todo o deserto imediatamente próximo à cidade, e além disso. Aquilo que, de uma distância maior, pareceria tão somente uma textura natural ao planeta, acinzentando-o um pouco.

Trilhos. Trilhos compondo uma malha louca, insana, que cobria as vastas planícies de Gashir com uma meticulosidade assombrosa. Os dois continentes menores tinham sido um pouco poupados, talvez por falta de tempo. Mas Gaghil não tivera chance. Fôra totalmente coberto. Montanhas inteiras haviam sido arrancadas para dar lugar aos trilhos. Vales haviam sido fechados, mares rasgados por túneis, e pontes com centenas de trilhos correndo paralelos sobre elas atravessavam gargantas e precipícios. O Poder da Fé.

CARA flutuava sobre a capital, a uma altura de algumas centenas de metros. A cidade estava sendo rapidamente evacuada, fervilhando de movimento. Talvez pela estranheza da frase de efeito de CARA, alguns minutos antes, nem Fuji nem Kawi haviam dito qualquer coisa, desde então. Mesmo quando as primeiras imagens de seus pretendidos concorrentes sendo devorados pelas máquinas velozes começaram a chegar até eles, ainda reinava na cabine de comando um sentimento geral de irrealidade.

- Vejam isso - disse CARA, mostrando uma imagem terrivelmente nítida numa de suas telas.

Era uma vista aérea, mas muito próxima. Mostrava a boca de um túnel, na periferia da cidade. Dela estavam saindo correndo várias pessoas, em pânico. Dois retardatários pareciam ainda mais assustados, separados do

resto do grupo por um punhado de metros, olhando diversas vezes para trás. Um deles parecia ter quebrado a perna, pois se apoiava no outro. De repente, saltando do túnel em tremenda velocidade, uma forma escura, enorme, com inúmeras rodas, atacou-os. A ação foi muito rápida. Mal foi possível vê-la abrindo seu bico metálico em três, criando um espaço mais que suficiente para permitir a entrada de um homem em pé em seu interior, antes de alcançar os dois e engolilos. A cena foi se repetindo em todas as outras imagens mostradas pela nave, com algumas alterações de pouca importância. Mas, em essência, era sempre a mesma coisa: trens devorando gente. Em pouco tempo, todas as naves já pousadas sobre a planície decolaram. O ataque repentino pegou a todos de surpresa, e algumas naves chegaram a ir embora.

A maioria, no entanto, fez como CARA: localizou bons pontos de observação, fixando-se magneticamente, imunes aos ventos ou à própria gravidade. Vendo que Kawi estava impressionado com os últimos acontecimentos, Fuji disse:

- Isso não altera nossas chances. Pelo contrário, agora mais do que nunca, estamos em vantagem sobre eles.

- Desculpe meu pessimismo, Fuji - disse Kawi. - Mas, como você pode dizer uma coisa dessas? Há trens comendo gente lá embaixo!

- A gente deles, meu velho. - replicou o mercador. - Imagine como está o moral dos caras. De qualquer modo, a única coisa que podemos fazer é ficar por aqui, estudar o movimento de nossos oponentes e achar um modo seguro de ir à superfície. Eh, CARA?

- Sim?

- Sintetize umas castanhas e cerveja. - pediu Fuji. - Creio que a espera será longa.

Fazia seis horas que estavam em estado de vigília. Nesse tempo, o movimento abaixo deles tinha diminuído consideravelmente, e havia uma única certeza: os trens, como

CARA suspeitara desde o início, eram criaturas automatadas. Não possuíam pilotos e, na verdade, talvez não houvesse nenhum gashir para os pilotos, caso precisasse. Traços de radioatividade espalhavam-se pelas ruínas, e não era difícil imaginar o que tinha acontecido com eles.

- Pessoal, aí vem mais alguns disse Kawi, apurando-se na poltrona, indicando a tela principal.

A nave em questão era um pequeno veículo em forma de cunha, de origem centuriana. Seu nome estava escrito centenas de vezes por sobre todo o casco, na escrita intrincada de seus construtores. Dizia-se que os centurianos (um povo em geral muito racional) acreditavam que aquilo os protegia contra "Os-Males-Que-Nos-Reserva-a-Imensidão-Escuro-do-Espaço". Deviam ter discutido durante todo aquele tempo se trens carnívoros poderiam ser considerados nessa categoria. Agora pareciam ter se decidido, e a nave flutuou sem pressa até os trilhos escuros, planando um pouco e, por fim, pousando sobre eles. Por um instante, nada aconteceu. Parecia que eles e seu casco decorado haviam vencido a parada, quando uma vibração violenta envolveu-os. E antes mesmo que qualquer um de seus tripulantes pudesse dizer "Hujji-Galluschka" mais que cinco vezes, surgiram duas máquinas correndo em trilhos paralelos e abalroaram o pequeno engenho. Seu anticampo absorveu boa parte do impacto, mas alguma coisa deu errado, pois a nave rolou e caiu de lado, imóvel. Mais um trem acertou-a, jogando-a para o lado como se fosse um brinquedo nas mãos de uma criança grande e maldosa. Mais uma máquina chocou-se contra a nave, e mais outra, até que danos internos realmente sérios começaram a ocorrer, um filete de fumaça negra e espessa desprendeu-se do anticampo. Uma escotilha se abriu, revelando uma figura que se arrastava para fora dos destroços. Era um centuriano alto, e seus tentáculos eram robustos. Não usava qualquer vestimenta, mas portava um bastão-de-energia,

e com uma dignidade impressionante, saltou sobre um dos trilhos, fez suas preces, e esperou. Não esperou muito. Atirou com violência em direção à máquina que investia sobre ele, uma, duas, três vezes. mas é difícil fazer boa pontaria quando o alvo é um trem selvagem e se está em seu trilho, de modo que ele foi engolido numa única bocada.

- Esse era dos bons. - elogiou Fuji, erguendo a caneca cheia de um espumante líquido dourado. - E então?

Kawi terminou de anotar algo na prancheta que segurava e disse:

- Com essa, foram nove tentativas fracassadas de se retornar à superfície. - mastigou ruidosamente um punhado de castanhas. - Dessas naves, apenas três conseguiram sair de lá sem danos aparentes. Outras duas saíram danificadas, e as quatro restantes foram destruídas. Nessas últimas, estou incluindo aquele maluco que desceu sozinho numa cápsula-de-batalha.

- Esse era dos bons, também. - Fuji bebeu um longo gole, pensativo. - Quantos segundos?

- Doze. - respondeu CARA. - Era uma pessoa muito experiente, além do que, seus reflexos estavam ampliados pela cápsula.

- Sei. - disse Fuji, coçando o queixo. - Podemos tirar um padrão de todas essas tentativas?

- Claro, - disse Kawamoto - os malditos são perigosos.

Fuji riu:

- Fora isso.

- Na verdade, há alguma coisa. - CARA podia não deixar isso transparecer em seu tom de voz, mas estava tão compenetrado no problema quanto os dois orgânicos. - Aranhas.

- Aranhas? - disse Fuji.

- Foi o exemplo mais próximo que encontrei para expor o que eu penso. - replicou CARA. - Acho que essas máquinas autômatas, esses trens utilizam-se de seus trilhos como as aranhas utilizam-se de suas teias. Se eu estiver certo, toda essa movimentação

recente sobre os trilhos deve tê-los deixado um bocado, desculpem-me a expressão, malucões.

- Malucão está você! - exclamou Kawi para o terminal. - Não sei o que você pode estar...

- Espere, isso faz sentido. - disse Fuji. - Essas coisas devem alimentar suas caldeiras de fissão com animais pequenos e possivelmente rápidos. Quer dizer que eles, com o passar dos séculos, podem muito bem ter desenvolvido uma sensibilidade grande quanto a ruídos sobre os trilhos que utilizam.

- Basta notar a velocidade e a eficiência dos ataques. - completou CARA. - Todos, não importa se dentro ou fora dos limites da cidade, ou se sobre pontes, ou dentro de túneis, tiveram êxito. É como se os trens não precisassem ver suas futuras presas para saber que estão lá.

- Supondo que vocês dois estejam certos, em que isso nos ajuda?

- Em tudo, filho. - respondeu Fuji, olhando para o outro de um modo estranho. - Em absolutamente tudo.

7.

- Não sei como você me convenceu, Fuji.

- Eu insisti.

Estavam os dois parados em pé sobre um dos trilhos escuros. Um vento não muito intenso agitava os cabelos de Fuji, que estava com um ar de triunfo no rosto. A luz pálida do sol do Sistema lançava reflexos sobre o corpo metálico da nave, que voava em círculos sobre os dois.

- Vamos repassar alguns pontos. - pediu Kawi. - Por exemplo, por que seu amiguinho flutuante não está conosco?

- Boa pergunta. - admitiu Fuji. - É porque quando ele transfere a consciência para o corpo-módulo, o corpo-nave fica meio ledo, e queremos ser retirados do solo o mais rapidamente possível, caso haja alguma complicação.

- Certo. - disse Kawi, um pouco trêmulo.

Outra coisa, por que estamos aqui na periferia da cidade e não mais ao centro, onde ficam os templos maiores?

- Ah, essa é fácil. Acontece que achar que é seguro andar sobre os trilhos, se pisar entre os dormentes, é apenas minha humilde opinião. Se acontecer o improvável e eu estiver enganado, é melhor que estejamos numa área aberta. Considere isso como um teste.

- Certo.

Continuaram a avançar lentamente, pé ante pé, evitando tocar tanto nos dormentes como nos próprios trilhos. Pisavam, ao invés, sobre o cascalho, entre eles, que era um espaço estreito.

- Como será que eles fazem a manutenção de todos esses trilhos? - indagou Kawi, sem tirar os olhos do lugar onde estava pisando.

- Sei lá. - respondeu Fuji, objetivamente.

- Talvez os antepassados desses trenzinhos tenham sido robôs construídos especialmente para isso, e que com o passar do tempo foram se desenvolvendo. Você não reparou naquelas máquinas estranhas que alguns deles levam?

- Tem razão, pode ser. - disse Kawi. -

Imagine só. Trens vivos. Uma existência dedicada exclusivamente a continuar a programação dos primeiros, e desenvolver a malha ferroviária, cuidando dos trilhos que já existem. Isso é incrível. Quero dizer, imagine, isso é o começo de uma nova civilidade...

- Ouviu isso? - exclamou Fuji, fazendo sinal para que o outro silenciase.

Não era exatamente um ruído, mas uma espécie de vibração distante sob os pés deles. Era ritmado, e parecia aumentar a cada instante. Na dúvida, ambos se entreolharam, e externaram o pensamento que no momento dividiam:

- Vamos sair daqui. - disseram eles, começando a voltar para o local onde CARA os havia deixado.

- Há um trem indo na direção de vocês. - informou CARA pelo comunicador que Fuji

levava no cinto. - Ele chegará em poucos instantes.

- Já sabemos disso, amigo. - respondeu Fuji, calmo. - Agora, venha nos pegar.

A nave fez uma curva graciosa no céu e desceu como um relâmpago para perto deles. Não chegou a tocar o chão, ficando parada no ar sob o seu anticampo, ao mesmo tempo em que abria sua cúpula frontal, desdobrando para fora o miolo da cabine, com suas duas poltronas. Os dois agarraram-se rápido ali, no exato instante em que a nave puxava-os para longe e um trem bufante passava pelo lugar em que tinham estado, soltando nuvens raivosas de vapor. Nenhum dos dois tinha percebido, pelas imagens que CARA mostrara-lhes, o tamanho real das máquinas ou sua terrível velocidade. Eles tinham todas as qualidades para serem os legítimos donos do planeta. Seu corpo era cilíndrico, não possuía evidente uma cabine, e tinha pelo menos dez pares de rodas, movimentadas por pistões de formato estranho, ligados por sua vez à caldeira central. Exalavam uma aura de poder, algo que dizia para quem estivesse próximo, que sua vida corria risco. Já refeitos do susto, e a uma altura segura, estavam discutindo sobre como andar na superfície, quando Fujiwara foi tocado pela Luz. A mesma Luz que jogou a maçã na cabeça de Newton, que fez Arquimedes jogar água para fora da banheira. Pediu que CARA escorresse rápido uma loirinha para dentro de sua caneca e disse:

- Senhores, tenho um comunicado a fazer. Acho que estamos interpretando nossas prioridades de modo discutível. Um pouco mais, por favor. - pediu, esticando a caneca para baixo da pequena torneira que CARA tinha ao lado de um de seus painéis. - Obrigado. Como eu ia dizendo, acho que descobri. Achar um modo seguro de entrar na cidade pode não ser a solução.

- Como assim? - disse Kawi.

- Veja, não sabemos se o Dormente realmente está lá.

- Tem que estar. - interrompeu o CARA.

- Os maiores templos estão na cidade aí

embaixo.

Fuji fez um gesto significativo para as naves flutuando ao redor deles

- É o que todos acham, não é mesmo? disse ele. - Gashir dii era não somente a capital administrativa com a religiosa também, o que torna plausível que o Dormente esteja ali. Mas há uma coisa que me deixa intrigado: aquele trecho das Escrituras Sagradas deles, aquele sobre o Trem Definitivo.

- "Por sobre ele os Primeiros passaram; por sobre ele, o Definitivo passará." - citou CARA e, finalmente entendendo o que o outro queria dizer, disse: - Brilhante, Fuji.

- É uma possibilidade. - disse Fuji, erguendo os ombros.

- Espere aí, espere aí pediu Kawi. - Querem ir mais devagar? De que diabos vocês estão falando, afinal?

- Eles adoravam seus trens, Kawi, meu velho. Adoravam-nos não só pelo que representavam, como também por seu valor intrínseco. Quando eles visitavam os amigos em outra cidade, iam de trem; as áreas agrícolas mandavam alimentos para as cidades através de trens, e por aí vai. Portanto, considerando tudo isso, quando eles dizem que o tal Trem Definitivo passará sobre ele, não estão, muito provavelmente, usando qualquer simbologia.

Kawamoto arregalou os olhos. Também tinha visto a Luz, mesmo que só de relance.

- Nossa! - berrou ele. - Então, basta saber a posição original do Dormente que...

- ...ele ainda estará lá. - Fuji completou, com um sorriso. - Só que ele não é mais de madeira.

Não foi difícil achar o local. CARA tinha em seus arquivos diversos mapas antigos do planeta, alguns com milhares de anos-p de idade. Quanto mais antigos, menor era a malha ferroviária indicada neles, e assim foram eliminando as áreas que não interessavam, até restringir sua atenção num único trecho da ferrovia, distante da capital pelo menos dois mil quilômetros. No contexto geral, era uma linha de menor importância,

sem qualquer cidade construída perto. Sobrevoaram-na, com os sensores de CARA procurando alguma disparidade na composição de qualquer um dos dormentes. Finalmente, depararam-se com uma construção esquisita. Era um prédio escuro, circular, com cerca de trezentos metros de diâmetro. A única característica digna de nota sobre sua superfície recoberta de rocha eram as centenas de túneis ao redor de sua base, que permitiam a entrada de centenas de trilhos, que pareciam se irradiar do edifício. Ou convergiam para ele.

- O plano é muito simples. - disse Fuji, passando uma lanterna para Kawi. - Nós descemos com cuidado, e vamos entrando sem pressa por um desses túneis. Achamos a peça, tiramos do lugar e trazemos conosco.

- Chama isso de plano? - disse Kawi, irritado. - Tem idéia de quantos trens nós vamos atrair com isso?

- Não. Por isso que CARA fica aqui fora. Para destruir qualquer trem que se aproxime a uma distância menos que muito grande.

- Mas se se tiver trens lá dentro? - perguntou CARA, preocupado.

Fuji olhou sério para o amigo, pendurando o rifle Toshani às costas. E disse:

- Não terá.

CARA deixou-os entre dois trilhos, de novo sem tocar o solo, perto de uma das entradas do Entroncamento. Andaram o mais que puderam pelo caminho irregular, mas era difícil. Os trilhos eram muito próximos entre si, e se cruzavam em muitos pontos. Por fim, e sempre com cuidado, começaram a andar pelo trilho que importava. A abertura do túnel, ainda mais escura que a pedra irregular da construção, erguia-se ameaçadora à frente deles. Só havia uma coisa a fazer, e eles a fizeram. A escuridão dentro do túnel era tão completa que só as lanternas não teriam sido de muita ajuda. Mas Fuji estava com sua viscira genageh regulada para visão noturna, e ele ia mais à frente, indicando o caminho para o outro. Andaram assim por um bom tempo, e Kawi achava cada vez mais difícil pisar nos lugares certos. Seus

pés tremiam, como se prestes a traí-lo. Foi quando Fuji estacou, olhando para a frente.

- O final do túnel é logo adiante. - informou ele, recomeçando a andar.

Kawi soltou a respiração, aliviado. Andaram mais alguns passos, e a fraca iluminação já não tocava o teto do lugar.

- Uau! - disse Fuji, olhando ao redor. - Como isso é enorme.

- É? - perguntou Kawi, tentando ver algo em meio ao breu, sem sucesso.

Era enorme, pois o edifício tinha uma grande área vazia dentro. Não possuía salas, ou repartições de qualquer espécie: apenas um enorme vão, sobre um chão forrado com trilhos. Tão bizarro que talvez fosse bom o baixinho não estar vendo. O teto, distante deles dois a pelo menos vinte metros, possuía vigas corroídas pela ferrugem, que não pareciam estar sustentando seu peso. Era como se fossem as bases antigas de um sistema de iluminação, o que provavelmente eram. O coração de Fuji pulsava forte. A construção, ao que tudo indicava, havia sido erguida para proteger os trilhos sob ela - um enorme e dispendioso toldo de pedras e metal. E para quê? O que aqueles trilhos poderiam ter de tão especial? Avançou rápido, com um passo irregular, sem tocar em qualquer ponto outra coisa que o cascalho. Kawi obrigou-se a acompanhá-lo de perto. Continuava a ver pouco mais que um círculo mais ou menos iluminado ao redor deles, de talvez uns cinco metros de raio. Os minutos tensos que levaram até chegar ao centro da construção foram para ele uma Eternidade de trilhos e escuridão, e apesar de terem sido alguns minutos, poderiam bem ter sido horas. Ou meses. Mas chegaram. Kawi só percebeu isso porque Fuji parou em silêncio, e tirou o analisador do cinto. Aproximou-se de vagar de um trilho qualquer, que pareceu ao mercador loiro exatamente igual aos demais, e abaixou-se próximo a um dos dormentes. O pequeno aparelho emitiu um ruído estranho. Fuji continuou em silêncio, como se estivesse surpreso.

- Pelo amor dos Deuses, Fuji! -

praticamente implorou o baixinho. - Diga de uma vez!

Fujiwara fitou-o, sem expressão.

- O analisador... - disse ele... não reconhece esse aqui! NÓS ACHAMOS, KAWI, NÓS ACHAMOS!

Os dois gritaram, e era estranho ver duas pessoas fazendo tanto barulho sem tirar os pés do lugar. Avisaram CARA, que ficou vibrante ao seu modo, e sugeriu que eles saíssem dali sem demora. Kawi aproximou-se do Dormente, e achou estranho que ele não estivesse com aparência diferente dos outros.

- Quer tirar a dúvida? - disse Fuji, esticando um pequeno cavalete em direção da peça, quase tocando-a.

- É o jeito. - sussurrou Kawi, sentindo a testa começando a umedecer.

Respirando fundo, Fuji passou a lâmina afiada pelo Dormente. Ela deixou um traço prateado. Guardou o canivete no bolso.

- Vamos lá. - ele disse. - Teremos pouco tempo. CARA?

- Sim, Fuji? - respondeu ele, sua voz clara apesar da distância.

- Estava pensando. Porque você não manda o lugar todo pelos ares, para sairmos mais rápido?

- Isso seria muito perigoso, Fuji. - disse CARA. - Meus sensores mal podem perceber vocês dois através de tanto material. Eu poderia machucá-los.

- Certo. - disse Fuji. - Então fique de olhos bem abertos.

O que eles não podiam saber, no momento em que se debruçavam sobre o Dormente Sagrado, e passavam a fixar as cargas de explosivo magnético ao seu redor, era que, a algumas milhas de distância, um tipo muito especial de máquina colocara-se em movimento. E tinha raiva.

8.

- Estamos quase acabando. - disse Fuji para a nave.

O explosivo magnético, como era chamado, tinha sido à época de sua invenção um

sucesso de vendas. Ele causava, ao ser acionado, uma desagregação e imediata dispersão molecular no material ao qual era fixado. Era extremamente perigoso se usado sem cautela, mas isso felizmente era uma das qualidades do Kawamoto McDowall. Seus dedos moviam-se ligeiros, fixando pequenas partes do material em pontos estratégicos, visando seccionar os trilhos que prendiam o Dormente, sem no entanto danificá-lo. Era um trabalho delicado, e as diminutas cargas tinham que ser acionadas aos poucos. Relâmpagos silenciosos varavam o ar ao redor deles, espalhando um cheiro forte de ozônio, e Kawi estava quase terminando de soltar a peça, quando um mecanismo há muitos anos inativo voltou a operar, com um rangido de metal contra metal que tomou todo o Entroncamento.

- Galáxia Negra... - murmurou Fuji, vendo o que acontecia.

Era uma erupção de metal - não havia provavelmente melhor termo que esse. A cerca de cinquenta metros de onde estavam, um grande círculo do pavimento se dividiu em inúmeras seções, cada qual dobrando-se sobre si mesma, e recolhendo-se por fim para dentro da terra. Lembrava em sua pavorosa lentidão o maremoto, ou um gêiser entrando em funcionamento, ou outro grande cataclisma natural. O mais terrível era sua mecanicidade implícita: pessoas haviam construído aquela ciclópica rede de máquinas, pessoas tocadas por uma crença inabalável num Deus deturpado e só delas. Uma Entidade que agora emergia da sinistra abertura no piso, deslizando suave apesar de suas proporções, e encaixando suas dezenas de rodas sobre o trilho exato em que os dois estavam.

- Fuji, o que está acontecendo? - disse CARA, num tom desagradavelmente alto para a ocasião. - Meus sensores indicam uma atividade estrutural intensa aí dentro.

A Máquina respirava. Do ponto de vista alterado pela viseira de Fuji, isso se dava em grandes nuvens vaporosas tingidas de vermelho por seu calor. Kawi estava apavorado

por osmose, já que nada via, além das criações terríveis de sua imaginação. Sua mente trabalhava a mil, e dizia para ele que as coisas que quase o haviam capturado nos esgotos na noite anterior tinham chegado, oh, sim, elas demoraram a achá-lo porque ele atravessara o Hiperespaço, ele mergulhara não-mergulhando na Eternidade, mas ali estavam elas, e esse era o fim. Para coroar tal linha de pensamento, nesse exato momento Deus acendeu seus faróis dianteiros. Eram no mínimo vinte, e alguns deles giravam loucamente, lançando rastros de uma luz cegante ao acaso. O típico detalhe técnico projetado única e exclusivamente para assustar quem visse. Kawi gritou.

- Oh, não, Fuji! - disse ele, com o Dormente nas mãos - Veja aquilo!

- Para trás. - Fuji disse, empurrando o amigo com a peça valiosa para o lado. - Faça o que fizer, não largue esse Dormente.

Esticou uma das mãos por sobre o ombro, e o Toshani saltou para encontrá-la. A arma poderosa estava pronta para o combate, e seu dono também. A Máquina estava definitivamente analisando a ambos. Era uma caricatura embrutecida dos trens normais de Gashir, e Fuji espantou-se por ter se assustado com eles, que eram baquetes perto do que agora via. Ele (Aquilo) esperou alguns segundos antes de sua maior surpresa. Então, com o ruído do que poderia ser interpretado livremente como uma gargalhada, ficou em pé, ultrapassando quinze metros de altura. Braços poderosos, que até o momento da metamorfose haviam ficado recolhidos em sua parte inferior, abriram-se para os lados. Exibiu-se para os inimigos, antes de destrinchá-los. Deu um passo largo para o lado, ultrapassando meia dúzia de trilhos paralelos no processo. Sua figura maciça e alta tinha os contornos de um homem, estilizado, construído com pistões e chapas blindadas. E seus faróis continuavam acesos, agora espalhados por todo o seu tórax e ombros. Retesou os músculos metálicos como algum tipo de lutador de arte marcial, e avançou com os dedos crispados.

Fuji ergueu o Toshani, com uma frieza sobreumana, e fez pontaria na cabeça do Monstro, que por sinal não era grande. Deus percebeu o movimento, que para ele tinha toda a importância que o movimento lateral de antenas de uma lesma teria para Fuji, e continuou avançando. Um erro sagrado. O mercador atirou, e uma bola de chamas envolveu-O, fazendo com que caísse de joelhos. Não demorou muito, e Ele recolocou-se de pé. O mercador atirou novamente, mas a nova rajada não surtiu efeito. Talvez o Trem Definitivo já tivesse se acostumado com elas. E já estava perto dos dois, quando o teto caiu sobre Ele.

- CARA! - exclamou Kawamoto, vendo a forma delgada que flutuava em meio à nuvem de poeira e detritos, do que fora o teto do Entroncamento.

Repelida pelo anti-campo, a névoa dissipou-se rapidamente. Havia uma pequena montanha no lugar onde o Definitivo deveria estar. Uma pequena montanha, que se movia um pouco. Fuji percebeu isso, gritando para que Kawi o seguisse.

Foi quando, entre eles e a espaçonave, levantou-se a Máquina do meio dos destroços. Ela não mais estava furiosa, apenas; agora ela queria saber, com intenções menos que confessáveis, o que era o estranho pássaro que tivera coragem de cobrir seu Santo Corpo com os destroços do teto da antiga construção.

- Afaste-se! - pediu a nave através de seus altofalantes. - Não quero ser obrigado a destruí-lo!

Não havia modo de os dois orgânicos chegarem perto de CARA sem ter que passar pelo monstro. A novíssima abertura no teto do Entroncamento não era muito larga, e as pilhas com restos de pedra e vigas metálicas teriam que ser escaladas, a menos que a nave conseguisse se enfiar pela abertura, o que, nas atuais condições, parecia algo difícil. O monstro gesticulava com raiva para cima, momentaneamente esquecido dos invasores, quando Kawi soltou um grito curto.

- Fuji, olhe! - disse ele, apontando para

trás.

Dentre as sombras que ainda cercavam-nos por todos os lados, centenas de faróis aproximavam-se. Era urgente saírem dali. O mercador levantou o Toshani novamente, fixando a vista num ponto um pouco abaixo da nuca do monstro, que parecia ser uma área forte e bem protegida, mas que relativamente ao resto do corpanzil estava exposta o bastante. Se tivesse atirado, teria decapitado a máquina feroz. Mas não teve tempo, pois a nave atirou primeiro. Foi um tiro curto, no mínimo de sua potência, e mais que aquilo não era necessário: Fuji já tinha visto o cruzador-ligeiro destruir pequenos planetas com suas armas. Depois, com um estrondo, a Máquina caiu. Um rombo escurecido em seu tronco fumegava como uma chaminé. Os dois subiram numa das pilhas de destroços, e a nave, esticando-se até onde eles estavam, numa manobra delicada e sem tocar nos lados da abertura, abriu a cúpula de vidro sinni.

- Desculpem-me, - pediu CARA, quando eles entraram aos pulos pela cabine aberta - eu sei que disse que esse seria um procedimento perigoso para vocês, mas não vi outra opção.

- Vamos sumir desse lugar, CARA! - disse Fuji, acomodando-se rápido em sua poltrona. - Quero estar a parsecs de distância quando os otários da capital perceberem o que fizemos.

Obedecendo, a nave rasgou a atmosfera de Gashir, rumo ao Espaço Profundo, numa manobra que, se não fosse o campo anti-inercial, teria reduzido os dois orgânicos a dois montes de paçoca e geléia de morango. Atrás deles, nas ruínas do Entroncamento, as centenas de trens que haviam observado quase reverentemente a batalha, aproximaram-se em silêncio, e começaram a comer os restos do Messias.

- Afinal de contas, - disse Kawamoto, durante o jantar. - Aquele monstro era realmente o tal do "Trem Definitivo"?

Fuji riu.

- O que importa? - disse ele. - Nós somos, nesse exato instante, três malditos malucos cheios da grana. Isso é que interessa.

- Acho - sugeriu CARA, pensativo - que ele era.

- Devia ser. - concordou Kawi, rindo nervoso. - O bicho parecia um tanque.

- Ele tinha força, é certo. Mas creio que o que fazia ser considerado "Definitivo" era outra de suas características. Uma característica que para nós pode ser pouco importante, mas que para os outros trens devia ter um grande impacto.

- E o que seria? - perguntou Fujiwara, finalmente intrigado.

- Ele era um trem que não precisava mais de trilhos. - respondeu a nave.

Nenhum dos três ficou rico, pelo menos daquela vez. Acontece que foram localizados por um grupo de naves da União que, sabendo da proeza de nossos heróis forçou-os a entregarem o Dormente Sagrado, dando-lhes em troca uma recompensa padrão para a descoberta de artefatos de interesse histórico para a Cultura Galáctica. Essa quantia mal deu para cobrir os prejuízos materiais que Kawi sofreu com a destruição de seu apartamento, e acabou por deixar Fuji em tal estado de espírito, que resultou num confronto armado entre eles e a União. Nesse confronto, não só levaram a melhor, como ficaram sabendo de uma informação vital para a Paz Galáctica. Mas, é claro, é uma outra história.



Fábio Fernandes

Somnium 51

QUANDO É PRECISO SER HOMEM - Finísia Fideli: A facção femininista do CLPC realmente diz a que veio neste número. Finísia Fideli, um dos membros mais ativos atualmente em São Paulo, estreia em nossas páginas com um conto bem-humorado. O domínio de linguagem nos garante de saída uma história bem encadeada, com os poucos clichês intencionalmente usados para dar um toque de humor, que é o elemento mais importante do conto. Uma situação bastante inverossímil, com um protagonista que, embora se aproxime bem mais do paulista médio do que a maioria dos contos aqui publicados tenta nos fazer crer, ainda precisaria de mais uma trabalhada. Mas isso é perdoável quando se percebe a intenção da autora, conseguida com êxito. De resto, a história é curta o suficiente, tem o *timing* exato para prender o leitor. Eu recomendaria apenas um pouco mais de atenção nos diálogos e no excesso de adjetivação, duas coisas cruciais para colocar em risco uma história. Concluindo, e vocês hão de me perdoar o chiste, Finísia reúne todas as qualidades para quando é preciso ser uma escritora.

CONSULTE O AURÉLIO - Martha Argel: Disse o famoso cartunista Miguel Paiva numa entrevista há pouco tempo que o motivo pelo qual existem poucas mulheres criadoras de humor é que elas vivem o cotidiano com um bom humor que os homens não têm. Concordo plenamente. Ainda mais quando você tem a prazerosa oportunidade de ler um conto como esse da Martha Argel. Na melhor tradição de Alexandre Machado (*A Vingança do Bastardo*) e Luís Fernando Veríssimo, o conto é uma riqueza só, tanto nos diálogos - muito bem elaborados, va-

riando de personagem a personagem, como acontece na vida real - e na diversidade de situações provocadas pela visita dos inofensivos alienígenas. Três leituras dessa história não foram suficientes para que eu parasse de me deliciar com a perícia da autora. Prêmio Nova, olho nela!

ASTRONAUTA - Jane T. M. de Souza: Enfim a prolífica e performática presidenta do Fã-Clube Antares nos honra com sua presença nestas páginas. Com um poema curto, Jane Terezinha nos mostra a realidade cruel de um ser que ousa explorar o macrocosmo e não sabe sequer o que se passa dentro de seu cosmo pessoal. Uma questão instigante, mas que em minha opinião poderia ter sido explorada de maneira menos direta. Explico: um poema explicado demais, explícito demais, vira quando muito prosa poética. Quebrar sentenças ao meio e criar estrofes não é condição essencial para um poema. André Carneiro e Bráulio Tavares nos provaram isso diversas vezes, com seus olhares críticos e críticos em fragmentos de microcosmos. Esse poema poderia ter sido mais sintético.

HELIUS 89 - Lucimara Viana: Confuso. Quando eu disse *sintético*, referindo-me ao poema acima, não quis dizer enrolado. O poema nos dá a impressão de um grande evento épico, uma espécie de Demanda do Santo Graal cósmica. David Zindell fez isso de forma magistral em *Neverness*, mas ele teve 700 páginas de prosa. Até aí, tudo bem, é compreensível. Só que o leitor tem o direito de pelo menos se situar no contexto. Quando o caso é descrever uma simples situação, isso pode ser descrito de forma até simbólica. *Os Lustadas* ou *A Odisséia* não; tiveram lá os seus símbolos, mas fizeram o leitor saber onde estava pisando. Este poe-

ma não. Isso sem contar a necessidade atávica, como gosta de dizer o amigo Causo, de se colocar rimas. Para que isso? Não tinha por quê. O poema, aliás, não tem por quê.

Somnium 52

BIBLIOFILIA - José Manuel Morais: As contribuições de nossos companheiros alémar estão ficando mais freqüentes no *Somnium*. Desta feita é José Manuel Morais, com uma instigante e muito bem trabalhada história de fantasia e terror envolvendo uma temática que, apesar de homenagear H. P. Lovecraft, é típica de Jorge Luís Borges: a criação do inexistente. Descontados os percalços envolvidos na compreensão de termos do português de Portugal - e que neste conto são surpreendentemente poucos - a narrativa é ágil e o conto cumpre sua função, com especial destaque para a riqueza das descrições e da preocupação com os detalhes. Fica uma ressalva para a extrema síntese no começo da história, mais precisamente nos dois primeiros parágrafos. Não sei quanto ao restante dos leitores, mas este que vos escreve gosta de uma história contada com seu próprio *timing*, ou seja, um começo como deve ser, nem curto demais, nem comprido ao extremo. E José Manuel se apressa em explicações ao início. Mas o fim, em compensação, é perfeito. Uma observação curiosa: o conto corre o risco de ficar *demodé* se um certo livro for traduzido em língua portuguesa. Quando estive em Londres, em junho, dei de cara numa livraria com...? O *Necronomicon*! Em *pocket*! Algum engraçadinho teve a mesma idéia do seu personagem, José Manuel. Isso deve explicar a epidemia de assassinatos na Inglaterra naquela época...

VIAGENS ALUCINANTES - Ivo L. Heinz e Luiz Ambrosio: Esses meninos são uns porra-loucas! Não bastassem as contribuições científicas e *trekkers* no *Somnium*, eles agora me resolvem atacar de escritores! E até que o resultado é engraçado! Como diria

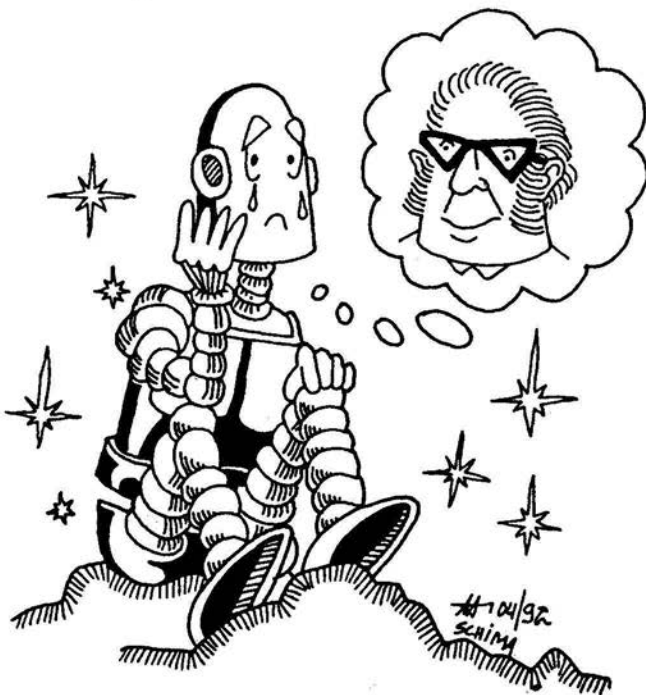
Marcelo Rubens Paiva, uma história sem pretensões literárias, feita apenas para divertir. E que consegue reunir, num gostoso arruobo de nostalgia, praticamente todas as séries importantes de FC desde os anos 60! Como eles mesmos dizem ao final, uma marmelada. Mas saborosa. A propósito: acabei de receber o número 53 e não tem continuação. Vocês vão fazer que nem o Mel Brooks com a *História do Mundo*?

NAVE CIRCULAR - André Carneiro: Um conto bem encadeado, com final inesperado, é a mais recente contribuição em prosa de André Carneiro. André é um caso singular na FC brasileira: muito à frente da maioria dos escritores aqui apresentados (Bráulio Tavares é uma honrosíssima exceção), que não conseguem passar de um estilo no máximo Golden Age, este autor escolheu a New Wave como foco de sua obra. Pena que ficou por isso mesmo: as referências à terapia psiquiátrica são interessantes, mas com um linguajar arrastado, que poderia ser melhor trabalhado. E as menções ao sexo livre, uma obsessão nas histórias de André Carneiro, costumam "surprender e agradar" a todos os leitores do *Somnium*, embora eu realmente não compreenda por que isso acontece. Provavelmente é porque a maioria desses leitores não costuma ler muito sobre sexo, e então se admiram e maravilham com quem escreve sobre o assunto, ainda mais no âmbito da FC nacional, onde isso é tabu. Nesse ponto André pode ser considerado um pioneiro, e isso é bom; só que a revolução sexual, bem como tudo o que 68 e os anos adjacentes nos legaram, já terminou, ou, como preferiria Lavoisier, transformou-se em outras formas de escrita. Em suma, temáticas que não perdem a força quando reaproveitadas de maneiras sempre diferentes ao longo do tempo. André fez isso muito bem em *Meu Nome é Go*. Mas não chegou lá em *Nave Circular* que, como diz o próprio nome, voa, voa e não vai a lugar algum.

DESABA O MUNDO, ÚNICO SISTEMA CIFRADO e PLACEBO REDONDO - André Carneiro: O que foi dito acima para a prosa de André Carneiro não vale para a sua poesia. A capacidade de síntese de André é elogiável, e a riqueza das imagens fica na mente. A poesia boa é eterna porque reflete - e isso também vale para a prosa - as dúvidas e incertezas do homem. Que sempre foram e sempre serão as mesmas, enquanto forem *homo sapiens sapiens*. Embora no primeiro poema dessa tríade possamos vislumbrar o inconformismo anti-establishment característico do autor, e que é uma constante da geração New Wave, a rapidez das

imagens que se sucedem como um clip da MTV ou o genial *Koyanisqatsi*, de Geoffrey Reggio, e a importante característica do autor, que é o dinamismo sempre expresso pelo tempo presente, impelem a poesia das áreas obscuras e desgastadas dos anos 60 para os relâmpagos de neon e a hiper-energia constantes na nossa era, e se aproxima muito mais da inquietação que William Gibson tem nos apontado em seus livros. Uma dicotomia fundamental entre prosa e poesia é o que ocorre em André Carneiro, algo que *quando* (ou *se*) for resolvido o transformará sem dúvida num dos grandes nomes da literatura brasileira de ficção científica.

Os engraçadinhos, aliás, foram Colin Wilson, L. Sprague de Camp e outros, que "traduziram" o Manuscrito Voynich, atribuído ao polémico mago elisabetano, o Dr. John Dee, e "descobriram" tratar-se de uma cópia do *Necronomicon*. Como o personagem do conto, eles recorreram a uma série de grimórios medievais para dar verossimilhança ao livro, do qual existe uma versão francesa, também em pocket, pela Éditions J'ai Lu, col. L'Aventure Mystérieuse. (N. do E.)



Videoficção

Gilberto Schoereder

Resenhador Sênior

Se o final do ano foi um tanto fraco em lançamentos de FC em vídeo, esse início de 92 é marcado pela irregularidade. É possível perceber que nenhuma distribuidora de vídeo no Brasil parece ter uma linha definida no que se refere aos lançamentos do gênero. O que cair na mão é lucro.

A Mundial, por exemplo, iniciou o ano com *Retaliator*, dirigido por Alan Holzman, um expert em porcarias e pequeníssimas produções. É uma espécie de versão mais violenta de *Cyborg*, com uma terrorista sendo transformada numa máquina de matar. A mesma Mundial lançou, ou relançou, *Os Soldados do Futuro*, aventura com o Capitão Power lutando contra o império do Bio-Terror. O seriado já foi apresentado na rede Bandeirantes de televisão, e não foi lá essas coisas. Por outro lado, a distribuidora surpreende, com um lançamento ousado: *Alphaville*. Ousado por tratar-se de um filme de FC europeu, preto e branco, de 1965, o que para o mercado significa quase um suicídio em termos comerciais. É um dos maiores e mais comentados clássicos da FC e, desde já, concorre ao prêmio de melhor lançamento do ano. Esse tem que ser visto, mesmo pelos que não gostam de Jean-Luc Godard e do cinema francês. Na capa bonita, onde é apresentado como o número 1 da Coleção Clássicos Mundial, uma babaquice inacreditável: o filme é classificado como policial. Não que não seja, também, mas porque eliminar a ficção científica?

A Abril também entrou o ano com os sucessos *Rocketeer* e *Tartarugas Ninjas 2*, geralmente indicados para o público mais jovem. Ainda que sua ligação com a FC seja casual, ou meio de rabeira, são dois dos

cinco únicos filmes do gênero na lista dos 50 vídeos mais alugados no Brasil (listagem *Jornal do Vídeo*, abril, que ainda traz *Hardware*, *Scanners 2* e *Highlander 2*). A Abril/Fox também continua a lançar a saga do Planeta dos Macacos - que também foi exibida pela Rede OM de televisão em fevereiro e março - com *De Volta ao Planeta dos Macacos*. Não sei como foram em outros estados, mas em São Paulo as críticas em jornais esculhambaram o filme. O que talvez seja injusto. Certo, o clássico é *O Planeta dos Macacos*, o primeirão. Mas as seqüências me parecem uma maneira bem mais honesta de se realizar uma série do que o que se vê hoje. Não são apenas repetições do mesmo tema, com mais efeitos e locações diferenciadas. Procura dar um nó na história e, apesar de falhas nos roteiros, consegue.

A Abril também finaliza a série de George Lucas, com *O Retorno de Jedi*. Não é dos meus favoritos, mas deve-se admitir que é um show de técnica. E tem o Yoda. Também foi lançado *O Buraco Negro*, que nada mais é do que *O Abismo Negro*, produção dos estúdios Disney, recentemente apresentada na TV e muito, mas muito ruim mesmo. Nem os efeitos salvam o filme da quantidade espantosa de clichês e diálogos idiotas. A Abril também lançou *A Odisseia de Netuno*, já apresentado muitas vezes na TV, e um filme absolutamente inócuo. O maior problema é cair no sono durante o filme, inspirado pela vontade com que os atores representam. Problemas de direção e enredo, já que se trata de um time de craques como Ben Gazarra e Ernest Borgnine.

Por falar em coisa ruim, a Warner traz *A Volta dos Mortos Vivos - Parte II*. Não é

exatamente uma seqüência, nem exatamente uma sátira como o primeiro, dirigido por Dan O'Bannon. Não é exatamente coisa alguma. A produção é pobre, os efeitos ruins e os atores seguem pelo mesmo caminho. A história não muda: existem containers com aquele gás que é capaz de fazer os mortos levantarem e que é aberto por alguns garotos. O cheiro deve ser algo de inacreditável. Um dos destaques é a trilha sonora, com o grupo Anthrax, mas isso não justifica assistir o filme. Ainda se fosse do Metallica...

No setor grandes produções, dois bons lançamentos para quem não pôde assistir no cinema: *Highlander II* e *Exterminador do Futuro II*. Milhões e milhões de dólares, atores consagrados, efeitos especiais fabulosos, ação, aventura, mais ação, violência e tudo o que se tem direito. Mas ainda penso que seria melhor gastar... quanto? ...60, 80, 100 milhões de dólares para filmar *Cidade*, de Simak, ou *Fundação*, de Asimov, ou qualquer outra boa história de FC, porém inédita. Como a visão dos produtores não se modifica, vamos assistindo às seqüências, umas melhores, outras piores, como é o caso de *Scanners 2*, lançado pela Transvideo. Nada a ver com o original que, antes de qualquer consideração, era dirigido por David Cronenberg, um dos mais criativos do cinema atual. Devem ter gasto nesta seqüência até mesmo mais dinheiro do que no primeiro. Mas isso não basta. É preciso saber o que fazer atrás das câmeras, como contar uma história. Esse é outro que traz na capa uma classificação diferente, nem FC nem terror, mas sim *thriller*. Não perceberam que *thriller* não é exatamente uma classificação, mas uma informação a mais sobre as características de uma obra que pode estar incluída em várias categorias. Mas isso não muda o filme, fraquinho.

O incrível homem que não pode ficar nervoso está de volta, em lançamento da Jovem Pan. É *A Morte do Incrível Hulk*, feito para a TV, com direção de Bill Bixby, o mesmo que interpreta o cientista David Banner. Ele encontra outro cientista que pode

resolver seu problema de pele. Mas, dizem as más línguas, Hulk não deverá desaparecer tão cedo assim. Já que é para filmar personagens de HQ, bem que podiam tentar com o *Sandman*.

Dos quadrinhos também veio *O Monstro do Pântano*. Não confundir com o filme de Wes Craven (de *A Hora do Pesadelo*). Este é um seriado feito para a USA Channel, TV a cabo, desenvolvido por Joseph Stefano. Não conheço o seriado, nem tenho notícias das críticas nos EUA, mas pelo menos vem bem credenciado. Stefano foi um dos produtores da série *Quinta Dimensão* (*The Outer Limits*), uma das melhores já realizadas para a TV. A fita lançada no Brasil traz os primeiros quatro episódios.

Para quem gosta de desenhos animados, a Europa-Carat lançou *Akira*, um dos desenhos mais comentados dos últimos tempos. Ainda que não seja nenhum *Heavy Metal*, tem seus atrativos. Os fanáticos por quadrinhos e animação japonesa babam, mas *Akira* não é nada de excepcional. As animações de René Laloux, Picha e Bruno Bozzetto, para ficar entre os mais conhecidos no Brasil, são bem mais criativas. Mas o desenho animado de Katsushiro Otomo ainda é mais interessante do que os quadrinhos, e vale a pena assistir.

No mais, filmes desconhecidos ou produções B, para serem assistidos quando não se tem mais o que fazer, ou para quem sempre quer conhecer tudo o que se passa no cinema de FC.

Construindo um Cara Certo (*Making Mr. Right*) (LK-Tel) - de Susan Seidelman, sobre uma relação pública que tem como missão vender ao público a imagem de um andróide construído pelo cientista segundo sua própria imagem. Em ritmo de comédia.

Shoking Dark (idem) (Condor) - de Vincent Dawn, diretor de filmes muito ruins. Seres mutantes e assassinos desenvolvem-se numa cidade mergulhada em gases tóxicos.

Lady Cop (Europa-Carat) - de diretor desconhecido. *Robocop* versão feminina, e

com menos dinheiro.

O Guardião do Tempo (The Time Guardian) (VTI) - de Brian Hannant. Uma cidade inteira viaja a partir do ano 4039, perseguindo cyborgues assassinos, e vão parar na Austrália, em 1988.

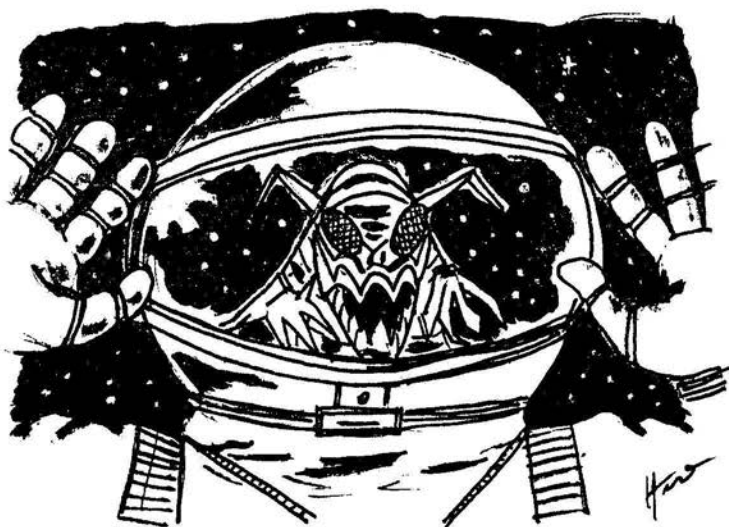
Em Algum Lugar do Futuro (After Shock) (Paris) - A Terra do futuro, com muitos problemas e grupos se enfrentando e mais uma ET que vem para nos ajudar.

Correndo Contra o Tempo (Running Against Time) (CIC) - de Bruce Seth Green. Feito para a TV a cabo, sobre um sujeito que pretende viajar para trás no tempo e alterar a história, o que possibilitaria salvar a vida de seu irmão, morto no Vietnã. Vale a pena dar uma olhada, já que viagens no tempo não são tão comuns assim no cinema.

Robô Vampiro (Robo Vampire) (Poderosa) - de Joe Livingstone. Outro na linha *Robocop*, com o dito combatendo um robô vampiro criado por um cientista do mal.

Um Maníaco Invisível (The Invisible Maniac) (Paris) - de Rif Coogan. Um jovem cientista brilhante, como parece haver aos montes nos EUA, consegue a fórmula da invisibilidade, é ridicularizado por todos, e resolve vingar-se.

Cybernator - O Esquadrão de Extermínio (Europa-Carat) - O texto do anúncio diz: "2010. Uma época onde reinam a desordem e a violência. A economia está em colapso total. Governante são derrubados e o poder está nas mãos dos militares. Um confronto final é inevitável."



O Melhor de Robert Silveberg

Finísia Fideli

ROBERT SILVEBERG, *MUTANTES*, TRAD. ANDRÉ GUILHERME POLITO, COMPANHIA MELHORAMENTOS, SÃO PAULO, 1991 PUBLICADO ORIGINALMENTE EM 1976 SOB O TÍTULO DE *THE BEST OF ROBERT SILVEBERG*.

Esta coletânea de contos de ficção científica traz ao público brasileiro a oportunidade de travar contato com um dos dez maiores escritores de língua inglesa, segundo Barry N. Malzberg, que abre o livro com um trabalho sobre o autor, intitulado "Considerações sobre Silveberg". Nesse texto introdutório, ele compara o escritor com Nabokov, Salinger e Yates, entre outros.

Para nós, importante mesmo é que Silveberg é um dos melhores escritores de FC de todos os tempos. Sem dúvida, seu estilo clássico e fluente, além do rigor técnico, estão a serviço de idéias originais e muitas vezes surpreendentes dentro de um gênero onde alguns críticos questionam a falta desses elementos.

O livro ainda apresenta uma introdução feita pelo próprio Silveberg, que fala de duas décadas de trabalho literário, iniciado em 1954, com a realização de seu primeiro conto a ser publicado profissionalmente, até 1971.

Explica que cada uma das dez histórias apresentadas é a favorita de uma fase de sua carreira de escritor, com a vantagem da ordenação cronológica e de revelar o padrão de trabalho deste autor incomum.

Cada conto é precedido de uma introdução onde ele explica os acontecimentos que influíram na realização da obra, sua dificuldade em vê-la publicada, os comentários que despertou, as críticas e também os prêmios.

"Caminho para o Anoitecer", escrito em 1954, acumulou uma seqüência de rejeições,

por ser considerado muito mórbido pelos editores. Seu tema central - o canibalismo - foi visto como ousado demais para a época, nem tanto por si, mas porque reflete o colapso moral do protagonista, um ex-soldado do pós-guerra de 2054, vivendo numa Nova York perdida e faminta.

Por ter recebido alimentação especial no exército, Paul Katterson é um dos homens mais fortes do país. Mas agora a guerra acabou e a comida também, e seu físico privilegiado o qualifica para uma certa espécie de serviço: o de caçador.

O que ele deve caçar o revolta, e ele pretende resistir, ainda apegado à esperança de que existe uma saída em outras cidades ou outros países.

Seu amor aos livros e os diálogos com um grupo de amigos intelectuais fornecem uma certa força durante algum tempo.

E esse conto foi a estréia de Silveberg como profissional! Em 1956, por influência de Harlan Ellison, ele foi apresentado ao editor de uma revista chamada *Fantastic Universe* e finalmente publicado em 58.

Escrito quando o autor contava apenas vinte anos de idade, já demonstrava o que estava por vir. O jovem prometia.

"O Homem Quente", de 1957, aparece quando o autor já havia ganhado o Hugo e vendido uma centena de histórias, sendo considerado uma figura quase tão estranha quanto prodigiosa. Publicado em *Fantasy & Science Fiction*, é um conto que se passa num contexto contemporâneo, numa cidadezinha pacata, dessas que todos nós conhecemos. Cheio de nuances psicológicas, fala de um ser que tem poderes especiais. Sua capacidade de drenar os sofrimentos (sobretudo morais) das pessoas faz do Sr. Hallinan alguém que vale a pena encontrar.

Mas a história também fala de perdas, de solidão, do medo do desconhecido.

Embora escrita há mais de trinta anos, é uma história absolutamente atual, num mundo onde às vezes é mais fácil conversar com alguém num consultório de psicanálise do que com um parente próximo na sala da própria casa.

"O Homem Invisível", de 1962, é um desafio: tenta desenvolver uma idéia lançada por Jorge Luis Borges em "A Loteria em Babilônia" (incluída em *Ficções*, Ed. Globo, Rio de Janeiro). Explora a invisibilidade através de um enfoque social, e não tecnológico. Conta a aventura de um cidadão que cometeu um crime em 2104 e teve como pena um ano de invisibilidade.

Isso significa que, quem visse uma marca afixada em sua testa, deveria ignorá-lo, como se não existisse. Quem burlasse a lei também se tornaria invisível, o que colocava o protagonista num contexto de solidão absoluta. O final é de grande força humanista, mostrando que o que vale para cada indivíduo não é apenas como se é visto, mas como cada um se vê.

"O Sexto Palácio", de 1964, foi publicado em *Galaxy*, revista de Frederick Pohl. É um texto de FC num enfoque de filosofia zen, e se desenvolve através de um fino humor, com um toque de objetividade.

Conta a história de um tesouro vigiado por um guardião. O tesouro fica num pequeno mundo morto, deixado por um viajante desconhecido e guardado por um homem de metal que, se desafiado, mata sem piedade.

É a aventura de Lipescu e Bolzano, dois amigos que decidem resgatar o tesouro. Eles fazem um trato: se um morrer, o outro deverá aprender com seus erros e tentar resgatar as riquezas.

Estabelece-se então um jogo de inteligência e agudeza de espírito que culmina num desfecho que prova que o conhecimento tem um mérito vago, e que a razão, quase sempre, encerra uma perigosa armadilha.

"Moscas", de 1965, traz um tema constante na ficção de Silveberg - a idéia de um ser humano desnecessariamente alterado por alienígenas.

A aventura de Cassidy começa quando uma raça chamada Dourados encontra destroços de sua nave acidentada e com todos os tripulantes mortos, exceto ele. É fato que restara pouca coisa, mas estava vivo e podia ser reparado, e ainda mais, podiam mudá-lo e o fazem, criando uma alteração que o torna mais sensível aos sentimentos humanos.

Com isso pretendem aprender sobre nossa espécie. Mas Cassidy se torna destrutivo, e os Dourados decidem reajustá-lo, revertendo o processo e fazendo com que passe a relatar suas mais terríveis emoções. Um tipo especial de tortura, como se faz com uma mosca.

Como a maioria de suas histórias, podemos esperar tudo de seus personagens. Menos a redenção.

"Estação Hawksbill", de 1966, é uma história datada. Fala de uma colônia de presos políticos situada num lugar inacessível, o passado longínquo, antes do surgimento dos seres vivos superiores na Terra: o período cambriano.

Uma colônia exclusivamente masculina, já que as mulheres são enviadas para outro período no tempo, para que não haja a possibilidade de se reproduzirem e perpetuarem a si mesmos.

O personagem principal é Barret, um líder completamente adaptado ao estranho cativeiro, graças a recursos de resistência interna muito profundos e à aura de poder dos comandantes naturais.

A chegada de um novo condenado, Lew Hahn, expõe as dificuldades dos outros deterrados e o inevitável desequilíbrio emocional que se apodera pouco a pouco de cada um deles.

Embora o motivo para a punição de seus personagens (as convicções socialistas) pareça hoje um tanto fora de perspectiva, o conto vale pela ambientação perfeita do

período cambriano. Além disso, a força e a verossimilhança dos personagens merecem uma leitura cuidadosa e plena de prazer

"Passageiros", de 1967, ganhou o Nebula e ficou em segundo lugar para o Hugo

Conta a desventura de Charles Roth, um homem que passou pela experiência de ser possuído por um Passageiro, um alienígena entre milhões que infestam a Terra numa invasão tão terrível quanto peculiar, que remonta ao vampirismo.

Os humanos são tomados sem nenhum tipo de resistência e usados para o prazer dessas criaturas incorpóreas, que ao se retirarem do hospedeiro levam juntos quase todas as lembranças

É também a história do encontro do protagonista e Helen, uma mulher que compartilhou o período de possessão com ele. E a esperança de estabelecer um vínculo de amor e confiança entre eles, num contexto onde não é possível confiar sequer em si mesmo.

A narrativa no tempo presente é um recurso estilístico recorrente na obra de Silverberg, permitindo que as emoções do protagonista atinjam o leitor com a inevitabilidade de sua tragédia.

"Asas da Noite", de 1968, é a primeira história de uma trilogia que inclui "Entre os Lembradores" e "O Caminho para Jorslem".

Aqui, o autor lança sua imaginação a um mundo futurista tão diverso do nosso que as referências à Terra precisam ser atentamente procuradas nos nomes das cidades, nas reminiscências do passado, bem como nas lendas a seu respeito.

Conta a viagem de três personagens à cidade histórica de Roum, construída sobre sete colinas. São eles o Observador, cuja função é continuamente pesquisar o cosmos à procura de invasores alienígenas há muito aguardados; Avluela, uma criatura voadora de frágil beleza, e Gormon, um estranho e sábio mutante.

Num mundo onde as pessoas pertencem a rígidas corporações que definem suas atividades, a presença de um mutante, um

ser livre de vínculos e desprovido de uma história progressa desperta suspeitas. Mas ele é digno e inteligente, e torna-se amigo da jovem Voadora e do Observador.

O destino, porém, acabara por levá-los a jornadas diferentes. Eles cairão nas boas graças do Príncipe de Roum, que se enamora de Avluela, despertando inveja e ciúme. Conhecerão as belezas de uma cidade que vem fascinando milhares de pessoas ao longo dos séculos. Encontrarão criaturas estranhas e finalmente acabarão se separando, num final surpresa que perpetuará na lembrança do leitor a mágica desta história de FC com nuances da mais ousada fantasia.

"A Dança do Sol", de 1968, é o favorito entre as centenas de contos do autor, e de longe um dos melhores da coletânea.

Narra a dificuldade de um homem chamado Tom Duas Fitas em desligar-se do passado de seus ancestrais sioux na Terra, da destruição de seus costumes e cultura, sua identidade e ligação com a natureza. Esses fatos são passado na vida do personagem, mas estão na ordem do dia entre nós, bastando lembrar dos ianomani e os povos da floresta amazônica.

Tom tem quarenta anos e é biólogo num planeta que está sendo preparado para colonização. Ele e seu grupo de colegas precisam exterminar manadas de Comedores, grandes animais desajeitados que devoram as plantas liberadoras de oxigênio, tão necessárias aos humanos.

É fácil exterminá-los, bastando jogar de helicópteros pílulas neurais que são ingeridas pelas criaturas e as envenenam.

Quando morrem, seus corpos se desfazem numa poça de fluido que aos poucos desaparece, não deixando restos. Milhões são exterminados assim, exceto uns poucos separados para estudo biológico.

É esse grupo que Tom começa a observar de perto. E descobre, entre estarrecido e maravilhado, que eles têm um certo padrão de comportamento. Têm um idioma de sons suaves, têm um deus, conhecem o amor, são inteligentes. E têm uma história que Tom

pretende resgatar.

Seus colegas não acreditam nele. Imaginam que Tom experimenta um terrível sentimento de culpa aliado ao seu passado ancestral de destruição de índios e búfalos nas pradarias americanas.

Escrita num exercício raro de técnica narrativa, esta história alterna mudanças de pessoas e tempos verbais, o que dramatiza a percepção subjetiva da realidade e das emoções do protagonista.

O resultado é um malabarismo de estrutura que torna este conto uma obra rara na ficção científica, e suas constantes reedições provam que Silveberg sabe como ninguém escrever uma boa história.

"Boas Novas do Vaticano", de 1971, fecha a coletânea com um conto que identifica no autor um desejo secreto de tornar-se papa - algo complicado, já que ele sequer é cristão.

Sua curiosidade a respeito dos complicados rituais que envolvem a eleição de um

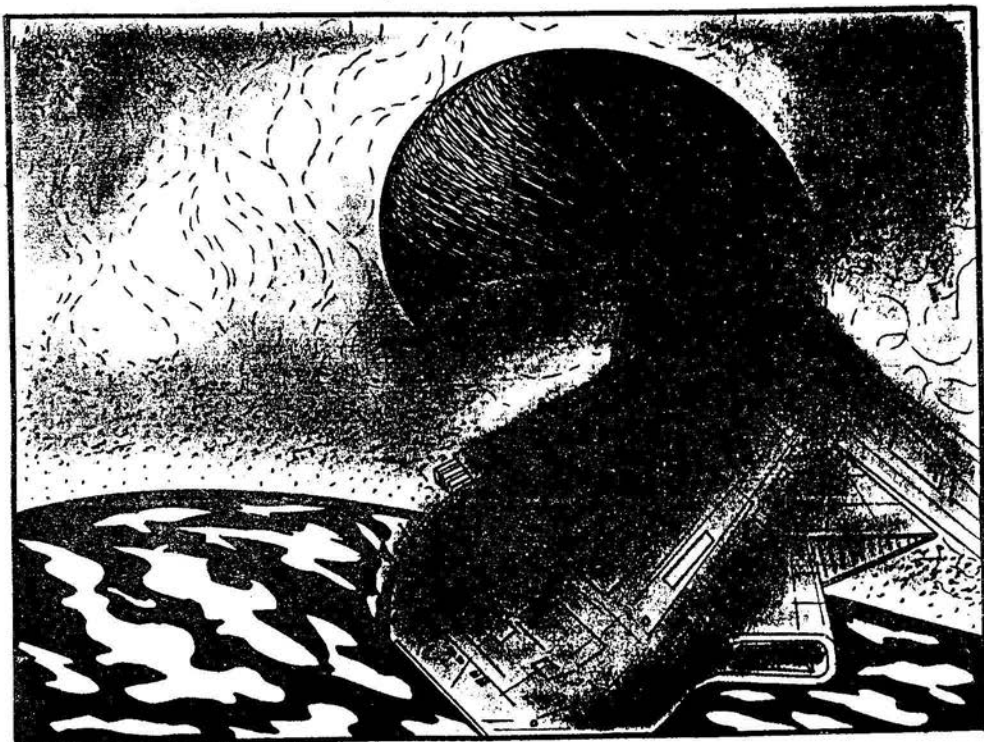
pontífice resultaram numa história brincalhona a respeito da ascensão do primeiro robô ao trono de São Pedro.

O conto amealhou o Nebula e inaugurou uma fase satírica que vem conduzindo o autor na sua terceira década de produção literária.

Para o leitor que não conhece a obra de Silveberg, esta coletânea é um passo decisivo na descoberta de um dos autores mais representativos do gênero.

Quem curte seu trabalho, contudo, tem aqui uma chance imperdível de conferir o talento fartamente demonstrado em centenas de contos, novelas e romances.

Uma edição sem dúvida oportuna, cujo único defeito talvez seja o título ingênuo e desvinculado da obra. A capa também deixa muito a desejar, mas trata-se de escorregadelas que não comprometem esta ótima iniciativa das Edições Melhoramentos.



Está Vendo a Cama? Está Vendo o Gato?

Christiano Nunes

KURT VONNEGUT JR., *CAMA DE GATO (CAT'S CRADLE)*, ED. RECORD, RIO DE JANEIRO, 1991.

Se para você Kurt Vonnegut, Jr. é apenas o autor de *Utopia 14*¹, então você não conhece nada deste polêmico autor americano. A editora Record colocou à venda, com tradução de Ronaldo Sérgio de Biasi, um de seus livros mais divertidos, *Cama-de-Gato (Cat's Cradle)*, que já teve uma edição brasileira na coleção Galáxia 2000.

Escrito em 1963, *Cama-de-Gato* relata a divertida trajetória de um escritor que começa escrevendo sobre o dia em que a bomba atômica explodiu e acaba ditador de San Lorenzo, uma ilha que nenhum conquistador fez muita questão de manter.

Está bem, eu também acho que não é um argumento muito hard. Talvez a única coisa fantástica seja o gelo nove, uma substância encomendada pelo exército norte-americano e que pode acabar com a vida na terra, mudando a existência de todos que sabem sobre ele. Só que isso é apenas perfumaria, coisas que Vonnegut usa para manter a atenção do leitor na história.

A intenção é discutir um pouco de tudo, a vida, o universo, a guerra fria (em uma passagem do livro, dois personagens discutem que o valor do gelo nove foi um casamento arranjado e uma semana de luxúria), tudo com muito humor. Um humor negro, extremamente eficiente, onde o riso nasce da mais absurda situação.. como neste calípsio:

*Queria que tudo na vida
Tivesse um sentido claro,
Para que meus semelhantes
Fossem felizes, o que é raro
Por isso inventei mentiras*

*Sempre que era preciso
E transformei nosso mundo
Num paraíso...*

Pode não parecer nada demais, mas isso é a sagrada escritura da religião de San Lorenzo, que poderia ser tudo, menos um paraíso.

Dentro da obra de Vonnegut, este é um livro síntese. Antes dele, por exemplo, temos o já citado *Utopia 14* e *Sereias de Titã* (edições GRD), opostos em tudo. *Utopia* é a caricatura da General Electric, onde Vonnegut trabalhou como relações públicas, e *Sereias* é quase uma fantasia surrealista sobre a falta de sentido da vida, porém repleto de exageros que, se não comprometem a narrativa, não têm a forma elegante que caracteriza a fase posterior de sua obra, como *Pastelão*, *Galápagos* e *Pássaro na Gaiola*. *Cama-de-Gato* tem as duas coisas: a caricatura da grande indústria (talvez até um pouco datada hoje, mas em 63 uma porrada) e a procura de sentido por parte dos personagens, em sua maioria membros da religião bokonista que diz (em um outro calípsio):

*Tigre vai caçar,
Zebra vai correr,
Homem vai pensar.
"Por quê, por quê, por quê?"
Tigre vai dormir,
Zebra descansar
Homem só sossega
Se pensa que pode explicar*

Apenas que o homem nunca consegue explicar, tanto nos livros de Vonnegut como no resto do universo. A menos que você ande com uma turma mais metafísica que a minha.

¹ Coleção Argonauta nºs 158 e 159. O título original é *Player Piano*, e foi publicado no Brasil pela Artenova como *Revolução no Futuro*.

André Carneiro

Sincronicidades ou Coincidências?

Jung tem uma teoria para explicar coincidências e outros fatos estatisticamente inverossímeis na vida humana. Chamou de sincronicidade, e não vamos comentá-la, mas dar exemplos curiosos.

Um amigo meu desejava comprar um produto raro fabricado na França por um pesquisador. Procurou-o em Paris inutilmente, não conseguindo localizar seu endereço. Um dia, no centro, perguntou a alguém onde ficava o metrô mais perto. A pessoa, gentilmente, pediu que o acompanhasse, pois ia na mesma direção. Meu amigo explicou porque viera até a França e citou o nome de quem procurava. O francês, bastante admirado, tirou sua identidade e se apresentou: era o homem procurado. Será que a sincronicidade de Jung explicaria o milagre? Já narrei aqui que, quando Rudá de Andrade me levou ao escritório de Paulo Emílio Sales Gomes, para lhe ser apresentado, ficamos aguardando na porta, porque ele estava narrando algo para várias pessoas. Com uma estranha sensação, acabei percebendo que ele estava contando o enredo de um filme brasileiro experimental que ele assistira em um cineclub de Paris. Eu era o autor do filme e isso até hoje me perturba.

Ainda ligado a cinema, tenho mais dois casos somente curiosos. Perto de Tucson, no Arizona, existe o chamado Old Tucson, uma velha cidade típica do tempo dos *cowboys*, construída inteiramente pelas companhias cinematográficas como cenário para seus filmes. Inclui também uma grande parte em estilo mexicano, mais um grande pátio de estrada de ferro etc. etc., tudo isso cercado pelo deserto. Lá foram produzidos alguns dos grandes clássicos do *western* americano. Como é uma cidade de mentira, não é habitada, mas se tornou um local de turismo

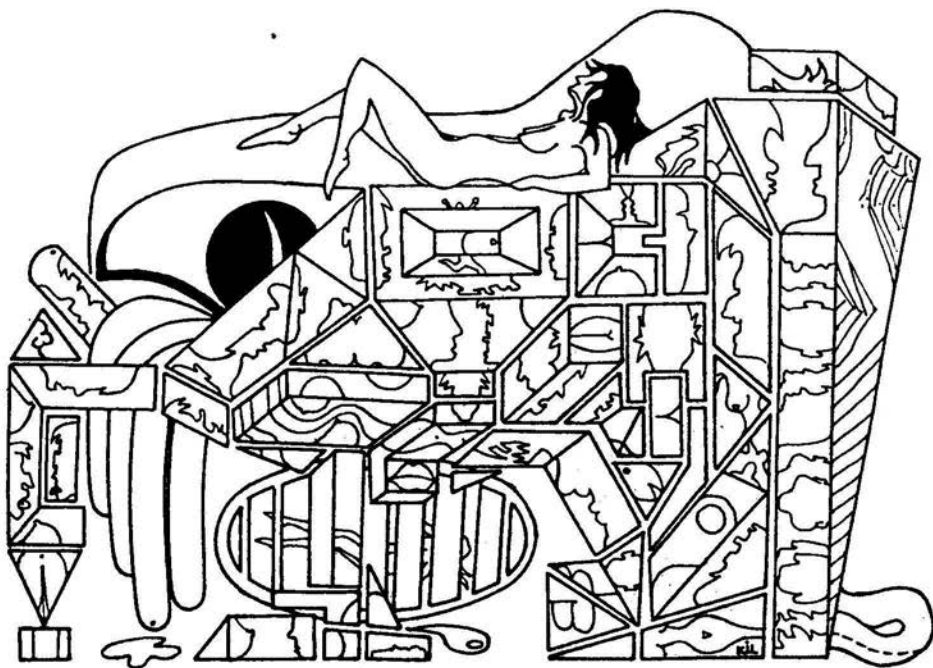
muito rendoso. Além de se visitar correios, bares e bancos (limpos, conservados, sem nenhuma puxação), na rua principal, já vista em centenas de filmes, há uma representação de uma cena de luta e duelo. Os visitantes aglomeram-se de um lado da rua de terra batida. Na frente, atuam os mocinhos e bandidos. Chega um caçador de prêmios e acontece uma luta física muito violenta, tão ilusoriamente real como nos filmes. O som e os diálogos vêm de alto-falantes muito eficientes e o resultado é mesmo extraordinário. Passeando pela cidade, eu e minha companheira descobrimos um canto agradável, com três cadeiras estranhas e bonitas, feitas por índios. Eram as únicas que vimos pela cidade, e descansamos nelas algum tempo. Dois ou três anos depois, em São Paulo, fui ver um filme ambientado no tempo da conquista do Oeste. A velha cidade me pareceu familiar e logo percebi por quê. Era Old Tucson. Subitamente, o mocinho e a mocinha sentam-se em duas cadeiras muito especiais e se dão as mãos. Tive de reprimir uma exclamação. Eram as minhas cadeiras. Só imaginei uma coisa muito louca. Levantar-me e gritar: eu me sentei nessas cadeiras. Só pensei, naturalmente.

Há pouco mais de uma década, um criminoso paulista, apelidado de Chico Picadinho, fez com sua namorada exatamente o que seu apelido indica, matou-a cortando em pedaços, colocando-os depois em uma caixa (todos os jornais fizeram comparações com o célebre "crime da mala", do começo do século. Outro psicótico fez o mesmo, encerrou os pedaços em uma grande mala e as despachou para a Europa). O terrível da história do Chico Picadinho é que ele foi condenado, cumpriu uma pena não muito grande, foi solto em condicional por com-

portamento e... fez de novo exatamente a mesma coisa, com uma prostituta. Fizeram um bom filme dessa trágica história, e eu fui vê-lo. Quando o criminoso entra no prédio de apartamentos e sobe para o terceiro andar, onde mataria sua vítima, senti qualquer coisa familiar. Há poucos anos atrás, eu tinha um pequeno apartamento na rua Santo Amaro. Pois o Chico vai pelo corredor, pára em frente à porta, e eu vejo o número do "meu apartamento". A produção o tinha alugado para a cena.

Eu tinha quinze anos quando joguei no célebre "jogo do bicho" pela primeira vez. Não sei explicar a razão, mas pedi ao rapaz do guichê para por uma pequena quantia na

centena 235 no terceiro prêmio. Ele tentou me esclarecer que eu tinha de "cercar", ou jogar no primeiro prêmio, pelo menos. Por timidez ou teimosia, não fiz nada disso... e ganhei, no terceiro prêmio. Também a primeira vez que entrei, todo emocionado, no Cassino Atlântico, joguei no 25 e ganhei uma bolada. Os entendidos já perceberam que 25 é carneiro. Tento repetir o milagre, de vez em quando, mas não sei a chave que abre a coincidência... ou a sincronicidade. Nem Jung sabia, nem a parapsicologia sabe como funciona. Segundo propaganda nos jornais domingueiros, as cartomantes sabem e cobram pouco para nos ensinar. Vou começar a consultá-las...



Rocket & Roll

BY ZEO

SACO! EU NÃO
TE FALEI QUE O
TELETRANSPORTE
ESTAVA COM
DEFEITO!

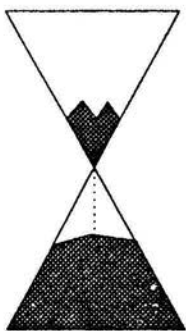
BEM, PELO MENOS
AGORA, NÓS
TEMOS ALGUMA
COISA EM COMUM!



PARADOXO XODARA

Carlos A. Angelo

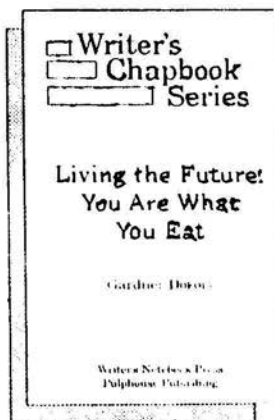
do tempo e voltou no tempo e entrou na máquina



Writer's Notebook Press Writer's Chapbook Series

This is a series of chapbooks designed to help writers master the craft of writing fiction. Novelist, short story writer, and editor of *The Magazine of Fantasy and Science Fiction* Kristine Kathryn Rusch will write the first sixteen. Mark Budz will edit the overall line and add five new chapbooks every two months. At this time we do not have all of the first sixteen out. Therefore they are not listed. The following chapbooks are available:

- #2**
THE RULES
Kristine Kathryn Rusch
- #3**
SETTING
Kristine Kathryn Rusch
- #4**
CHARACTERIZATION
Kristine Kathryn Rusch
- #17**
**WRITING SCIENCE
FICTION AND FANTASY**
Algis Budrys
- #18**
HOW TO BUILD A FUTURE
John Barnes
- #19**
HOW TO BUILD A PLANET
*Poul Anderson
and Stephen L. Gillett*
- #20**
**MYTH AND ARCHETYPE
IN SCIENCE FICTION**
Ursula K. Le Guin
- #21**
TALKING ABOUT WRITING
Ursula K. Le Guin
- #22**
**ONE VIEW:
Creating Characters in
Fantasy and Horror Fiction**
Steve Rasnic Tem
- #23**
ON WRITING
Jack L. Chalker



- #24**
**MYTHIC REALISM
IN FANTASY**
Nancy Springer
- #25**
WRITERS' WORKSHOPS
James Patrick Kelly
- #26**
**WORKSHOPS:
The Minefields of
Science Fiction**
Steve Perry
- #27**
FAKING OUT THE READER
Damon Knight
- #28**
PROFESSIONALISM
Jerry Olton
- #29**
**DARKNESS ABSOLUTE: The
Standards of Excellence in
Horror Fiction**
Douglas E. Winter

- #30**
**WISDOMS & WARNINGS:
Writing SF for
Young Readers**
Jane Yolen
- #31**
**LIVING THE FUTURE:
You Are What You Eat**
Gardner Dozois
- #32**
AUTHORS vs. EDITORS
Stanley Schmidt
- #33**
**SF: THE CHALLENGE TO
THE WRITER**
Reginald Bretnor
- #34**
**HOW TO INCREASE YOUR
WRITING PRODUCTIVITY**
Kevin J. Anderson
- #35**
PUNCTUATION
Sasha Miller
- #36**
**ON SURPRISES,
GENEROSITY, THE
BLUE HORSE ON THE
HIMALAYAN HILL**
Nancy Springer
- #37**
**IT ALL BEGINS
WITH CHARACTERS**
Damon Knight
- #38**
THE DESIGNER'S UNIVERSE
Gregory Benford

EACH CHAPBOOK \$3.00

Buy any two...\$5.00

Buy any three...\$7.00

Buy any five...\$10.00

PULPHOUSE PUBLISHING Box 1227 Eugene OR 97440